GASPAR HERNÁNDEZ

A TERAPEUTA

UM ROMANCE SOBRE A ANSIEDADE



Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Copyright © 2014 Gaspar Hernández
La terapeuta, de Gaspar Hernández. Direitos de tradução negociados
por Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.
Copyright © 2014 Casa da Palavra
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Copidesque
Maria Beatriz Branquinho da Costa

Revisão
Raquel Maldonado

Adaptação da capa original
Humberto Nunes – Lume Ideias

Foto de capa
© Jen Kiaba/Trevillion Images

Diagramação
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
H478t
Hernández, Gaspar, 1972
A terapeuta / Gaspar Hernández ; tradução Marcelo Barbão. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Casa da Palavra, 2014.

Tradução de: La terapeuta
ISBN 9788577345007

1. Romance espanhol. I. Barbão, Marcelo. II. Título.
14-15406 CDD: 863
CDU: 821.134.2-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL
Av. Calógeras, 6, 701 – Rio de Janeiro – RJ – 20030-070
21.2222 3167 21.2224 7461 divulga@casadapalavra.com.br
www.casadapalavra.com.br

Primeira Parte

Depende muito da psicóloga, depende demais. No entanto, isso não é tão ruim para ele. Não só porque atualmente não saberia o que fazer sem ela, nem poderia manter sob controle os pensamentos ansiosos, nem poderia atuar no teatro Romea, mas também porque se sente atraído por ela, tal como se supõe que deva acontecer com a maioria dos homens que se colocam nas mãos de uma psicóloga. O nome dela é Eugenia Llort, ele a conheceu há quase duas semanas, na noite do assassinato. Desde então, se veem todos os dias: uma espécie de terapia intensiva. Uma hora pela manhã, no consultório, e quase duas horas à noite, no teatro Romea, onde ela comparece como se fosse uma espectadora normal e corrente. Senta na primeira fileira, na poltrona número dois, a qual ele pode ver de qualquer ponto do palco.

– Irei, por via das dúvidas – disse ela, no começo.

E não deixou de ir.

De manhã, na consulta, o que ele precisa fazer é se recordar da noite do assassinato. Não se lembra de tudo, pelo contrário. Do que se lembra melhor é do olhar da vítima, Marina C., um olhar que não continha raiva nem ódio, mas desconcerto, como se a pobre garota não entendesse por que tinha sido baleada nem por que estava sangrando. Tinha a intuição daquilo que mais tarde acabou se descobrindo: foi tudo um erro. Segundo fontes policiais, um erro relacionado a drogas. Não era Marina C. que queriam matar.

A primeira pessoa que ele, Héctor Amat, viu morrer em 44 anos. Até agora só tinha vivido os dramas no palco. Com a exceção de que não é possível dizer que vivesse um drama; foi apenas um espectador involuntário. Passava por ali, tinha saído do trabalho no Romea e ido ao estacionamento Ciutat Vella buscar o carro para voltar para casa. Teve sorte, não foi ferido (pelo menos fisicamente).

Pouco tempo depois, não se lembra se foi muito ou pouco, coisa que neste momento o preocupa, porque acha que devia ter ligado para a emergência imediatamente (porém, como ele poderia ligar se não tem celular?), um tempo depois chegou Eugenia Llort. Esse era seu primeiro plantão como psicóloga de emergência. Ela o acompanhou e o acalmou com suas mãos brancas de veias aparentes.

Desde aquela noite, ele se sente desamparado frente à realidade. Sente ansiedade. A ansiedade, na verdade, está aí faz tempo, só que até agora não tinha dado esse nome. Não tinha dado nome a uns sintomas – o aperto no peito, o ritmo cardíaco acelerado – que a visão do assassinato multiplicou por dez, por cem.

Até agora tinha ouvido falar da ansiedade, como todo mundo, só que a relacionava a pessoas nervosas (e o temperamento dele era tranquilo). Até agora pensava que ansiedade era o nó no estômago ao subir da cortina. Ou melhor, que os ansiosos eram os outros, os atores histriônicos, de temperamento explosivo. Atores desequilibrados. E ele, que se vangloriava de poucas coisas – apenas de ter interpretado ao longo de 22 anos alguns papéis de maneira digna –, via-se como um homem equilibrado, com os pés no chão.

Agora perdeu o equilíbrio. Não só mental, mas também físico. Não sabe exatamente se sente tontura ou vertigem, não sabe se é ele quem dá voltas ou o que está fora. Por sorte, nestes dias interpreta um personagem que bebe demais da conta, e os espectadores acreditam que seu andar desajeitado é intencional, a ponto de aplaudi-lo. Tem alguma graça – para não dizer que é patético – que ele, que é abstêmio, seja aplaudido por interpretar um cara que não sabe beber.

***

O problema grave é o medo. Essa é outra questão. Segundo a psicóloga Llort, seu sistema nervoso primitivo se tornou hipersensível: intui perigos onde não existem. Na rua, enquanto está andando, fica com medo de cair em cima das pessoas. E passa a tarde toda com medo de sofrer um ataque de ansiedade à noite, no meio da peça, em frente a centenas de espectadores. Tal como aconteceu com o também perfeccionista Daniel Day-Lewis. Em 1989, enquanto interpretava *Hamlet* no National Theatre de Londres, Day-Lewis começou a ter convulsões e a chorar. Não é verdade, como se especulou, que tenha visto o fantasma do pai. Sofreu um ataque de pânico, saiu correndo, deixou a apresentação pela metade e desde então não voltou a fazer teatro.

Se Héctor tivesse um ataque de pânico no meio da peça, teria que pedir para ser dispensado. No entanto, em Barcelona, ao contrário de Londres, não há atores suplentes. Caso fosse dispensado, a obra que representa atualmente no Romea, *Suave é a noite*, teria que ser suspensa.

Continua graças à psicóloga. Ele a vê como uma espécie de *personal trainer*, ou

uma psicóloga de cabeceira. Uma psicóloga que o protege de si mesmo, de seus pensamentos ansiosos, de manhã e de noite. E não porque ele tenha pedido, não por uma vontade do ator, mas porque ela, atualmente, tem poucos pacientes no novo consultório e pode oferecer seu apoio a qualquer momento.

A psicóloga Llort, a espectadora Llort. Dona de todas as virtudes: correta, disciplinada e, ao mesmo tempo, com uma grande dose de humanidade. Às vezes, para si mesmo, ele a chama de "a mulher perfeita", já que sempre encontra a atitude e as palavras oportunas para cada ocasião, sem se retrair nem exceder. Agradece um pouco de contenção, por contraste com a desinibição verbal e corporal que a maioria dos atores e das atrizes demonstra. No transcurso de uma conversa, passam da inanição e do desmaio à baboseira e à histeria.

Ele se pergunta até que ponto é eficaz a terapia ou a terapeuta. A amabilidade delicada dela ao tratá-lo. A amabilidade: um medicamento que vai liberando seu princípio ativo.

Ou talvez o que é efetivo é a maneira como o escuta. As namoradas que teve até o momento – a maioria atrizes, menos a última, Ruth, jornalista que agora quer ser sua "melhor amiga" –, as namoradas que ele teve até o momento não o escutavam tanto. Escutam bastante pouco, as atrizes. De fato, hoje em dia pouca gente escuta. As mentes sempre sobrecarregadas de estímulos: do palco é possível ver as telinhas dos celulares ligando, desligando.

Eugenia Llort o escuta com um afeto sincero, como se fosse uma amiga, ou uma conhecida que quisesse ser amiga e que se interessasse por ele. Uma boa entrevistadora: também parece ser isso. De vez em quando saem da consulta e passeiam para que ele vá perdendo os medos e a vertigem. Então, como se cansa de falar dele mesmo, permite-se alguma mudança de tom, algum exagero, aí ela ri, segura no seu braço. Assim, pois, há cumplicidade. Ela passou batom nos lábios e se arrumou com trajes elegantes de tons marrom, cinza; a listra da calça, impecável. Usa perfumes franceses. As psicólogas se arrumam tanto? E se ela se arrumar para ele?

É inevitável fazer esse tipo de conjecturas: a personagem que interpreta no teatro Romea, Dick Diver, é um psiquiatra que abandona a carreira depois de se apaixonar por uma paciente. E apesar de a situação de Héctor não ter nada a ver com a de Dick Diver – para começar, ele é o paciente –, não consegue evitar fantasiar tudo que poderia acontecer se houvesse uma aproximação com Eugenia Llort. Se essa aproximação já não está acontecendo. Se não é que há algo mais entre eles dois.

É consciente de que agora a prioridade é outra: deixar de ter medo, recuperar a

normalidade. No entanto, por acaso as fantasias não fazem parte da normalidade? Não faz parte da normalidade se sentir atraído pela mulher a quem abre a própria mente? Existe algo mais íntimo do que abrir a mente para alguém? O sexo? Hoje em dia, é claro que não. No palco deve haver pouco sexo; fica mecânico, ridículo.

Ao meio-dia se despedem, e à noite se veem novamente, ainda que em outro contexto – no teatro Romea, onde já não podem conversar. Ela senta como se fosse uma espectadora a mais, na primeira fileira, na poltrona número dois. Enquanto ele atua, quando finge estar distraído, aproveita para olhar de soslaio para ela. Teoricamente, ele atua para duzentos espectadores, às vezes trezentos, até mesmo quatrocentos; no entanto, de acordo com a maneira como ela estiver sentada, se a ouve rir ou tossir – coisa que, no Romea, um teatro pequeno, é fácil acontecer –, em função das reações dela, ele modifica a interpretação.

— Irei ao teatro Romea, por via das dúvidas – disse ela, no primeiro dia de terapia.

E não deixou de comparecer.

Os companheiros tiram sarro pela “admiradora” – assim a chamam –, apesar de saberem muito bem que ele não tem muitas admiradoras. Ele protagonizou apenas dois seriados de televisão. Não fez muitos filmes, nem “triunfou” em Hollywood. Ultimamente se dedica de maneira exclusiva ao teatro. Quer ter o público na frente, senti-lo rir, respirar; o público como um todo. Qual a graça de atuar na frente de uma câmera? Além disso, não acha agradável o processo industrial dos seriados: são feitos como salsicha.

– Como vai a nova admiradora? – perguntam os companheiros, gracejando. Outro ponto a favor do teatro: essa sensação de equipe, o companheirismo, os abraços. Nada de encerrar-se em um trailer para esperar a cena seguinte. – Como vai a nova admiradora? – Os companheiros ficam intrigados com o fato de a psicóloga estar ali todos os dias. No entanto, a terapia não tem nada de extravagante, é a que costuma ser feita nestes casos. No primeiro dia, a psicóloga Llort disse que seguiriam os mesmos passos que fariam se ele tivesse medo de voar. Nesse caso, iriam juntos ao aeroporto do Prat e passeariam dentro de um avião que não tivesse que decolar. Depois pegariam juntos um voo, dois, três, os que fossem necessários.

– E você não teria que se preocupar – acrescentou com voz firme. – Eu estaria sentada ao seu lado.

Não teria que se preocupar. Essa frase ficou gravada. Como se, em vez de uma psicóloga, ela fosse um anjo da guarda.

Realmente, estiveram passeando pela Rambla e pela rua do Hospital, entraram no Romea, vazio naquele momento, e andaram por ali, como se se tratasse de um avião que não tivesse que decolar. Depois de um momento, ele recuperou a segurança para atuar. A segurança nos próprios recursos: a segurança que ele tinha perdido.

Aquele dia, no domingo, o dia depois do assassinato, ele tinha perdido o sono depois de quatro horas dormindo. Tinha acontecido o primeiro *flashback*, o olhar

da garota ferida, cheia de desconcerto. Não era a primeira vez que tinha visto aquela garota, isso estava claro. Ele a conhecia de algum lugar, mas não sabia de onde. Ainda não sabe. A amnésia: uma parte de seu cérebro quer protegê-lo e guarda à chave algumas lembranças.

Ele tinha permanecido com a garota durante um bom tempo, no entanto, não se lembrava se tinha desmaiado, o que devia querer dizer que sim. Que boa maneira de ajudar a pobre garota, desmaiando. No entanto, era a primeira vez que via uma morte violenta. Até então, a morte só tinha sido uma ferramenta, no palco, para alimentar a imaginação dos vivos. Os assassinatos faziam parte da seção policial – ainda existia a seção policial? – dos jornais que não lia. Fazia meio ano que tampouco tinha celular e cancelara a linha ADSL. Muitas interrupções, estímulos demais. Ele não se considerava um *artista*, mas um trabalhador. "Trabalha muito bem" era o elogio que seus seguidores mais repetiam. Bem ou mal, trabalhava muito. Passava semanas, meses, entrando na pele da personagem. E para conseguir isso, precisava se isolar do mundo exterior, viver numa espécie de bolha. Sua mente limitada tinha que estar livre. Antes conseguia sem muito esforço. Agora tudo eram distrações. As consciências da população como um continente invadido pelas novas tecnologias.

***

No meio da manhã do domingo tinha tocado o telefone fixo. Era aquela mulher tão amável que na noite anterior o ajudara no estacionamento a se recompor do crime e que – nesse preciso momento acabava de ficar sabendo – era psicóloga. Ele não sabia que tinham psicólogas que acompanhavam as ambulâncias. Era da previdência social? Os psicólogos não foram cortados pela crise? Uma ligação de acompanhamento. O nome dela era Eugenia Llort e queria saber como estava. Depois tinha dado seu número de telefone. Ele tinha agradecido a ligação enquanto pensava que realmente não precisava de uma psicóloga. Não tinha sofrido dano algum, não precisava de ajuda psicológica, nunca tinha precisado: suas feridas psíquicas, típicas de um homem normal e corrente, eram exteriorizadas no palco. Além disso, ir a um psicólogo teria significado se analisar, e ele não queria olhar para o próprio umbigo: mais interessantes eram os outros. Nunca antes na história tinha dado tanta importância ao eu: aquilo que gosto, meus amigos, o que penso, o que sinto. No palco precisa se desprender do ego. Se não, estaria interpretando a si mesmo.

Depois de comer, pegara o metrô para ir ao centro trabalhar, no teatro Romea, e, precisamente enquanto descia pela Rambla foi assaltado por *aquilo*. Uma forte opressão no tórax. Palpitações. Custava respirar.

Estava sofrendo um ataque do coração? Estava morrendo? Nunca tinha experimentado nada parecido. A sensação era de irrealidade. A visão do que tinha a seu redor – os pedestres, as barracas de flores, as bancas –, tudo se desvanecia numa aquarela molhada.

Não se lembrava de quantos minutos havia ficado sentado no chão, no meio da multidão. Quando viu que tinha forças para se levantar, foi até uma cabine para ligar para a psicóloga, apesar de ser verdade que, enquanto ligava, estava pensando que deveria ir ao pronto-socorro, que aquilo não tinha sido nada de psicológico.

***

Pouco tempo depois tinham se encontrado em Canaletas. Uma mulher mais alta do que se lembrava da noite anterior. A beleza dela era indômita; os olhos escuros, diretos. Porém, parecia querer compensar aquele físico intimidador com um ar tímido, alusivo.

Ele tinha contado aquilo da sensação de irrealidade, de aquarela molhada. Era ator e em menos de duas horas tinha que atuar, não podia deixar a peça, estava acostumado a trabalhar com gripe, com febre, com dor de dente. Em Barcelona não havia atores suplentes.

– Não se preocupe – disse ela. – Eu te acompanho até o teatro Romea.

Como se aquele fosse o remédio que pudesse aliviá-lo: que alguém o acompanhasse. Que *ela* o acompanhasse.

Enquanto passeavam pela Rambla, ela explicou com um tom de voz pedagógico que não tinha sofrido nenhum infarto nem tinha estado a ponto de morrer. Sim, era lógico que havia se assustado; no entanto, uma crise de ansiedade não era algo grave. Era importante que ele fizesse o que prevera, que não deixasse de fazer nada por medo. E foi ali, bem na esquina da rua do Hospital, que ele se deu conta de que de fato tinha medo. Medo do medo. Medo de voltar a sofrer *aquilo* que não se parecia com nada. Como é possível que tenha sido tão forte?, pensava enquanto continuava andando, pouco a pouco. Como é que havia homens que sentiam os ataques de ansiedade como pura rotina? Que deixavam passar e depois continuavam a atividade que estavam fazendo. Os homens não falavam

muito dos ataques de ansiedade. Ou melhor, afogavam tudo no álcool. O macho ibérico certamente não sofria isso. Eram as mulheres, as mulheres atrizes, que conviviam com os ataques de ansiedade como quem convive com uma doença crônica. Ele, agora que pensava nisso, não sabia nada da ansiedade. Era uma doença? Ou talvez fosse o preâmbulo, a pré-estreia da doença? Até agora pensava que a ansiedade era o nó no estômago de quando subia a cortina. Eram os outros, os atores histriônicos, desequilibrados.

Agora o desequilibrado era ele. Estava tonto, talvez por causa da respiração entrecortada. Ou talvez não chegasse oxigênio suficiente ao cérebro. A psicóloga deve ter percebido seu passo oscilante, porque pegou na mão dele. Antes tinha pedido permissão: ou era muito educada ou não queria assustá-lo.

– Seguro sua mão, tudo bem?

Assim haviam entrado no teatro Romea, de mãos dadas, como se estivesse convalescente e não pudesse se virar sozinho. Por sorte, ainda não havia espectadores. Foram ao bar. Ele pediu água, no entanto, não conseguiu tomar nem um gole. Sua atitude era de perplexidade. Tão grave era aquilo? Tão frágil era ele? Onde estava sua firmeza para enfrentar a adversidade? A firmeza do homem que não ficava nervoso antes da estreia, quando toda a companhia estava histérica.

Nos minutos seguintes ela falou, com suavidade, quase com ternura. Foi então que explicou que procederiam como se ele estivesse com medo de voar. O tratamento era chamado de cognitivo-condutivo. Passeariam pelo palco, aproveitando que ainda não havia nenhum espectador. Ele não tinha que se preocupar com nada; ela estaria ao seu lado a todo momento. Em outras circunstâncias, ele teria pensado: “Como essa mulher se acha, está convencida de que com ela ao meu lado, acabarão todos os meus males.” Porém, nesse momento, estava torturado pelo medo.

Passearam pelo palco, onde estava apenas o técnico de iluminação preparando a luz raivosa da primeira cena, que se passa em uma praia da Costa Azul. Foram ao camarim. Devia ser o primeiro no qual ela pisava em toda sua vida, porque disse que as lampadinhas brancas dos espelhos eram como as dos filmes. Ia soltando comentários desse tipo – “Vocês mesmos se maquiam?”, “Não têm maquiadora?” –, como se quisesse distraí-lo dele mesmo, de seus pensamentos ansiosos. Mesmo assim, eram comentários sinceros: uma mulher de uma idade indefinida, algo entre 35 e 40 anos, que não tinha perdido a capacidade de se surpreender.

Quando chegou o momento de começar a peça, como ela não podia continuar ao seu lado (“Ficaria muito bem ao seu lado enquanto atua” – disse com ironia, para diminuir a importância da situação –; “Teatro experimental, poderíamos chamar”), decidiram que se sentaria na primeira fileira. Bem no centro, ao lado do corredor, na poltrona número dois, que podia ser vista de qualquer ponto do palco.

– Acredito – disse com aquela sua educada contenção, com modéstia, como se deixasse claro que não queria ganhar nenhuma medalha –, acredito que o fato de saber que pode contar comigo, aconteça o que acontecer, o ajudará a fazer a peça.

E assim foi.

A psicóloga Llort, a espectadora Llort.

No dia seguinte, às onze, se viram no consultório – onde Héctor está agora mesmo, fazendo hora. Uma consulta de acompanhamento, assim como no dia anterior tinha acontecido uma ligação de acompanhamento.

A psicóloga Llort pediu que tentasse descrever, com o máximo de detalhes, como tinha se sentido no dia anterior, na Rambla.

Ele fez isso e concluiu que aquilo não era totalmente novo. O ataque de ansiedade, sim, porém, a sensação de tontura, o aperto no peito, a taquicardia, fazia tempo que os arrastava. Nunca dera muita importância a isso. De fato, nunca pensara que fossem sintomas relacionados entre si. Atribuía a sensação de tontura ao calor, ou à sua pressão baixa. E o aperto no peito e a taquicardia, aos nervos.

Agora, formavam um todo. Tinham se multiplicado por dez, por cem.

Costuma acontecer, disse a terapeuta. A visão do assassinato tinha sido um desencadeante, como o catalisador de uma reação química. E mais ainda se aquela garota parecia conhecida de algum lugar.

De onde poderia ser?

Nem ideia.

Teremos que trabalhar isso, dissera a terapeuta. Ele deveria tentar lembrar de onde a garota parecia familiar. Também o maior número possível de detalhes daquela noite no estacionamento.

– Do que se lembra exatamente? –perguntou ela.

Enquanto ele contava a sequência do assassinato no estacionamento, teve seu segundo ataque de ansiedade.

E a terapeuta voltou, forçada, ao papel de cuidadora. Entregou a ele uma sacola para que ele respirasse dentro e equilibrasse, assim, o oxigênio e o dióxido de carbono. Tinha hiperventilado, no entanto, de acordo com ela, em poucos minutos já estaria bem. Era necessário que mantivesse em mente que não havia nenhum perigo.

Fitava-o com seus olhos compreensivos. Olhos atentos a um homem envergonhado. Aproximou a poltrona à dele e continuou falando em um tom de voz doce. Seu sistema nervoso primitivo, o sistema que tinha permitido que sobrevivêssemos como espécie, tinha um excesso de zelo. Intuía perigos onde

não havia. Aquele dia não, porque era uma segunda-feira, seu dia de folga, o dia em que os teatros fechavam; porém, no dia seguinte, ela voltaria ao Romea.

– Irei por via das dúvidas.

E fora.

E ele salvara o espetáculo novamente.

Nada a ver com as superstições dos atores, como as flores amarelas no camarim, ou o fato de se desejar "muita merda". Tinha sido outra coisa, uma questão médica. Se tivesse sido o caso de uma pessoa doente do coração, que tivesse sofrido um infarto e tivesse medo de sofrer outro em plena atuação, não é verdade que teria atuado melhor se soubesse que tinha um cardiologista na primeira fileira, só para ele? Pois era isso.

E depois daquela terça-feira, tinha repetido a dinâmica noite após noite.

Até hoje. Por via das dúvidas.

Não é nenhuma superstição nem teimosia do ator. Os fatos falam por si: cada tarde, depois de comer, sente um aperto no peito, a respiração entrecortada. Como um mecanismo automático, sem que ele o tenha provocado com nenhum pensamento negativo. Mesmo assim, durante o restante da tarde, os pensamentos negativos vão aparecendo: o medo de voltar para a rua do Hospital, a rua do estacionamento, a rua do assassinato da pobre garota, a mesma rua do teatro Romea. Se ele atualmente trabalhasse, por exemplo, no Teatro Nacional, na outra ponta de Barcelona, talvez não tivesse este tipo de temores antecipatórios. O medo de fracassar, de não estar à altura, de ter um ataque em pleno palco e não saber o que fazer. Não poder recorrer à técnica, o medo de se esquecer de uma resposta, de ter vontade de desaparecer, de sair correndo; medo de começar a chorar; que exagero, como é doentia a ansiedade. Acentua-se durante à tarde, à medida que vai ouvindo seu corpo. E não sabe até que ponto ele mesmo a acentua escutando demais. Três horas antes do espetáculo, quando pega o metrô para ir ao centro de Barcelona, de repente, percebe que está tremendo, molhado de suor. No entanto, continua em frente, tal como Eugenia Llort disse para fazer. Às vezes, no meio da multidão do vagão, fica com claustrofobia. No entanto, segundo a psicóloga, isso é normal. Os sintomas se misturam com os de outras patologias, e a claustrofobia é um deles.

Tudo muda antes de começar a peça, no camarim. Contrariamente ao que teria imaginado, os nervos diminuem. Talvez isso tenha a ver com o espaço; o

camarim como refúgio. Talvez seja o que Eugenia Llort diz que em psicologia é chamado de *efeito santuário*: lugares, pessoas que acalmam os ansiosos.

Falou isso para ele outro dia, enquanto passeavam.

– Sim, existem as “pessoas santuário”. Não ria – disse ela, rindo também.

Pessoas e lugares “santuário” que eram cruciais na hora de diagnosticar a ansiedade. O sistema de saúde público demorava um ano e meio para diagnosticá-la. O doente devia passar por todo tipo de testes, até que os médicos descartassem tudo. E só nesse momento diagnosticavam a ansiedade. Segundo a psicóloga Llort, seria mais simples se perguntassem ao doente se tinha lugares ou pessoas que o acalmavam. Nenhuma outra doença dependia de quem estava por perto.

Desciam pelos Jardinets de Gràcia, conversando em meio ao barulho dos carros. A manhã estava ensolarada. O céu era de uma cor azul pálida. Fizeram uma espécie de parada técnica na frente do Cine Casablanca, que tinha sido fechado havia pouco, afogado em dívidas.

– Você está bem? – perguntou Eugenia Llort. E continuaram rumando para os jardins do Palau Robert.

Passearam entre as palmeiras, as samambaias, as nespereiras. Só havia mães e crianças. E papagaios, muitos papagaios.

– Gosto de ser a sua espectadora santuário – disse ela. E riram novamente.

Um desses momentos de cumplicidade.

Depois, enquanto continuavam andando, como ele ia olhando para o chão para não perder o equilíbrio, observou uma das plaquinhas do canteiro: *Agapanthus africanus*, também chamada, segundo a plaquinha, *de flor do amor*. Héctor não fez nenhum comentário. Nenhuma piada sobre o tema do amor. Se existia algo mais entre eles, já iria saindo sem necessidade de forçar. Nem de fazer piadas fáceis.

A psicóloga Llort, a espectadora santuário Llort. Cada noite, assim que a vê chegar ao teatro Romea, coisa que costuma acontecer por volta das oito e meia, Héctor começa ficar sossegado. Ela não teve nenhum imprevisto, nenhum plantão de emergência como o da noite em que se conheceram. O pulso dele se desacelera. O ritmo cardíaco volta a ser o habitual de antes de uma apresentação. Quer dizer, há tensão, embora se trate de uma tensão controlada. Seria ruim que não notasse o fluxo de adrenalina antes de atuar.

Vê chegar a Eugenia Llort por um pequeno monitor que há no camarim. O monitor em preto e branco do ano de Maria Castaña que naqueles dias o gerente

do Romea teve que instalar para vangloriar-se de que o teatro contava com tecnologia de ponta. Até agora ele não tinha reparado muito no monitor. Não ficava olhando quais espectadores tinham ido ou deixado de ir. O público era como um todo, quase abstrato. Tinha muito presente a lição de Peter Brook: o público era uma espécie de sócio do qual os atores tinham que se esquecer.

Agora, a cada noite a vê chegar. Uma mulher que vai sozinha ao teatro. Uma mulher alta, angulosa, esbelta. Poderia ser uma atriz que vai ver seus amigos. De fato, tem a expressão severa que ele associa às atrizes francesas.

Pelo monitor ele a vê chegar ao bar e espera que o garçom termine de servir os últimos lanches, cafés, taças de cava. Vê como pede uma água e se dirige ao hall. O piso do chão, em preto e branco, visto no monitor, parece um tabuleiro de xadrez. E aí no meio está ela, rodeada de espectadores que conversam, de pé junto ao piano, sentados nos sofás vermelhos que no monitor são cinza. Eugenia costuma dar uma olhada nas fotografias penduradas na parede, as 65 fotografias históricas do teatro. De repente, ouve-se a gravação pelo sistema de som: “Bem-vindos ao teatro Romea. O espetáculo começará dentro de dez minutos.”

Então, ela entra na plateia. Senta na primeira fileira, na poltrona número dois. Pega uma garrafa d’água e a encaixa entre as pernas cruzadas.

E assim é de terça a domingo. O mesmo ritual. A mesma poltrona.

Assiste à peça inteira. Uma espectadora agradecida. E vai embora justo quando começam os aplausos, pela porta lateral, a que está do lado da chapelaria. Assim não precisa enfrentar as filas da saída.

Uma espectadora agradecida, apesar de a pobre provavelmente saber a peça de cabeça: os diálogos, os tons de voz, os erros, as expressões dos atores quando se distraem, quando improvisam. Nesta altura, duas semanas depois da estreia, o perigo é confiar e cometer erros estúpidos. Eugenia Llort deve detectá-los num instante. No entanto, a atitude dela é generosa: vai ao teatro predisposta a gostar da peça.

Às vezes, já a ouve rindo na primeira cena, que tem um ponto cômico. Ele entrou no palco vestido com uma sunga de listras vermelhas e um boné de jóquei. Em uma mão leva um rastelo e, na outra, um tubo de creme bronzeador Ambre Solaire (na época da obra não estava mais na moda a pele branca).

Então, depois da primeira resposta, que faz referência a um rumor que circula sobre North: "Um personagem que teria sequestrado um garçom com a intenção de parti-lo em dois", já a ouve rir com vontade. Uma gargalhada verdadeiramente contagiosa: ela começa e depois o resto dos espectadores vai se somando.

Ontem a ouviu rir quando Nicole disse que o sobrenome McKisko parecia "substituto de gasolina ou de manteiga".

Ri, também, porque ele provoca riso. No palco, sua vertigem e as tonturas provocam risada. Para não dizer que dão pena.

Na noite da estreia, quando ainda não sofria de vertigem, Ruth, sua ex (já tinham se separado, mas ela continuava sem se afastar dele), disse:

– Seco como uma árvore. Preciso dizer isso a você porque se não, vou arrebentar: esse personagem faz você ficar seco como uma árvore.

O diretor, Ferran Madico, foi mais diplomático e usou outro adjetivo: *metálico*. O personagem ficava "metálico".

No entanto, ao cabo de dois dias, aconteceu o assassinato e, durante a apresentação do dia seguinte, o episódio do carrinho de bebidas. E aquele episódio, quem diria, fez com que ele aperfeiçoasse a interpretação. Ou, melhor, que aumentasse a acolhida do público.

O carrinho de bebidas está localizado bem no centro do palco e é o ponto

nevrálgico de uma peça na qual os personagens não param de beber vinho Bujolais, champanhe, uísque. Na verdade, o uísque é suco de maçã, e os atores saboreiam mesmo assim, como se fosse Old Fitzgerald Bourbon, tal como está marcado no rótulo. Durante os ensaios, o diretor Madico tinha dado a seguinte instrução:

– Os personagens de vocês bebem tanto que estão por cima da bebida.

Então, no dia do episódio do carrinho de bebidas, a atriz Laura Conejero, que interpreta o papel de Nicole, acabava de dar a resposta dos homens brilhantes que se autodestroem. Ele, ou para sermos precisos, Dick Diver, respondeu, com um tom de ébria racionalidade, que os homens inteligentes são aqueles que sempre se movem à beira do abismo. Bebeu um gole do que devia ser o terceiro uísque, e foi então que, no momento em que voltava ao carrinho de bebidas para se servir de outro copo, perdeu completamente o equilíbrio. Durante alguns segundos se sentiu aéreo. As garrafas tremiam na claridade amarelada. Sorte que Laura Conejero, com reflexos rápidos, o agarrou. Se não, teria caído de bruços. De fato, o copo caiu, quebrou: o suco de maçã manchou a jaqueta do terno Coco Chanel de Laura e deixou as calças dele um nojo, como se tivesse mijado em si mesmo.

Os espectadores aplaudiram mais do que na estreia, com gritos e ovação incluídas.

– Hoje você não esteve por cima da bebida – disse Laura, risonha, nos bastidores. – Esteve por baixo, melhor dizendo.

Desde então, Héctor exagera seu passo instável. Caminha como se cada passo fosse um experimento. Está passando da linha, sabe que está sendo exagerado. O autor do romance no qual a peça é baseada, Scott Fitzgerald, não devia querer que Dick Diver perdesse o equilíbrio dessa forma, mesmo bebendo como uma esponja. Dick vai pelo mau caminho, no entanto, durante boa parte da peça, deveria seguir sem perder a moderação.

Lembra-se que Ruth, desde o primeiro dia, mostrou-se cética frente ao fato de que aceitasse ser o protagonista de *Suave é a noite*.

Quem era o protagonista? Um psiquiatra idealista, encantador, dotado de uma inteligência lúcida. Era chamado de *Dick, o Felizardo*. Tinha tudo para se tornar o Freud americano. Trabalhava na clínica Dohmler, perto do lago de Zurique. Até que se apaixonou por uma paciente esquizofrênica e rica, Nicole Warren, casou-se e foi morar com ela na Costa Azul francesa. Aquilo era a felicidade. Porém, deixou-se seduzir pelo glamour, pelo luxo – e por uma adolescente

chamada Rosemary Hoyt –, e tudo foi por água abaixo. O excesso de álcool foi uma das causas, talvez a principal, do declínio. Na peça de teatro do Romea enfatizariam os problemas de Dick Diver com a bebida. No entanto, durante boa parte da peça, a bebida não seria um problema, mas a metáfora, a representação visível de uma forma de viver livre, irresponsável.

– Posso ser sincera, Héctor? – perguntou Ruth uma noite, assim que ele começara os ensaios (ainda não tinham se separado). Tinha chegado em casa preocupado: havia algo no personagem que fugia de seu controle.

Ruth acabara de jantar uma pizza vegetariana e estava no sofá, meio adormecida. Uma menina magrinha, de corpo compacto, intranquila como um pássaro. Vestia uma camiseta desgastada e calças jeans surradas.

– Pois serei sincera – disse Ruth com voz áspera, de textura arenosa, de ex-fumante. – Esse personagem não combina com você.

Tinha razão. Para começar, ele não bebia álcool. Proibiu-se disso quando era jovem. Se bebesse, no dia seguinte era incapaz de trabalhar bem. Ao contrário de Dick Diver, ou de Scott Fitzgerald – agora não se lembra qual dos dois –, que, com sua inteligência de primeira classe, no dia seguinte era capaz de ter duas ideias opostas em mente e ao mesmo tempo conservar a capacidade de funcionar.

Além disso, ele tinha medo do mau álcool. Medo de perder o controle e fazer o ridículo, uma crença que, segundo Ruth, não combinava com um homem que, de certa forma, ganhava a vida fazendo o ridículo. Também tinha razão, Ruth. Embora faltasse acrescentar que o "ridículo" dele no palco era aceito socialmente. Até ganhava para isso. No entanto, era um ridículo controlado. Sensato.

– Aí está o *quid* de seu problema – acrescentou Ruth.

Referia-se à sensatez. O *seny*.

Seu "problema".

Não sabia Héctor que tinha um problema com a sensatez.

A vida já era bastante caótica: ou você colocava um pouco de *seny* ou ela te levaria pelo mau caminho. Em qualquer caso, ficava claro que Ruth estava se distanciando dele. Sua moderação que, cinco anos antes, quando começaram a namorar, ela via como uma virtude, agora tinha se tornado um defeito. Talvez fosse um homem estável demais e, consequentemente, previsível. Ou, talvez o amor, como a física, precisasse de uma dose de incerteza. Ruth queria um ator que no dia a dia fizesse o papel de ator. Um homem de emotividade e gestualidade desatadas, que de vez em quando montasse uma cena e a distraísse

de suas preocupações jornalísticas. No fundo, ela desejava um ator maiúsculo.

Ele não é um ator maiúsculo, em absoluto. Talvez fizéssemos o contrário do que somos, assim como ensinamos aquilo que precisamos aprender. E ele é ator porque é tímido. Faz 26 anos que se matriculou no Instituto do Teatro com o único objetivo de superar a timidez, tal como lera na desaparecida revista *Escenas* que Robert de Niro tinha feito (Héctor nunca chegou nem na sola do sapato dele). Não é o único ator tímido: agora mesmo vêm à memória Robert Duvall e James Franco. E, é claro, Woody Allen. Não é um mitômano, mesmo sentindo idolatria por um mito: Woody Allen.

Héctor se matriculou no Instituto do Teatro porque durante toda a infância e adolescência o inferno tinha sido ir até a frente da classe, até a lousa. Quando o professor pedia um voluntário, ele fingia que tinha caído a caneta, ou se escondia, ou de repente precisava ir ao banheiro. Não suportava tantos olhares em cima dele. No Instituto do Teatro tinha superado a timidez ou, melhor dizendo, tinha aprendido a não interpretar o papel do tímido. De fato, ser ator é o trabalho mais fácil do mundo. Todos nós somos atores, interpretamos todos os papéis da peça. Não somos os mesmos no trabalho e na sala de casa, em um jantar de negócios ou em um com amigos. Ser ator é o trabalho mais fácil do mundo, desde que os nervos não te bloqueiem.

No Instituto do Teatro aprendeu a ter presença no palco e no fim aprendeu o que tinha que fazer com as mãos, em vez de levá-las sempre nos bolsos. Não era necessário que gesticulasse demais: como o caráter catalão era um pouco austero – tinha explicado um professor –, o melhor seria que gesticulassem pouco. Também aprendeu a se desprender do ego estando no palco. Caso contrário, acabaria interpretando si mesmo.

Isto tinha sido útil na vida em geral: em uma época como a atual, na qual se superdimensiona o eu, o que penso, o que sinto, meus gostos, minhas fotos, não dar importância a si mesmo supõe um grande descanso. Muita gente está preocupada com sua importância pessoal. Com a imagem que os outros têm de si. É como se tivessem criado um *eu ideal* em sua fantasia, e precisam estar a certa altura. Neste sentido, o Facebook é um martírio. Porque ninguém está à altura do *eu ideal* que é projetado lá.

Naturalmente, se você conseguir se dar menos importância, tira um grande peso de cima. Para começar, não precisa se defender. Se for criticado, não acontece nada. Se foi insultado na internet, o que fazer? Nisso discorda de Ruth: ela “luta” para evitar os insultos na internet. Os insultos na seção de comentários da edição digital do jornal em que trabalha a tiram do sério.

Héctor foi muito pouco insultado, que ele saiba. E em nenhuma peça de teatro recebeu tomates. Se esse dia chegar, ele vai procurar dar muita risada por conta disso. Isso não significa que seja um irresponsável; pelo contrário: é responsável, e muito, demais. Porém, cultiva uma espécie de desapego para com seu eu ator. Não porque seja um homem evoluído espiritualmente nem nada parecido, mas porque nunca teve vocação. Quando saiu do Instituto do Teatro não fazia sentido embarcar em outra carreira. Começou a se candidatar em *castings* e, como os fazia relaxado, porque não morria por isso, foram aparecendo diferentes trabalhos.

***

Conseguiu um papel em um seriado de televisão autônoma que se passava nas claridades plásticas do supermercado dos Aiguadé. Atuou do lado de Josep Maria Flotats em *Cyrano de Bergerac*, apesar de o público ir ao Poliorama para ver Flotats, e não jovenzinhos como ele. Aquele papel abriu as portas, embora ele não tivesse nada em comum com Flotats. Héctor fazia parte da primeira geração de atores catalães que não impostava a voz nem atuava exageradamente.

Começou a receber prêmios. Vale mencionar que na Catalunha é habitual receber prêmios imerecidos: somos tão poucos que um dia ou outro você ganha algum prêmio. Ele, ao longo destes 22 anos, recebeu prêmios municipais, nacionais e da crítica, inclusive o Serra d’Or. Lembra com saudades do prêmio Butaca pelo monólogo de vigia de museu, de Thomas Bernhard, em *Antigos mestres*. E, sobretudo, lembra do Prêmio Nacional por *Walden ou a vida nos bosques*, de Thoreau, um monólogo que conseguiu levar à Sala Beckett. No entanto, para o público passou sem pena nem glória e, certamente, isso o levou a deixar de ter correio eletrônico e telefone celular, um extremo que agora mesmo o preocupa porque não tem certeza se no estacionamento não poderia ter ajudado a garota assassinada, Marina C.

Recebeu muitos aplausos, e por isso está sinceramente agradecido. No entanto,

os aplausos, como os prêmios, fazem parte do mal-entendido em que se tornou sua carreira. Enquanto o público aplaude, experimenta o que a terapeuta Llort chama de *dissociação*. Como se aqueles aplausos não tivessem nada a ver com ele. Como quando alguém se apaixona por você e pensa: "Deve ter alguma coisa errada. Vê coisas maravilhosas em mim que eu não tenho."

Ele é um ator de ofício e ponto. Qualquer um pode aprender a técnica. Depois, é questão de interiorizar o personagem, de estar bem dirigido e de ensaiar muito.

E também é questão de não ir a muitas festas. Toda noite, quando termina, troca algumas palavras amáveis com os fãs que o esperam fazendo fila no hall, assina alguns autógrafos e vai para casa ler. Não é um bom ator, mas é um bom leitor. E quando acaba o trabalho, prefere a companhia de um livro às conversas vacilantes e vazias provocadas pelo álcool.

Tampouco suporta a fumaça. Não só a fumaça de tabaco. A dos atores é todo um tópico; porém, ele concluiu que, se isso se tornou um tópico, é porque é verdade. Atores que vivem como atores, todos afetados, e que olham para você por cima do ombro. Não são todos assim, e seria injusto generalizar – os companheiros de *Suave é a noite* são legais; agradece a camaradagem –, porém, são muitos aqueles que interpretam o papel de atores na sua vida cotidiana. As subidas de tom, as crises existenciais, os vaivéns emocionais são o pão de cada dia deles. E Héctor sente preguiça de tudo isso.

No fim das contas, estes dias em que é um ator volúvel (e qual ator não é: sempre esperando uma ligação, um trabalho, um roteiro, e depois é preciso esperar pela aprovação dos outros; uma verdadeira escravidão, a aprovação dos outros), esses dias, pois, nos quais a ansiedade o torna mais volúvel, dependente de uma psicóloga que o ajuda a salvar as funções, uns dias nos quais já não é suficiente o que permitiu que continuasse todos estes anos (sorte que tem esta mandíbula, que dá a ele um ar de consistência: um jornal fez sua caricatura alguns anos antes, quando interpretava o papel de Gloucester em *O rei Lear*, no teatro Lliure: "Uma perseverança como a de Héctor Amat precisa dessa mandíbula", tinha escrito o repórter); estes dias, pois, nos quais somente a vertigem o salva, começa a pensar se a ansiedade não é um sinal.

Um sinal de que deveria largar tudo.

Ser honesto consigo mesmo e colocar um ponto final no trabalho de ator, para o qual nunca teve o dom. Ele não veio a esta vida para ser olhado, mas para olhar.

Agora olha através da janela do consultório de Eugenia Llort. O resplendor amarelo do sol ilumina o vidro. O céu é de um azul perdido, quase branco. Falta pouco para as onze. Sexta-feira de manhã.

Chegou antes que o normal, e a psicóloga Llort perguntou se não se importava em esperar enquanto ela ia à cozinha esquentar água para o chá verde. Chá verde sem teína: ele já está com o sistema nervoso bastante alterado.

Essa consulta é serenidade completa, como suas mãos, como ela. Eugenia Llort parece se mover em câmera lenta. Aqui, enquanto o escuta, costuma contrair os músculos da testa. Os músculos perfeitos de suas pernas e seus braços descansam, inativos.

O consultório é em um dos quartos do apartamento que acaba de alugar na minúscula rua de Gràcia. Uma das poucas coisas que Héctor sabe sobre ela. Uma terapeuta próxima, cúmplice, que segura seu braço quando passeiam para que ele consiga ir perdendo o medo enquanto, por outro lado, sabe manter a distância clínica. O único que ela confiou, meio de passagem, é que faz pouco tempo que se separou do parceiro e mudou de vida. Deixou o antigo consultório da rua Muntaner e se inscreveu nos plantões de emergência do Colégio de Psicólogos. Ele foi seu primeiro plantão. “Que sorte”, pensa ele. Podia ter caído nas mãos de um desses psicólogos lacanianos, frios.

A psicóloga Llort. Deixou, então, o antigo consultório da rua Muntaner, que dividia com outros psicólogos. Abriu este.

Um consultório minimalista, despojado de móveis e objetos. O único que quebra a harmonia é uma almofada vermelha num canto. O resto é espaço vazio: nenhum divã, nenhum móvel nem nenhuma mesinha ou objeto que obstaculize a visão do paciente, sua postura. O corpo diz coisas que a palavra não diz. O chão é de madeira, com uma camada de tinta branca que dá uma qualidade alpina. Não há cortinas: um consultório com vistas. (Neste mesmo prédio, aqui embaixo, há uma creche que se chama Tomavistas).

Bem em frente há um hotel, o hotel Casa Fuster. Essa rua, a rua de Gràcia, é tão estreita que o hotel está aí mesmo, a uns dez ou doze metros. E ele, a cada manhã, enquanto olha para Eugenia, vê os quartos como uma decoração de

fundo, coisa que não está ruim, desviar o olhar de vez em quando, interromper o contato visual com ela, não ser tão descarado olhando para ela o tempo todo. E costuma ver o que acontece em dois ou três quartos do hotel: turistas em roupão de banho que acabam de tomar uma ducha, ou que tomam café da manhã. Até mesmo pode ver os detalhes: marmeladas, sucos de laranja, presunto com pão e tomate.

Agora vê dois turistas que devem ser russos, pele rosada, cor de camarão cozido. Estão fazendo as malas. A ponto de descer até a recepção para fazer o *check out*. Eles devem pensar: "O que esse cara está olhando?" Um homem parado na frente da janela. Se fossem catalães talvez o reconhecessem: "Aquele... não é o ator?", "O que ele está fazendo olhando aí como um bobo?"; "O que faz um ator dando uma de espectador?".

Vai sempre ao hotel Casa Fuster para fazer sessões de fotos. O bar Vienés, de estilo modernista, com os sofás vermelho-escuros, os tetos altíssimos, é um dos lugares favoritos dos fotógrafos. Precisamente depois de amanhã, domingo, ele precisa voltar, ao acabar o espetáculo. Tem uma sessão de fotos para uma entrevista que fez com o jornalista do *The New York Times*.

Em um instante, chegará Eugenia Llort, com a bandeja e o chá verde. Começarão lembrando a noite do assassinato. Nesta altura, já falaram muito da ansiedade e Eugenia tem pouco a acrescentar. Deixaram a teoria para trás e passaram à prática: os passeios para que ele comece a perder seus medos. Qual é o resumo da teoria? Pois que a ansiedade e o perfeccionismo são cara e coroa da mesma moeda. Que ele, sem ser consciente disso, já era um homem ansioso há algum tempo. Por causa da sua autoexigência. E o assassinato levou os sintomas ao extremo. O ataque de ansiedade fez com que ele se tornasse consciente de sua rigidez. Embora a psicóloga Llort não tenha sido tão contundente e falasse em forma de perguntas.

– Não acha que é autoexigente demais?

Sem dúvida.

– E rígido demais?

Pois parece que sim.

Isso já está dito há alguns dias, agora o que fazem é lembrar a noite do assassinato. Ou, melhor dizendo, ele tenta se lembrar. Ela o faz avançar com seus "continue" (aqui a psicóloga é um pouco seca). Lembrar o assassinato: para Ruth, sua ex, isso parece "masoquista". Segundo Ruth, não faz sentido recriar

uma coisa que já passou. Segundo Eugenia Llort, no entanto, é necessário se lembrar. Isso não só para ver se Héctor descobre de onde a garota morta parecia familiar, se por acaso teve algum tipo de relação com ela – segundo a terapeuta Llort, é normal que o cérebro apague lembranças associadas às pessoas implicadas em um episódio de estresse pós-traumático –, mas porque é preciso que aceite as lembranças aos poucos, "acolhendo-as", de maneira que deixem de mexer com ele.

O objetivo final é que ele faça seu próprio *relato*. Por isso, Eugenia Llort, durante um plantão de emergência, não é partidária de injetar tranquilizantes nas vítimas. Porque os tranquilizantes impedem que a pessoa veja com clareza o que acontece ao seu redor. E mais adiante, no futuro, não poderá fazer seu *próprio* relato daquilo. E lembrar por si mesma os detalhes, sem que ninguém conte, parece ser o básico para superar as situações ruins.

O que ele lembra do assassinato? Eis aqui *o relato* que foi compondo nestes dias.

Por ser sábado, o primeiro sábado em que apresentavam a peça, o teatro Romea estava lotado, apesar de o Barça estar jogando. Os atores tinham superado a depressão do dia anterior, habitual depois de uma estreia. Estavam animados pelas críticas que naquele mesmo dia foram publicadas nos jornais. Ele não havia lido: desde que começou os ensaios tinha se isolado do mundo e estava em "jejum de notícias". Para se colocar na pele de uma personagem precisava se isolar. No entanto, dessa vez, levara isso ao extremo. Não só não lia notícias, mas tinha cancelado a linha ADSL e dispensado o telefone celular. Adeus às distrações, adeus às interrupções. Adeus à negatividade que flutuava no ambiente. Entre o risco do país e os cortes de gastos parecia que se aproximava o apocalipse. Não, não podia permitir que aquele estado de medo coletivo o afetasse. Para se parecer com Dick Diver precisava incorporar em si escuridão e melancolia, porém, também alegria e efervescência. Dick Diver era capaz de contagiar todo mundo com sua animação – "com uma intensidade que não era proporcional ao motivo que a provocava" – na época da Grande Depressão econômica. Porém, Héctor era muito mais limitado do que Dick Diver.

Não conseguia estar alegre rodeado de informação negativa. Já sofria bastante com os cortes de gastos nos teatros públicos, nas produtoras. Elas ajustavam os custos até o extremo de que uma pessoa só, como no caso de *Suave é a noite*, tinha que se ocupar da administração, do camarim, da chapelaria. Já sofria

bastante com as dificuldades para cobrar dos municípios as turnês atrasadas; a cultura desterrada ao infinito. As salas cada vez mais vazias, uma queda de trinta por cento de espectadores no último ano; a pior temporada em Barcelona em vinte anos. Já era bastante lamentável a situação para ainda ter que consumir informações negativas que somente piorariam a interpretação do personagem.

Aquela noite, depois do espetáculo, os companheiros tinham feito comentários sobre as críticas. Ele só escutara. Os críticos destacavam a ambição da peça, apesar dos escassos recursos. Uma cenografia minimalista, distanciada da suntuosidade do romance. "Um Scott Fitzgerald *low cost*", afirmava uma das manchetes. Um crítico elogiava os vídeos que são projetados na parede e que refletem a bagunça dos refeitórios de Villa Diana e do Hotel de Gausse. Segundo o crítico, os vídeos imprimiam à peça um ritmo de *jazz band*, distante da morosidade da versão cinematográfica de Henry King.

Depois de comentar as críticas, o técnico de som propusera sair para beber. Héctor recusara amavelmente o convite. Álcool? Não, obrigado. Tinha tanta vontade de voltar para casa que nem sequer tirara a maquiagem. No rosto, tinha restos de maquiagem misturados com o creme bronzeador Ambre Solaire. Ia limpar com toalhinhas umedecidas quando parasse o carro em algum semáforo. Na saída, o zelador, Ciril, disse rindo que a cara dele era como a de uma figura do Museu de Cera. Essa tinha sido a última vez que Héctor rira. De fato, desde aquela vez, agora que pensa, não voltou a rir.

A rua do Hospital estava suja e emaranhada, e o formigueiro humano era o habitual de um sábado à noite: a música desbordando dos bares, os jovens gritando, berrando, com os copos na mão. Na frente do estacionamento Ciutat Vella, na calçada, encontrou-se com o Nacho, o encarregado, que saíra para fumar um cigarro. Um homem pequeno como um pigmeu, Nacho. Seu corpo era formado por uma superposição de superfícies redondas: a cabeça redonda, a barriga redonda e as coxas redondas. Tinha as feições atormentadas, como se tivesse tomado vários socos na cara. Mesmo assim, era simpático, de uma vivacidade extrema. Fazia esforços para parecer arrumado, apesar de que seu ar era um pouco desalinhado. As calças estavam caindo, colocava a camisa por dentro. Teoricamente, aquela noite tinha uma festa, no entanto, substituía o garoto do turno do final de semana, que ficou doente.

Digitava no celular e ao mesmo tempo fumava. Tinha os olhos muito vivos, Nacho. Contou a Héctor que estava conversando com a namorada pelo WhatsApp. Comentavam o jogo do Barça, que tinha vencido o Esportivo por 5 a

4. Um jogo “louco”, segundo Nacho, com três gols do Messi.

Despediram-se e, enquanto entrava no estacionamento, pensou que o monitor do computador que Nacho tinha na guarita de entrada também servia para ver futebol. Um monitor com a tela dividida em quadrinhos; cada quadrinho, uma câmera. Monitor que poucos instantes depois captou o assassinato.

Bem quando chegou ao carro, ele achou ter ouvido dois estouros fortes, graves. Pensou: “Passaram do limite”, achando que o que acabava de ouvir era o som de fogos estourando. Já tinha ouvido alguns antes, enquanto falava com Nacho. Em Canaletas deviam estar comemorando a vitória do Barça. “Passaram do limite”, pensou, e logo pensou que talvez tivesse sido Nacho que soltara aqueles fogos, aproveitando que estava na rua, animado. Escutou o escapamento de uma moto de alta cilindrada. E a imagem seguinte já foi a da garota. Uma garota ruiva de cabelo comprido jogada no chão, a uns vinte metros. De início, como ia bem-vestida, um vestido amarelo e leve de meia-estação que deixava os ombros nus (na omoplata tinha umas estrelas tatuadas), Héctor pensou que devia estar voltando de um jantar ou de uma festa e que devia ter tropeçado. Que tinha se machucado e não conseguia se levantar. Também pensou, pela primeira vez, que aquele rosto era familiar. Não sabia de onde. Costumava acontecer isso com os rostos. Não só porque tinha pouca memória visual, mas porque a cada dia via tantos rostos, os do público, que se acostumara a não reparar neles. O público era como um todo, quase abstrato. De onde aquela garota era conhecida? Deixou de lado o questionamento quando viu sangue no estômago dela. Então entendeu tudo com uma clareza total: os fogos que não eram fogos, a moto de alta cilindrada fugindo.

Estes dias aqui na consulta ele se lembrou com luxo de detalhes. Lembrou do tremor nos ombros da garota. Da tatuagem. Lembrou dos lábios dela, de um rosa pálido. Que respirava com lentidão. E lembrou, sem dúvida, do olhar cheio de desconcerto. Não lembra de mais nada. Eis aqui o problema: na sua memória existe um vazio de uns minutos, ou talvez horas. Diz para si mesmo que viu a garota morrer, mas na verdade viu a garota ferida. Não a viu morrer, não viu quando fechou as pálpebras.

Tampouco lembra quanto tempo transcorreu até a ambulância chegar. E teme que aquele lapso de tempo tenha sido grande demais.

Esta noite, em casa, não deixou de pensar nisso. Perdeu o sono mais de uma vez. A mente dele se tornou ansiosa. E agora que ela, a mente, já não está tão

preocupada pelas tonturas, precisa de outros motivos de preocupação. Esta noite não deixou de pensar na ligação. Quem fez a ligação para emergência? Quando? Quanto tempo a ambulância demorou para chegar?

Agora quer colocar isto para a psicóloga Llort.

Precisamente a última lembrança do estacionamento é a dela. Héctor ainda não sabia o nome dela, nem sequer sabia que era psicóloga. Estavam no canto do elevador, um lugar “seguro”, como contou depois, no qual ele poderia ter certeza de que não voltaria a ver nada parecido ao que acabava de presenciar. Ele tinha as calças manchadas com sangue. Houve um momento no qual achou que aquela mulher olhava o sangue das calças: na verdade, observava os pequenos tremores, espasmos, que emanavam de seus joelhos. Ela o acalmou com suas mãos brancas de veias aparentes.

Agora, no consultório, volta com o chá verde sem teína. Está com cara de sono. Deve estar cansada, pois vai ao teatro a cada noite. Hoje o chá verde tem pedacinhos de abacaxi e pó de aloe vera.

– Muito obrigado – diz Héctor. – E obrigado, mais uma vez, pela risada de ontem.

O público de ontem era frio. Mudou graças à risada contagiosa que Eugenia soltou quando Nicole disse que o sobrenome McKisko parecia "substituto de gasolina ou de manteiga".

– Eu que agradeço, Héctor, como sempre. Já sabe que não entendo nada de teatro e que fui pouco nos últimos anos; muitas horas presa no consultório. Porém, acho, como dizem seus admiradores, que você trabalha muito bem. Não me canso de te dizer isso.

Ele pensa: *o mal-entendido.* Também existe o *mal-entendido* com a terapeuta, apesar de ela saber de sobra que não está fazendo uma boa interpretação. Perde o equilíbrio, precisa se segurar na atriz Laura Conejero (já quebrou duas vezes o colar de pérolas dela).

Eugenia senta, cruza as pernas. Hoje usa uma camisa branca, uma saia cinza e umas meias informais, com pontos pretos, suspensivos. Talvez as meias pretendam compensar a formalidade da terapia, a frieza do quarto. Talvez tenha dado um toque de originalidade a sua roupa pensando nele. Os sapatos são os de sempre: pretos, baixos, de ficar em casa. Afinal, ela está na casa dela. E não pode usar sapatos de salto: seria alta demais, intimidaria mais ainda. Bebe um pouco de chá e pergunta:

– Como foi a noite?

– Não muito bem – diz ele. Acordou depois de quatro horas e o assunto não deixou de dar voltas na cabeça dele. Está claro que sua mente se tornou ansiosa.

– O que te preocupa?

– O momento da amnésia – responde. Já falaram sobre isso em outras ocasiões. O momento que ele não lembra que diabos aconteceu nem o que fez.

– Continue, por favor.

Já sabe que é normal. Que depois de um episódio de estresse pós-traumático o cérebro apaga a informação, ou a guarda no inconsciente. Só que, depois de dar

tantas voltas, gostaria de saber quem ligou para a emergência. Quem chamou a ambulância. Ele não; impossível, não tem celular.

– Continue, por favor.

No estacionamento não tinha ninguém; lembra disso perfeitamente. Quem ligou, então, para a emergência? Seguramente Nacho, o encarregado. Mas quanto tempo passou antes da ligação? Deve ter passado uma eternidade. Porque Nacho deve ter demorado muito para perceber, ao estar fora, no meio da bagunça da celebração de Canaletas e do formigueiro humano do sábado à noite nas Ramblas. Nacho não deve ter ouvido os disparos, ou logo teria ido até o andar -1. Se tivesse ido até lá, ele lembraria. A imagem que viria à cabeça não seria a dele sozinho com Marina C., mas a de estar ali também com Nacho removendo céu e terra, ou fazendo os primeiros curativos de emergência.

– Continue.

Ele tem medo de que Marina C. tenha perdido um tempo valiosíssimo. Se ele tivesse feito a ligação imediatamente, talvez a ambulância tivesse chegado antes... Talvez Marina C. pudesse ter sido salva. Ainda teria sido ferida, mas talvez não tivesse morrido pela perda de sangue.

– Continue.

Pensou em tudo isso esta noite, mais uma vez. Não deixou de dar voltas no assunto. A mente dele se tornou ansiosa. E passa sem transição do assassinato a suas limitações como ator. Se ele fosse um bom ator, não seria necessário se isolar para interiorizar o estado de ânimo da personagem. E se não precisasse se isolar, não teria feito o jejum de notícias: teria levado com ele o celular e talvez tivesse salvo a vida da pobre garota.

– Héctor, se concordar, por enquanto, deixemos de lado essas conjecturas – disse Eugenia, enquanto deixa de colocar as mãos uma sobre a outra, no colo, e com os dedos da mão direita acaricia o lóbulo da orelha, como faz sempre que quer mudar de tema. – Fale-me um pouco mais sobre o jejum de notícias.

De acordo. A ideia se origina num fragmento de Henry David Thoreau, um de seus escritores favoritos. Tinha muita vontade de levar à Sala Beckett o monólogo *Walden ou a vida nos bosques*, que Thoreau escreveu no ano de 1854. Quer que eu recite o fragmento para você?

– Vá em frente.

– Se lemos uma notícia sobre um homem que foi roubado, a quem assassinaram ou que morreu por acidente, em uma casa queimada, ou um naufrágio, ou a explosão de um barco a vapor, ou sobre uma vaca atropelada pelo Trem do Oeste, ou sobre uma praga de lagostas em pleno inverno, já não é

necessário ler outra nunca mais. Com uma basta. Para que precisamos de mil exemplos? Todas as notícias, mesmo recebendo esse nome, são fofocas, e aqueles que as editam e leem são velhas que tomam o chá.

Até aqui o fragmento. Na época de Thoreau, as pessoas iam à "repartição" para ficar sabendo das notícias. Uma vez, "inclusive" – escreveu Thoreau – "quebraram várias vidraças do estabelecimento pela pressão da multidão". Ou seja, os impactos das fofocas eram limitados, pontuais. Vidraças quebradas e ponto. Entretanto, hoje em dia as novas tecnologias – internet, smartphones, Facebook, Twitter – sobrecarregam as mentes todo santo dia. A consciência da população é como um continente invadido pelas novas tecnologias. Tanta negatividade acabou afetando o estado de ânimo coletivo. As pessoas estão cada vez mais apavoradas.

– Continue.

Há mais de meio ano, assim que começaram os ensaios de *Suave é a noite*, ele se isolou porque precisava interiorizar o estado de ânimo de Dick Diver. Era uma limitação sua: ou se isolava, ou de nenhuma maneira conseguiria se parecer com um homem como Dick Diver. E, diga-se de passagem, ele gostava de se isolar. Gostava de parar de escutar declarações catastrofistas. Hoje em dia, a liberdade não é só viver em democracia: tinha uma liberdade interna, contra a qual o sistema conspirava, e que consistia em viver sem medo. Não era necessário ir ao bosque e se enclausurar numa cabana, como tinha feito Thoreau. Bastava não consumir notícias.

– Continue.

Coisas da vida, agora se tornou um homem atemorizado.

– Continue, Héctor, por favor.

Não é preciso dizer que Ruth achou um despropósito o jejum de notícias. Ela, que segundo seu redator-chefe era "uma jornalista de raça", que vibrava com a informação, não entendia como ele podia se desconectar do mundo. Um ator, alguém com influência na opinião pública, teria que se comprometer para combater as injustiças do poder econômico, político. Ele respondera que o jejum de notícias tinha sido, na verdade, uma questão de saúde mental. Por acaso ela não cuidava de seu corpo indo à academia ou comendo produtos ecológicos? Pois ele tinha direito de cuidar de sua mente. Ruth tinha respondido:

– Ah, mas, os atores têm mente?

Aludia a umas polêmicas declarações de Papitu, apelido do dramaturgo Benet i Jornet, na qual atacara os atores como "analfabetos". Em outra época, Ruth teria dito a mesma frase, só que rindo, com um agudo senso de humor. Porém, agora

tinha dito isso com um tom amargo, como mais um insulto igual aos que ela detestava na edição digital do jornal. Assunto ruim. Estava claro que tinham os dias contados.

– Continue.

Separaram-se e ele cancelou a assinatura da ADSL. Ele consultaria o correio eletrônico num cibercafé. De novo, teve Thoreau muito presente, que afirmava não ter recebido em toda sua vida mais do que uma ou duas cartas "dignas de serem lidas". Thoreau podia viver perfeitamente sem correio, dado que bem poucas vezes transmitia "comunicações realmente importantes". Enfim. Passaram-se os dias e prescindiu do telefone celular. Podia ter comprado um desses celulares que só servem para falar e que agora parecem pré-históricos, porém, depois de umas semanas sem carregar o iPhone tinha se acostumado a não estar disponível a toda hora, e agradecia por isso. Também tinha acostumado a não ficar dependente dos WhatsApp, e agradecia ter se livrado daquela adesão total ao presente. Não ao presente dos sons, dos odores, das árvores ou da paisagem humana, mas sim a um presente irreal.

– Continue.

Faz pouco tempo, durante as entrevistas promocionais de *Suave é a noite*, o jornalista de *The New York Times* (o jornal para o qual depois de amanhã ele precisa ir fazer umas fotos aqui ao lado, no hotel Casa Fuster) perguntou: como conseguia andar sem celular? Ele tinha citado umas declarações do escritor Umberto Eco que lera numa revista na sala de espera do dentista. Cada vez que alguém perguntava a ele por que não tinha celular, respondia que quando seu pai morreu, quarenta anos atrás (portanto, antes da existência dos telefones celulares), estava viajando e só conseguiram avisá-lo muitas horas depois. Mas aquelas horas de atraso, dizia Eco, não tinham mudado nada. A situação não teria mudado caso ele tivesse recebido a notícia depois de cinco minutos.

A psicóloga Llort deixa de acariciar o lóbulo da orelha. Acabou o chá verde. Nem nas suas mãos nem no resto do corpo há nenhum tipo de tensão. Está relaxada e alerta.

Héctor pensa: talvez não queira retomar a questão do telefone celular no estacionamento, do fato de ele não ter um, de quem ligou para a ambulância. Acaba de dizer:

– Se concordar, por enquanto deixemos essas conjecturas.

Portanto, deve querer se ocupar disso na próxima sessão de terapia, que só acontecerá na próxima semana, na segunda-feira. Ainda assim, eles vão se

encontrar esta noite no Romea, e amanhã e depois de amanhã, lá ela será espectadora, e isso significa que não vão conversar. Ou seja, até segunda-feira vai continuar se remoendo com a questão. A mente dele se tornou ansiosa. E precisa de dúvidas para se estender em ramificações estranhas.

Agora que já não se preocupa tanto com as tonturas porque vai salvando as apresentações graças a Eugenia – que não está mais com as pernas cruzadas, deve querer dar por terminada a sessão –, sua mente não deixa de dar voltas na questão da ligação.

Talvez a solução seja ler os jornais. Os recortes de jornal que Ruth guarda numa pasta. Sempre recortou os artigos, as críticas, as entrevistas que faziam referência a ele. E agora que quer ser sua "melhor amiga", recorta e guarda numa pasta as informações sobre o assassinato. Não saíram muitas, segundo disse nestes dias, porque logo prenderam o suposto culpado.

– Quando vou poder ler os jornais? – perguntava finalmente a Eugenia.

Sente-se raro ao fazer essa pergunta. Ele, ler jornais. Ele, que está em jejum de notícias.

– O quê?

– Quero dizer, quando poderei saber o que aconteceu antes da chegada da ambulância. Ler os jornais seria uma maneira de descobri-lo.

Nos olhos dela há um indício de desconcerto.

– Ler, evidentemente, pode ler quando quiser; só faltava essa. Não sou ninguém para dizer o que tem ou não tem que fazer. Pois bem, o ideal seria que você lesse mais adiante, quando tiver superado um pouco.

– Superado um pouco?

– Quero dizer – matiza Eugenia Llort levantando a mão perto do rosto, como se quisesse resolver ali a questão –, quero dizer que seria bom que as lembranças fossem aflorando sozinhas. Que não pulemos etapas.

– Talvez você pudesse me dizer.

– O quê?

– O tempo que passou antes de a ambulância chegar. Não sei se você foi ao estacionamento por conta própria ou na ambulância. De qualquer maneira, quando chegou, Marina C. já estava morta?

Héctor pensa: perguntas demais. Passou do limite com tantas perguntas. As perguntas sempre têm um ponto inquisitivo. Ele tem que sofrê-las nas entrevistas (e nunca consegue pensar em boas respostas). Onde já se viu que um paciente faça perguntas a seu terapeuta?

Eugenia está olhando para ele, com olhos um pouco ausentes. Deve ter, como ela diz, um pensamento dissociado. Uma parte dela, a profissional, deve pensar que é ele quem deve chegar a suas próprias conclusões. E a outra parte deve pensar que não custaria nada responder para que ele ficasse tranquilo. Ou talvez não. Talvez as suspeitas dele estejam totalmente justificadas e ela não quer que saiba que, de fato, a ambulância demorou uma eternidade.

– Faremos uma coisa – responde finalmente. – Na segunda iremos ao estacionamento. Iremos antes do que tínhamos previsto; lá será mais fácil para você se lembrar de tudo. O importante é que seja você quem faça o relato inteiro do que aconteceu. É verdade que, se fosse um leitor de jornais, a informação teria chegado até você faz dias. No entanto, já que não foi assim, tudo que temos está a nosso favor.

Deve ter feito cara de poucos amigos, porque ela acrescenta:

– Não precisa se preocupar por nada. Eu estarei a seu lado.

No sábado o sono o abandona, como sempre, ao despontar o dia. Um sábado espesso, desagradável, coberto de nuvens que ameaçam chuva. Acorda com a imagem de Marina C., e logo começa com pensamentos pessimistas. Não devia ter aceitado ir ao estacionamento. Desde aquela noite do assassinato não tivera coragem de voltar. Não, não se vê com forças para voltar ao estacionamento.

Sabe que, se ficar repassando esse pensamento, está perdido. O sistema nervoso primitivo o deixa encurralado, no seu canto. Tornou-o um homem tremendamente vulnerável. Se ficar repassando esse pensamento, acabará provocando uma conduta de evitação.

A última foi na terça-feira passada, ao meio-dia, quando acabava de sair da consulta. Caminhava até a estação do metrô com a intenção de voltar para casa. Só que bem na esquina com a Diagonal lembrou que ali, naquele arranha-céu preto, estava o escritório de advogados Cuatrecasas e fez uma associação de ideias: pensou que talvez Marina C. (o sobrenome é Cuatrecasas; Ruth não entende por que ele somente a chama de C.: não era uma menor de idade, mas ele se sente tranquilo chamando-a de C., como se fosse anônima), na esquina do passeio de Gràcia com a Diagonal pensou que talvez Marina Cuatrecasas pertencia àquela família de prestigiosos advogados. Talvez fosse filha ou neta do proprietário. E, ao pensar nisso, sentiu um calafrio. Não conseguiu evitar sentir medo, um dos medos recorrentes, medo de perder o controle e o equilíbrio e esbarrar em algum dos pedestres que subiam pelo passeio de Gràcia. Medo de cair em cima de alguém. Podia ter ficado parado, ter sentado num banco; no entanto, aquela teria sido uma conduta de evitação.

Continuou em frente. Chegou atordoado na estação do metrô. Não se sentiu com forças para descer na estação, ficou bloqueado por um medo extremo. E se na plataforma perdesse o equilíbrio? E se caísse na via do trem? Eram pensamentos sem sentido algum. No entanto, foi incapaz de descer à estação. Teve que voltar para casa de táxi. Uma ruína.

Pensa de novo na perspectiva de ir ao estacionamento na segunda-feira. Tenta conciliar o sono. Não consegue: imagina-se andando pelo andar -1. Que imagens o assaltarão? Será alguma reminiscência de Marina C.? Não só da noite do

estacionamento, mas do passado. Em um lugar ou no outro deve ter encontrado com ela, há anos; por algo o rosto dela parece familiar.

O nome e o sobrenome não pareciam conhecidos; o rosto, sim. Uma pergunta recorrente: “De onde é familiar esse rosto?” Ele não é nada fisionomista. E costuma encontrar pessoas que ficam felizes de vê-lo e que esperam um pequeno reconhecimento. “Olá, Héctor, lembra-se de mim?” Um dia estiveram conversando um pouco no hall de um teatro e dão como certo que ele teria que lembrar seu nome e seu rosto. Ou, no mínimo, do contexto em que aconteceu o encontro. “Não se lembra? Mas se você me deu um autógrafo!”

Em certas ocasiões não é só um seguidor, mas um verdadeiro admirador. Um verdadeiro admirador costuma ficar sem palavras, ou com as mãos tremendo, ou sua furtivamente. Um verdadeiro admirador fala com uma apaixonada fascinação. Às vezes, você consegue detectá-lo em um canto do hall, ou fazendo a fila para pedir autógrafos. Vê um par de olhos que informam que, enquanto atuava, a comunhão foi produzida. E depois falam e passam algum sentimento íntimo. E você agradece muito. Afinal, você é empregado dele.

E se depois de um tempo, por acaso, os dois voltam a se encontrar e você não o reconhece, ele (ou ela) sente uma profunda decepção. E Héctor fica mal. Começa a sofrer de Alzheimer? De jeito nenhum. Tem boa memória para os nomes, para os roteiros, para os livros, para as vozes. Tem boa memória para tudo, menos para os rostos.

De onde era conhecido o rosto da garota ferida? Não era a primeira vez que via aquele rosto emoldurado pelo cabelo vermelho. Não era uma ex-colega de classe, nem uma vizinha, nem devia ter relação com o mundo do teatro: não era uma coordenadora, nem ajudante, nem uma técnica de som, nem de iluminação. Se assim fosse, ele se lembraria. Dos companheiros se lembra; sempre são os mesmos; o mundo do teatro catalão é pequeno. Deve ter visto aquela garota em poucas ocasiões. Porém, alguma dessas ocasiões deve ter sido significativa. Deve ter sido uma verdadeira admiradora.

– Tinha algum tipo de relação com a vítima? – perguntou um agente dos Mossos d’Esquadra, na delegacia, dois dias depois do assassinato.

Uma declaração de rotina, uma burocracia. Tinha sido testemunha de um crime, e pediram que passasse pela delegacia da rua Nou da Rambla.

Em teoria, ele podia ajudá-los a identificar o assassino (no entanto, Héctor acredita que já deviam tê-lo meio identificado graças às câmeras de segurança do estacionamento; em algum momento, o assassino deve ter tirado o capacete; um

assassino inepto: não só errou de vítima, mas também tirou o capacete).

Fizeram com que Héctor passasse a uma sala da delegacia sem luz natural. Fora recebido por um policial que tinha dado a mão com uma cordialidade cansada. Um policial com as costas encurvadas e um ar de desilusão. Talvez estivesse encurralado ali, pensou Héctor, depois de ter disparado uma bala de borracha numa manifestação.

– Senhor Amat, o senhor tinha alguma relação com a vítima, Marina Cuatrecasas?

Não, ele só passava por lá. Achava o rosto dela familiar, só isso. Não tinha tido nenhum tipo de relação com ela.

– Disse que achava o rosto dela familiar?

Sim. Acontecia com frequência.

– De onde poderia ser?

Nem ideia. Talvez do teatro. Do público.

– Entendo. E não se lembra dela?

Não.

– Não lembra nada de nada?

Nada de nada. Da mesma forma que, se mais adiante encontrasse com ele, vestido à paisana, não o reconheceria a não ser que falasse: “Sou o policial que tomou a sua declaração.” Não era nada fisionomista. Infelizmente. Isso devia ser consequência de atuar a cada noite na frente de centenas de pessoas.

– Foi atendido por uma psicóloga, certo?

Sim, a psicóloga Llort.

– Notou algum comportamento estranho na psicóloga?

Comportamento estranho? Não, pelo contrário. Ela o acompanhou e consolou. E no dia seguinte foi resgatá-lo nas Ramblas, depois de seu primeiro ataque de ansiedade. E, de fato, ele agora estava atuando graças a ela. Não, nenhum comportamento estranho. Uma grande profissional. Poderia colocar isso no seu relatório?

– O quê?

Que a terapeuta Llort é uma grande profissional.

– De acordo.

Ficou por isso mesmo. Uma declaração sem importância. E, sobre a última pergunta – se tinha notado um comportamento estranho na psicóloga –, o policial devia fazer para todo mundo. Também deve ter perguntado a Nacho se tinha visto algum comportamento estranho em Héctor Amat. Mera formalidade.

Deitado ainda na cama, se distrai com a perspectiva de voltar ao estacionamento depois de amanhã, na segunda-feira. O que vai fazer no andar -1? Não será uma sessão de terapia convencional. Terá que se esforçar para que venham novas lembranças. De onde o rosto da garota era familiar; que horas chegou a ambulância. Héctor deduz que poderá curar "a ferida" mais facilmente se conectar-se com as próprias imagens. Caso contrário, as imagens que outros contarem – os jornais, a polícia – serão relato de outros. Assim como as imagens de acontecimentos na televisão, que sempre resultam um tanto distantes, embora tenham a ver com um fato do qual fomos testemunhas.

Pensa durante um bom tempo na perspectiva de voltar ao estacionamento. Percebe um suor frio.

De repente, o dormitório parece esponjoso, alternam-se claridade e meia-luz, uma luz quase submarina. O ritmo cardíaco acelera. Nota uma sensação física de dor que oprime o peito. Sente falta de ar.

Experimenta um novo ataque de ansiedade.

Aprendeu a esperar. A respirar profundamente e esperar.

Passam-se uns minutos, olha pela janela, as cores ocre e amarelo do Collseroa, um monte de folhas douradas. Chove. Apesar da modorra que produz a água, a chuva torrencial, lenta e sonolenta, sabe que será difícil conciliar o sono. Então levanta e se dirige à sala, para pegar o notebook. Abre este documento Word que intitulou "Primeira parte", e começa a escrever nele.

Já faz alguns dias que Eugenia disse para ele que, estando em casa, tivesse o notebook à mão, para quando os pensamentos se emaranhassem em ramificações estranhas. Ela disse isso de forma bastante simples:

– O documento Word, para quando seu pensamento complicar tudo.

Ele acabava de se perguntar o que podia fazer quando acordava de madrugada e não conseguia dormir de novo. Eugenia foi para dentro, para algum quarto do seu apartamento, e voltou com uma caixa de Trankimazin 0,50 mg. Os psicólogos não podiam receitar tranquilizantes, no entanto, ela tinha isso para os plantões de emergência. Durante o dia estaria mais sossegado e à noite dormiria melhor. Ela só era partidária dos tranquilizantes em casos pontuais; provocavam

dependência.

Héctor tinha agradecido, ficaria com eles por via das dúvidas, porém, tentaria não tomá-los. Muitas vezes vira atores que dependiam deles e que não viam além de sua letargia. Chegavam ao teatro sonolentos, arrastando as palavras. Só faltava isso para o pobre personagem Dick Diver.

– Então, escreva – disse Eugenia Llort. – Se não quiser tomar tranquilizantes, escreva. Uma espécie de diário. Numa caderneta ou num documento Word. Eu me dou muito bem com o documento Word.

Héctor tinha pensado: que diabos ela precisa escrever? Uma psicóloga perfeita também escreve? O que precisa escrever uma mulher que mantém os nervos na linha?

– Imagine – continuou ela – que o documento Word é uma gaveta que você pode fechar. Recomendo isso a você. O documento Word, para quando seu pensamento complicar tudo.

Conversaram mais um pouco, ele expressou suas dúvidas. Não sabia se seria capaz de escrever um diário. Não gostava de ficar olhando para o próprio umbigo. Não gostava da escritura confessional nem da primeira pessoa. Nunca antes tinha dado tanta importância ao eu.

– Pois se não quiser escrever em primeira pessoa – disse decidida –, escreva em terceira pessoa, como se Héctor Amat fosse outro. Assim não se sentirá incomodado. Além disso, o fato de tomar distância, ajudará a relativizar o que acontece com você. Pode utilizar um estilo seco, como se fosse um escrevente lavrando uma ata.

Dúvida: seu estilo é bastante seco? É o de um escrevente lavrando uma ata?

Advertência: evitar escrever sobre o processo de escritura, pois não tem nenhum interesse nisso. Acha chato quando lê escritores que escrevem sobre outros escritores. Que endogamia! Seria como se os atores somente interpretassem o papel de atores.

Não quer olhar para o próprio umbigo, no entanto, há duas semanas que não deixa de observar seu corpo, seus medos, sua respiração. A doença nos torna egoístas.

São oito horas da manhã passadas, ainda não faz nem cinco horas que deitou na cama. Deveria tentar dormir outra vez, precisa descansar como for, já que hoje, sábado, com espetáculo duplo, é o dia mais exigente.

No fim, vai para o sofá da sala e liga o DVD com a intenção de ver um episódio da série *In Treatment.* Gosta da contenção do ator protagonista, Gabriel Byrne. Uma das críticas que a série recebeu nos Estados Unidos é a de ser "teatro televisado". Este é um dos motivos pelos quais ele gosta. Começou a assistir com Ruth, no notebook, os dois no sofá. Era na época em que ele trabalhava a toque de caixa, documentando-se. Não só releu *Suave é a noite* e toda a obra de Scott Fitzgerald; também comprou livros de Freud com o objetivo de se informar sobre as relações de transferência e contratransferência entre terapeutas e pacientes, o tipo de relação que mantinham Dick e Nicole Diver. De Freud, o que chamou a atenção do Héctor é que em 1925 recebera ofertas para participar em filmes e que tinha respondido que o cinema não podia representar as abstrações de maneira digna.

As relações de transferência e contratransferência: grande tema. É o tipo de relação que Eugenia Llort tem com ele? Talvez sim. Tempo ao tempo.

No seriado *In Treatment*, o psicólogo Paul Weston se apaixona pela sua paciente Laura (Melissa George), depois que ela declara seu amor por ele. Na segunda temporada, o psicólogo Weston já se divorciou da mulher dele, Kate, e foi viver no Brooklyn.

E no capítulo da terceira temporada, que Héctor começa a ver nesta manhã de insônia, outra de suas pacientes, uma advogada loira (Héctor não lembra o nome; no momento mais emocionante é tomado pelo sono), quer beijá-lo e diz a ele, ao psicólogo Weston, que dá para notar de longe que ele quer trepar com ela. Diz assim, com estas palavras.

Cai no sono. Acorda quando toca o telefone.

É Ruth.

– Você me convida para almoçar na sua casa amanhã?

Claro.

– Ótimo. Levo uma torta de abóbora.

“Você me convida para almoçar na sua casa amanhã?” É curioso. No apartamento que até pouco tempo atrás dividiam e que ainda está cheio de objetos dela. Ultimamente, ela quer ser sua “melhor amiga”. No fundo já faz tempo que é. Faz pelo menos um par de anos que deixou de amá-lo (almejava um ator maiúsculo; ele está convencido disso). Quando o deixou, confessou que não sentia por ele “o que devia sentir”; dava para notar que estava mais liberada. Provavelmente já tinha terminado o processo de dor; se fosse o contrário, não ia querer que fossem amigos.

Ele também deve ter superado a dor. Se não fosse assim, não se sentiria atraído por Eugenia Llort. Entretanto, é possível que a atração por Eugenia Llort seja um avanço em sua vida. Porém, se tivesse que escolher entre Ruth e Eugenia, agora mesmo escolheria Eugenia.

Como se pudéssemos escolher. Como se não fosse a vida quem escolhe.

Ele e Ruth são a noite e o dia; ficou demonstrado que não se encaixam. Como diz o mestre Woody Allen: “Uma relação é como as peças de um quebra-cabeça: ou encaixa ou não encaixa.” O temperamento de Héctor encaixaria com o da Eugenia. Chega uma idade na qual você valoriza a estabilidade. A vida já é bastante caótica: ou coloca algo de sensatez, ou acaba te levando pelo caminho da amargura. E Eugenia, até mesmo mais do que ele, é a personificação do bom senso. Ele gostaria de ter longas conversas com ela, escutá-la dissertar sobre o tema da vida interior.

Ruth só procura estímulos exteriores. Um dia desses vai gravar vídeos com o celular pulando de paraquedas. A procura por “emoções fortes”. Que preguiça as emoções fortes. Ou retomará as aulas de surfe. Há um par de verões começou a ter aulas de surfe, já se imaginava como Ursula Andress. Abandonou no primeiro dia, quando ouviu o professor pedir a um companheiro dele um traje de neoprene “tamanho de uma criança de 12 anos para a senhorita, por favor”. “Tamanho de criança!”, reclamou quando chegou em casa, indignada.

Detestava que a elogiassem pelo aspecto físico, apesar de ser uma mulher muito bonita. Quando era adolescente, no instituto, cansada de que falassem que era a mais bonita da classe, decidiu não se pentear nem trocar de roupa nunca mais, para ver se ficava um pouco feia.

Detestava ser elogiada pelo físico, porém, tampouco gostava de que alguns homens ignorassem completamente seu corpo. Especialmente os peitos. Uns peitos cheios, que pareciam grandes demais em relação ao resto do corpo. Não suportava os homens que babavam quando olhavam para eles, nem aqueles que faziam comentários de propósito (sobretudo comentários pela internet). Só que

tampouco queria que passassem desapercebidos: era orgulhosa deles. E aquele professor de surfe unicamente reparara no fato de que era baixinha e pequena: seus peitos tinham passado batidos. Ela não era plana como uma tábua!

Às três e meia, Héctor sai para o teatro Romea. Durante a viagem de trem, levanta-se para esticar as pernas, faz uso do cano para se manter de pé, perde o equilíbrio. Sai do vagão às apalpadelas, como se estivesse escuro. Agradece que hoje, com apresentação dupla, sua mente ansiosa terá menos tempo para pensar. Que descanso, parar de pensar.

No camarim, a primeira coisa que faz é tomar banho. Os camarins do Romea não têm ar-condicionado, só um ventilador. Veste o calção de listras vermelhas, maquia-se. A pele do rosto vai adquirindo uma cor de vaso antigo. Coloca o boné e sobre a mesa deixa o rastelo e o creme bronzeador Ambre Solaire, pronto para sair quando chegar a hora.

Quando está chegando a hora, pelo monitor, vê chegar Eugenia Llort. Dá para notar que é sábado porque hoje está mais arrumada que de costume e usa um vestido preto, com uma dobra nas costas. E, em vez dos sapatos baixos que costuma usar na consulta, usou umas botas de salto alto que se amarram pela frente. Parece que passou rímel, só que Héctor não vê bem; o monitor só permite ver uma sombra escura debaixo dos olhos.

Também se nota que é sábado porque, quando chega no bar, em vez de pedir água, pede uma taça de cava. Uma mulher sozinha, no balcão do teatro Romea, tomando uma taça de cava. Poderia ser uma atriz que vai ver seus amigos. Só que não. Só vai para vê-lo. Todo um privilégio. As psicólogas bebem cava antes de trabalhar? A pergunta não é pertinente, já que Eugenia Llort trabalha e, ao mesmo tempo, não trabalha. Vem vê-lo “por via das dúvidas”. Não está fazendo um plantão de emergência e não precisa ter os cinco sentidos aplicados nisso. Por outro lado, onde está escrito que ela não pode ter a cabeça limpa só com uma taça de cava? Nem todo mundo é como ele, um frouxo que nem sequer bebe cava.

Talvez, quando deixarem de ser terapeuta e paciente, possam beber cava juntos. Talvez ele possa abrir uma exceção. Afinal, uma taça de cava não faria mal nenhum. Ela, que é uma mulher perfeita, bebe. Está permitido um momento de distensão. Fim de semana. Indo para o teatro sozinha. É estranho que aos sábados não peça dois ingressos ao administrador. Um ingresso para ela e outro para um acompanhante. Certeza que tem homens atrás dela, agora que se separou.

De repente, ouve-se a gravação pelo sistema de som: “Bem-vindos ao teatro Romea. O espetáculo começará dentro de dez minutos.” Acaba a taça de cava, deixa sobre o balcão e vai para a plateia. Quando chega à primeira fileira, senta-se na poltrona número dois.

No domingo, o almoço com Ruth começa bem, porém acaba com um sentimento de inquietação que aumenta cada vez mais. Héctor preparou o prato vegetariano favorito dela, o que leva espinafre, grão-de-bico, tofu e gergelim. Também para ela abriu uma garrafa de vinho tinto, um vinho de l'Empordà Martí Fabra. Ele vai beber água.

Ela está mais nervosa do que o habitual. Fica afastando o cabelo, castanho, o tempo todo das orelhas. Começam falando de uma matéria que precisa escrever, uma matéria sobre uma empresa de Olot que está indo muito bem em tempos de crise, uma empresa de manequins. Exportam para a China, para as lojas Zara e Mango. Chama a atenção da Ruth o jeito como estão feitos os manequins. Diz que são pequenas obras-primas, com aqueles olhares.

Para ele é bom ouvir falar de um tema tão distante de sua realidade, no entanto, agora que pensa, há atores catalães que são como manequins: apalermados rígidos, mecânicos, de uma seriedade absoluta. Atores que só trabalham com a voz. Ele é um exemplo. É como uma vertigem, que o humaniza.

– Suponho – comenta para Ruth – que os manequins chineses devem ser feitos com olhos orientais.

– Não, de jeito nenhum! Na China preferem com olhos ocidentais. Lá cada vez mais são feitas cirurgias estéticas para imitar nossos olhos. Um pouco triste, não é mesmo?

Conversam uns minutos mais sobre os manequins. Ele tem a impressão de que cada vez são mais andróginos: não se sabe se são homens ou mulheres. Ruth nega isso: na empresa que visita nestes dias, Atrezzo, fabricam as mulheres manequins "com peitos e bunda". E os homens com "pacote marcado". Os moldes dos manequins são feitos a partir de modelos reais. Amanhã, segunda-feira precisa voltar à fábrica para continuar entrevistando maquiadores, cabeleireiros, escultores. Em Olot, antes faziam santos e agora fazem manequins. As modelos são perfeitas, porém, as manequins são ainda mais. São tão perfeitas – diz Ruth – que algumas modelos, quando veem como ficou seu manequim, ficam com inveja.

Ao acabar de dizer isso solta uma gargalhada. Uma risada que sai de dentro.

Héctor pensa que ela recuperou a alegria, ao contrário dos últimos meses de relação, quando estava apática. Parece razoavelmente feliz.

Está errado.

Ele se dá conta quando ela acaba a primeira taça de vinho e menciona o "ambiente ruim" da redação. Nesta semana, falaram que estão preparando um *downsizing*. Sobram 65 trabalhadores. Vai haver uma redução de pessoal, isso é certeza, porém, só divulgarão os nomes dos prejudicados daqui a quinze dias. Ela teme ser uma das que vão parar na rua. Não só porque é uma das mais jovens, e a indenização será mais barata; mas também por causa da "luta" que ultimamente encarou contra a direção do jornal pelo tema dos insultos.

Apesar de gostar de sempre chamar as coisas pelo nome, Ruth é intransigente com os insultos. E nas edições digitais dos jornais, começando pelo dela, há muitos, demais. Leitores anônimos que escrevem o que dá na telha. E o jornal não filtra com cuidado. O diretor diz que deveria ter duas ou três pessoas dedicadas expressamente a ler os comentários, e não pode se permitir isso. Isso faz o sangue dela ferver. Já encarou o diretor, mais de uma vez, e sabe que ela é uma redatora incômoda.

Há pouco tempo se apresentou na sala dele e disse que era indignante que um diretor orgulhoso de ter em sua equipe um defensor do leitor, outro da igualdade e um livro de estilo, tolerasse a calúnia na edição de internet se amparando na liberdade de expressão. "Está promovendo, por omissão, que meus direitos fundamentais sejam vulnerados." Anda com o artigo 12 da Declaração dos Direitos Fundamentais da ONU impresso, que deixa isso bem claro: "Ninguém será objeto de ataques a sua honra ou sua reputação."

Na edição digital, os insultos eram moeda corrente e substituíam os argumentos. Ela escrevia um artigo bem documentado, com um título respeitável e, debaixo, encontrava comentários cheios de desprezo, de ressentimento, de ódio. Escritos por opinadores que não se identificavam. "Se são anônimos, são covardes", costumava falar com uma expressão colérica, destemperada. "Você se esforça por escrever um artigo com rigor e, no dia seguinte, debaixo, encontra todo tipo de comentários que te atacam. O mais suave que fazem é chamar de gostosa. E o que mais repetem, a mesma ladainha, é que, apesar de seus peitos, é uma malcomida" (as reportagens não, mas os artigos estão encabeçados pela sua foto. Ruth aparece de meio corpo e seus peitos não passam desapercebidos).

"Você se sente uma estátua importante: qualquer cachorro pode mijar em você."

Ela repetia frases como esta, com voz rouca. O diretor seguia sem lhe dar razão, alegando motivações econômicas. Na verdade, não se atrevia a colocar uma barreira aos comentários para não incomodar o coletivo de internautas: precisava de visitas para a edição digital.

– Graças à tolerância de meu diretor, qualquer anônimo pode fazer qualquer comentário.

Ultimamente, o diretor a evitava. Quando ia até sua sala, dizia que não podia atendê-la. Na cafeteria, quase nem a cumprimentava.

***

Agora Ruth acredita que tem todos os motivos para acabar na rua. O *downsizing* é uma desculpa ideal.

Saberá dentro de quinze dias. O fato de que a empresa possa deixá-los quinze dias esperando parece "uma tortura", "uma forma de mau-trato psicológico". O sangue dela ferve.

Está com medo de ficar desempregada. Hoje em dia é muito difícil encontrar trabalho de jornalista. Fica com medo de ter que voltar a viver na casa dos pais.

– Não é preciso que eu diga – murmura Héctor – que sempre pode voltar para cá. – Héctor diz isso para dar-lhe uma mão: não se imagina retomando a relação com Ruth, agora que só pensa em Eugenia Llort.

Ela fica calada. Está dizendo, sem dizer, que nem sequer contempla essa possibilidade. Atualmente, mora num quarto que alugou no apartamento de uma conhecida, Paula.

Continua desabafando: no jornal estão acontecendo muitas baixas, aparentemente por doença ou estresse. E ela também está abalada.

– Acho que estou um pouco como você.

– O que quer dizer?

– Que devo ter ansiedade. – Toma outro gole de vinho e conclui: – Mas em comparação com a sua, minha ansiedade é fichinha.

Ruth, pensa ele, tem tudo para estar ansiosa. Não somente pelo *downsizing* iminente e pelo seu futuro incerto, mas porque está o tempo todo conectada ao celular: acorda e, antes de se levantar da cama, já dá uma olhada nas edições digitais dos jornais. Um celular que não para de tocar. Notificações, correios eletrônicos, SMS, Line, WhatsApp. Dependendo da notificação que receber, ou da notícia – ou comentário –, um calafrio sobe pelas suas costas.

– Héctor, queria pedir uma coisa a você. É verdade que você não toma os

tranquilizantes? Poderia me dar um?

Diferente dele, Ruth não dá nenhuma importância ao fato de tomar ansiolíticos. Deve vê-los como um avanço da medicina. É curioso que vá à academia cuidar do corpo, que seja vegetariana não só por respeito aos animais, mas também para não se intoxicar e que, por outro lado, tome remédios com tanta alegria. Quando se lesiona fazendo esporte, receita para si mesma relaxantes musculares porque a deixam num “estado de flutuação”.

Héctor levanta da mesa e vai buscar a caixa de Trankimazin 0,50mg ainda fechada. Ruth bebe outro gole de vinho. Parece mais tranquila.

– Obrigada, lindo. Tem certeza de que não vai precisar delas?

Não, não vão fazer falta. Está melhor. As sessões estão indo bem.

Terminam o prato vegetariano, Héctor traz a sobremesa, a torta de abóbora tipo biscoito com canela e baunilha.

– E você, como está? – pergunta ela.

Héctor expressa sua preocupação pela ligação. Conta que amanhã, segunda-feira, antes do que estava previsto, voltará ao estacionamento. Quer saber quem fez a ligação para emergência e, sobretudo, quando foi feita.

– Você se lembra, Ruth, se a ambulância demorou muito ou pouco? Talvez os recortes de jornal da pasta que preparou digam alguma coisa. Não viu, nem de passagem, em algum recorte?

Ela enruga a testa. Héctor sabe o que está pensando. Que merece. Que teria se poupado de tudo isso – da dúvida, pelo menos – se estivesse com o celular. Se não tivesse feito o jejum de notícias. Se fosse um cidadão preocupado pelas injustiças do poder econômico, político, em vez de um cidadão isolado do mundo.

Porém, Ruth não diz nada disso. Come um pedaço da torta de abóbora e responde:

– Os jornais não informam sobre quanto tempo demoram as ambulâncias.

Só falta acrescentar: “Se lesse os jornais, saberia.”

– Mas olha, você mesmo tirará amanhã as suas próprias conclusões. Não é isso o que falou a psicóloga?

– Mas você sabe mais alguma coisa?

– O que sei ou deixo de saber não é importante.

– Ou seja, você sabe mais alguma coisa.

– Saber, posso saber tudo. Posso pedir o vídeo das câmeras do estacionamento a um contato que tenho na polícia: o vídeo não está sob sigilo judicial. Só que agora mesmo, Héctor, o que você tem que fazer é seguir seu processo. Ir levando.

– Ir levando? Ou seja, não quer falar.

– Vamos, Héctor, por favor.

Parece que quer protegê-lo. Essa mulher que não tem papas na língua agora não se compromete. Deve querer protegê-lo de si mesmo. Ainda gosta dele, mesmo que como amiga. “Já não sinto o que deveria sentir, porém, seremos amigos.” Héctor pensa: é melhor deixar rolar. Não é preciso que a cutuque mais, amanhã já vai ficar sabendo de todos os detalhes. Não vale a pena jogar no lixo o propósito da terapeuta Llort: que ele mesmo faça seu relato. Que no

estacionamento lembre quanto demorou a ambulância e de onde o rosto da garota era familiar.

– Que horas são? – diz Ruth. – Quer que o leve ao teatro? Vim de carro.

A preguiça do domingo à tarde. Assim como o sábado, com a apresentação dupla, é o dia mais duro, o domingo é o dia que dá mais preguiça de atuar. Os espectadores fazem a digestão de comidas abundantes e alguns aproveitam para tirar um cochilo. De vez em quando se ouvem roncos.

Enquanto vestem os casacos, ele muda de assunto.

– Retomei *In Treatment*. Grande seriado.

Como Ruth está calada (parece ter a cabeça em outro lugar, deve estar pensando no *downsizing* do jornal), ele continua falando e diz que cada vez mais gosta do estoicismo do psicólogo Paul Weston.

– Ainda assim, o homem tem um jeito meio estranho. Parece um personagem de Fitzgerald. Vai de mau a pior, só que o faz com um gesto sério, impávido.

De repente, Ruth desce da nuvem. Seus olhos adquirem uma expressão audaz.

– Poderia recomendar o seriado para sua psicóloga, tenho certeza de que ela vai gostar.

– O que quer dizer?

– Pois, homem, quero dizer que essa mulher também é um pouco estranha.

– O quê?

– Claro, que nome tão feio, não? Eugenia. É de senhora mais velha. Poderia ser o nome de uma das velhinhas que vão assisti-lo no teatro Romea.

Héctor não entende o que ela quer dizer. Não precisamente pela referência às velhinhas; é verdade que vão muitas ao Romea. A temporada passada apresentavam ali *O quarto azul*, na qual David Selvas fazia uma felação, e ao cabo de cinco minutos, algumas velhinhas abandonavam o teatro, escandalizadas.

O que não entende é o tom de voz que Ruth adotou, de ciúmes. O mesmo tom que adotava tempos atrás quando ficava com ciúmes de alguma atriz: em vez de reconhecer o ciúme abertamente, criticava a atriz. Héctor não entende por que está com ciúme da psicóloga, se já não sente por ele “o que deveria sentir”. Deve sentir uma espécie de amor fraterno por ele. Ela quer ser sua “melhor amiga”.

– Ruth, acho que está enganada. Posso dizer com conhecimento de causa, já que vejo Eugenia Llort todo dia, e em dobro, de manhã e à noite. Ela não tem nada de estranha, posso assegurar. E mais ainda, às vezes acho até que é uma pessoa perfeita.

Arrepende-se assim que diz isso. Pelo menos disse “pessoa perfeita”, não “mulher perfeita”.

– Perfeita! Que chato, não é? E onde está a graça numa mulher perfeita?

– Quero dizer – insiste, se justificando – que sempre tem o ponto justo. Como você sabe, eu nunca tinha ido ao psicólogo e achava que eles eram frios. E esta psicóloga, mesmo sendo fria na consulta e dizendo “continue” o tempo todo, em geral exala muita humanidade. O ponto justo. A contenção que, tenho certeza de que nós dois estamos de acordo, teria uma grande atriz.

– Porque isso é o que ela é: uma grande atriz.

– Desculpe, Ruth, não sei onde você quer chegar.

– Veja, vou falar com franqueza, porque já está chegando a hora de que alguém fale bem claro sobre esta psicóloga que você colocou em cima de um pedestal. Suponho que, agora que se sente melhor, vai me permitir que seja sincera com você.

Héctor pensa: a sinceridade. Lá vamos nós outra vez. Em nome da sinceridade são ditos todos os tipos de crueldades. Um vômito, às vezes, é a sinceridade. Não é exatamente o caso de Ruth, embora quando anuncia que será sincera, ele sabe que precisa ficar em guarda.

Quando se conheceram, há cinco anos, ficou atraído por essa maneira de ser dela, sem rodeios. Eles se conheceram do jeito que costumam se conhecer atores e jornalistas, por meio de uma entrevista. Ruth o entrevistou para falar de *A céu aberto*, onde ele interpretava o papel de Tom Sergeant. Na prática, fez uma entrevista pessoal: algo que chamava a atenção dela era que um homem que tinha se definido como tímido paralisado tivesse se destacado como ator. E não só "destacado", mas – como ela disse – "triunfado". Uma jornalista hiperbólica. Levava uma pasta cheia de recortes que demonstravam seu "triunfo". Elogios de diretores, produtores, críticos. Elogios desmedidos, pensava Héctor. *O mal-entendido.*

Quando ainda era muito jovem – lembrou aquela jornalista mostrando um recorte de um monte de anos atrás –, já tinha sido catalogado como "ator revelação". E ultimamente algum crítico tinha apontado que era "o melhor ator catalão".

Muito típico da Catalunha, tinha pensado Héctor. Temos *o melhor* cozinheiro, *o melhor* treinador de futebol. Ele era o melhor ator? De jeito nenhum. Que exagero. Que *mal-entendido*.

***

Estavam sentados no bar do Teatro Nacional, ao término do espetáculo, enquanto ao redor as mulheres da limpeza pegavam os pratos e as taças sujas. Ele estava contando que havia muitos atores tímidos: lembrava-se de Robert de Niro e, também, óbvio, de Woody Allen, a quem admirava muito. Aqui Ruth interrompeu:

– Woody Allen sempre interpreta o mesmo papel, o papel de Woody Allen. Você o admira por isso?

Ela tinha continuado naquela direção: mais do que uma entrevista, parecia

querer uma disputa de esgrima verbal.

– O senhor coloca que um ator tem que se desprender do ego, que se não fizer isso estará interpretando a si mesmo. Pois a verdade é que Woody Allen não se desprende nem sequer um pouco de seu ego.

Ele sorrira. Essa tinha sido a primeira vez que ele tinha pensado: “Ela tem razão.”

Havia sorrido porque não tinha em mente nenhuma resposta. Acontecia com frequência. Aquele era o momento, durante as entrevistas, também nas coletivas de imprensa, no qual ele tinha que dar uma resposta engenhosa. Só que outro dos motivos pelos quais ele não era um bom ator, nem nunca seria, é que não tinha espontaneidade. Consequentemente, não tinha respostas engenhosas. Elas surgiam horas depois de ter terminado a entrevista. Quando já estava fazendo outra atividade, de repente, pensava: “Devia ter respondido tal ou qual coisa.” Por outro lado, a maioria dos atores soltavam qualquer insensatez e já com isso, proporcionavam uma manchete. Ele era incapaz de fazer isso. Quando recebia um prêmio, tinha que memorizar previamente o que diria. Não conseguia improvisar. Assim como no palco não conseguia improvisar a resposta quando algum colega se perdia. Quanta falta sentia dos teleprompters! Hoje em dia, os companheiros salvavam uns aos outros: se um ator se esquecia do que tinha que dizer – normalmente por causa dos excessos etílicos da noite anterior –, outro ajudava improvisando. Ele era incapaz de fazer modificações no decorrer da peça. Mais de uma vez, mesmo sem querer, tinha deixado algum companheiro em maus lençóis.

Porém, agora, na frente desta entrevistadora chamada Ruth, não precisava improvisar. Bastava repetir o que já tinha dito em entrevistas anteriores. E assim tinha feito. Era tímido, sim, porém, se considerava um trabalhador, e graças ao esforço e a um conceito que atualmente estava em desuso, o sacrifício, tinha superado a timidez. Não se considerava um artista. Um dia de gênio qualquer um podia ter, o mérito era ser regular todos os dias.

– Isso sim que é baixar muito o nível, não é? – reperguntou ela.

E foi então, cansado de estar repetindo o que tinha dito mil vezes como um disco riscado, porque ao não ter espontaneidade não podia fazer outra coisa senão se repetir; foi então, cansado também do gênero das entrevistas, que não tinham nada a ver com o teatro e que ele aceitava a contragosto porque as produtoras exigiam isso nos contratos; foi então, cansado da chamada “promoção” e, ao mesmo tempo, atraído por aquela entrevistadora de corpo

pequeno e compacto que tirara o sapato e que estava sentada na cadeira com as pernas em forma de “Z”; foi então que se abriu.

Falou que sim, que seguramente isso baixava o nível. No entanto, com isso, se dava por satisfeito. Já era muito viver da interpretação hoje em dia, sem ter que fazer trabalhos extras. E já era muito viver da interpretação quando não estava dotado para isso e nunca estaria: não tinha talento para ser ator. Por outro lado, o trabalho do ator era o mais fácil do mundo. Todos nós interpretávamos, a cada dia, todos os papéis da peça. Não éramos os mesmos jantando com os amigos ou em um jantar de trabalho. Sim, todos éramos atores. Ser ator era o trabalho mais fácil do mundo, sempre que conseguíssemos nos liberar dos bloqueios.

Depois de dois dias, Ruth enviou a entrevista para que ele desse uma olhada antes de ser publicada. E quando ele viu que o título era: “Não tenho talento para ser ator”, ligou para ela e perguntou se seria possível mudá-lo. Quem pagaria o dinheiro do ingresso de *A céu aberto* para ver um ator que confessava não ter talento para ser ator? Ruth aceitou, apesar de que não tinha nenhuma obrigação, já que não tinha tergiversado suas palavras. Quando a convidou para um jantar de agradecimento, confessou que durante a entrevista tinha se deixado levar demais. Que fora sincero demais.

E agora, cinco anos mais tarde, depois da comida vegetariana, é ela quem anunciou que será sincera em relação a Eugenia Llort.

– Pois vou ser sincera, Héctor. Veja como você quiser, só que essa psicóloga é inquietante. Não é normal que atenda você todos os dias. Procurei me informar (Ruth se informa de tudo) e acontece que um psicólogo, no máximo, vê seus pacientes uma vez por semana; duas, se pressionar. E acontece que sua psicóloga perfeita não só te atende a cada manhã no consultório, mas, além disso, vai ao teatro vê-lo à tarde. Não acha isso estranho?

– Ela vem por via das dúvidas.

– Pois, segundo os psicólogos que consultei, não é necessário.

– Você consultou psicólogos?

– Sim, fingi, disse que preparava uma reportagem. Fiz isso por você, Héctor. E segundo todos os psicólogos, é compreensível que nos dias posteriores ao choque do assassinato tenha tido uma sessão mais longa. No entanto, não parece muito lógico (embora não tenha dado detalhes; tranquilo, não contei nada sobre você; não vai aparecer nos jornais como o ator inseguro que depende de uma psicóloga para atuar); não parece muito lógico que ela vá ao teatro todos os dias. E muito menos quando você já quase pode levar uma vida normal.

– Posso ter uma vida normal precisamente graças a ela. Sem ela, não poderia

entrar no palco.

– Isso é um pensamento mágico.

– Será o que você quiser, mas ela é psicóloga.

– Uma psicóloga estranha. Ouça o que estou dizendo. A primeira que deveria ir ao psicólogo é ela.

– Ruth, acho que já bebeu vinho demais. Tem certeza de que pode dirigir?

– Héctor, você é um boboca. Só que você precisa saber que essa mulher é estranha. Talvez por isso tenha se tornado psicóloga, porque é estranha. Assim como você se tornou ator porque era um deficiente social.

– Muito obrigado.

– Ou isso, ou está apaixonada por você e quer estar com você, quanto mais tempo melhor.

Ele gosta mais desta conclusão. Era nisso que acreditava. Pensa que talvez sim, quando deixarem de ser paciente e terapeuta, ele e Eugenia Llort poderão ter uma história.

Cai a tarde, de tons amarelos e torrados. Céu de outono, com nuvens altas.

Ruth o deixa na porta do teatro Romea.

Às cinco e meia, através do monitor, a vê chegar: a psicóloga Llort, a espectadora Llort. Percebe-se que é domingo, final de semana ainda, porque, estando no bar, ela volta a pedir uma taça de cava.

Depois de três horas, ao final do espetáculo, precisa ir ao hotel Casa Fuster, fazer as fotos para o *The New York Times*.

O jornalista fez a entrevista há três semanas, coincidindo com a coletiva de imprensa da estreia de *Suave é a noite*. E só faltam as fotografias. O jornalista veio para Barcelona expressamente para entrevistá-lo: mais uma vez, ali havia um *mal-entendido*.

Durante a entrevista ele o tratara, como Ruth quando o conheceu, e como outros jornalistas nos últimos anos, como "o melhor ator catalão" do momento. Héctor, ao escutar esse qualificativo, baixara a cabeça envergonhado. Segundo o jornalista do *The New York Times*, o nome dele era citado para protagonizar uma versão de *Suave é a noite* que estava sendo programada na Broadway para 2015. Héctor disse que não tinha nada confirmado; não recebera nenhuma oferta. Sim, seu inglês era digno; porém, ele era um ator "caseiro". O jornalista americano não entendeu aquilo de "caseiro".

Héctor sorriu ao se imaginar na Broadway. Pegando taxis amarelos, tirando a maquiagem com toalhinhas umedecidas enquanto regressava para algum hotel da Sixth Avenue. Ali, pelo menos, teria a vantagem de ser um desconhecido. Não teria que se lembrar de rostos. E frequentaria os lugares favoritos de Woody Allen. Porém, tudo aquilo eram castelos no ar. O que ele tinha perdido na Broadway?

***

Nas sessões fotográficas, não aceita nem cabeleireiro, nem maquiagem, nem elitismo, nem trajes caros que jamais colocaria. As fotos devem mostrar naturalidade. Quando os fotógrafos começam a dizer onde tem que sentar, como deve olhar para a lente, o que deve fazer com as mãos, respira fundo. E pede a eles, com grande amabilidade, que, por favor, deixem que seja ele mesmo. Ignorando o fato de que ele não sabe, exatamente, como é. Seu eu está formado por camadas que foi acrescentando, um personagem após o outro. Lembra-se da biografia de Elia Kazan. Dizia que, quando era jovem, no Group Theatre, transformara-se em outro homem, parecido com o que estava interpretando.

Até que ponto Héctor poderia se converter em um homem como Dick Diver? Gostaria de ter seu virtuosismo com as pessoas. A capacidade de realizar carnavais de afeto. Gostaria de ser um homem que se divertisse de maneira inocente, apesar do contexto de crise econômica, social e política. Um homem que pudesse desfrutar de maneira irresponsável.

A irresponsabilidade. Praticá-la. Um momento, um dia, uns dias nos quais deixasse de ser cauteloso, controlado. Uns dias nos quais seu espírito deixasse de ter esta espécie de impossibilidade física de entregar-se à vida, que é mistura e espontaneidade e fluxo constante. É o que faz a maioria dos atores; agem como cabras.

Sim, somente um ato de irresponsabilidade ou de *rauxa*:[1] com isso seria suficiente. É a mesma coisa, irresponsabilidade e *rauxa?* Não exatamente.

Lembra-se da época em que estava pesquisando que, em uma das cartas de amor que Zelda enviou a Scott Fitzgerald quando estava internada num hospital psiquiátrico, a mulher brincava dizendo que era uma das melhores pacientes trancada na "seção dos irresponsáveis".

Na entrada do hotel Casa Fuster é cumprimentado pelo porteiro, vestido com fraque e cartola que, na verdade, tem os gestos de um manequim. Do lado esquerdo está o bar Vienés, um salão imenso com dezenas de sofás vermelho-escuros, gaudinianos, o piano, o balcão. Um mostruário com a imprensa internacional. No centro, uma mesa com livros. Será que alguém lê estes livros? Há sete ou oito clientes; casais, a maioria. Turistas estrangeiros desses que ele vê toda manhã do consultório de Eugenia Llort.

Enquanto mata o tempo esperando o fotógrafo, troca algumas palavras de cortesia com o garçom Ermengol. Ermengol é um homem alto, distinto, de uma admirável elegância natural, que domina a contenção como instrumento de trato social. A cumplicidade entre ambos nasceu há cinco anos, no verão de 2007, e precisamente desempenhou um papel importante a entrevista que Ruth fizera com ele.

Uma noite como a de hoje, na qual Héctor devia se submeter a uma sessão fotográfica, Ermengol se aproximou e disse que lera no jornal que Woody Allen era um de seus atores favoritos. Pois bem, tinha uma boa notícia para ele: aquela semana, todo meio-dia, fechavam o bar Vienés expressamente para que Woody Allen ensaiasse ali tocando o clarinete. Depois, ao ouvido, convidou-o a assistir a um dos ensaios.

– Como vai, Ermengol? – pergunta enquanto se senta em um dos banquinhos do

centro.

– Tudo bem – responde o garçom. – Embora hoje em dia não se possa falar muito alto que está tudo bem. Olham com cara feia. É melhor dizer: “Vamos levando.”

Héctor sorri e opta por mudar de tema, porque não quer falar sobre a crise. Pergunta por que hoje não toca o pianista, e Ermengol diz que o domingo é o dia mais fraco de clientes e o pianista tem uma festa. Assim como as quintas, quando tem um concerto de *jazz* acompanhando o jantar Duke Ellington. Sim, isso que está ouvindo, há novidades no hotel (já fazia tempo que não ia lá). Ultimamente os clientes podem escolher entre o jantar Duke Ellington ou os petiscos Louis Armstrong.

Héctor não sabe se Ermengol está tirando sarro dele. Petiscos Louis Armstrong parecem uma piada. Quer dizer, ou o responsável pelo marketing do hotel é um pouco bruto: deve recomendar aos clientes que comprem suvenires de touros. Ermengol traz um dos novos menus e, realmente, os petiscos Louis Armstrong são reais: 65 euros por pessoa. O jantar Duke Ellington custa cem euros. Héctor não é mão de vaca, mas percebe que não para de olhar os preços. Talvez porque em *Suave é a noite* o dinheiro saia pelas orelhas dos personagens. Talvez porque neste hotel nada esteja ao alcance de seu bolso, cada vez mais vazio. Os salários dos atores não param de diminuir, hoje em dia ganham uns cinquenta por cento a menos do que cinco anos atrás.

– Um café com estévia, como sempre, senhor Amat?

– Hoje vou tomar um chá de tília, por favor.

Costuma usar estévia no lugar do açúcar por influência de Ruth. Enquanto Ermengol vai buscar o chá, lembra do almoço com a ex-mulher. Depois de passada a alegria inicial pelo fato de corroborar que Eugenia Llort deve sentir algo por ele, preocupa-se (e em parte é bom que se preocupe com algo que não sejam os medos e as vertigens) com o uso e o abuso que Ruth fez do adjetivo *estranha* ao referir-se a Eugenia Llort. Ruth pode ser uma mulher franca, franca demais às vezes, mas não usa as palavras de forma superficial. Por isso não suporta os insultos. E não teria utilizado o adjetivo *estranha* se não tivesse considerado que essa palavra era a mais adequada para definir Eugenia Llort. Mas que elementos ela tem para julgar? Só um: a terapia dele, um homem acerca do qual não é objetiva porque sente ciúmes retrospectivos. Mesmo assim, consultou psicólogos e concluiu que “não é normal” que uma terapeuta veja seu paciente todo dia. Talvez tenha razão. Talvez seja exagero que Eugenia Llort vá

vê-lo todas as noites no teatro Romea. Afinal, ele conheceu atores com ansiedade, que vinham trabalhar sonolentos por causa do efeito dos sedantes, e nunca atuaram com o psicólogo na primeira fila.

Mas Eugenia Llort vai ao Romea porque, independentemente de sentir algo por ele, deve gostar de um trabalho bem-feito. Além do mais, tem poucos pacientes, acaba de abrir seu consultório e pode se permitir fazer isso. E por que tem poucos pacientes? Outra coisa estranha. Se até agora trabalhava em um consultório, deveria ter uma clientela habitual. É estranho que, sendo uma psicóloga tão cordial e com todas as virtudes, alguns pacientes, para não dizer muitos, não tenham vindo para seu novo consultório.

Chega o fotógrafo do *The New York Times*. Um jovem amável que se chama Martin, com o cabelo penteado para trás, preso num rabo de cavalo. A roupa era larga, a ponto de ter o jeans caindo e deixando entrever a cueca.

Martin é direto: pergunta se Héctor pode se sentar no fundo, no canto, no sofá mais volumoso de todos, o que está na esquina com a rua de Gràcia (a rua de Eugenia. O que Eugenia estará fazendo agora?).

Ele olha para a câmera como Dick Diver olharia. O olhar sonhador, inseparável de uma força idealista.

– Pode ficar de pé, por favor? – pede o fotógrafo.

Héctor responde que, se não se importa, preferia ficar sentado. Teme perder o equilíbrio (apesar de não dizer isso).

Em seguida, sente-se culpado por ter dito não a este fotógrafo tão simpático. Para compensar, propõe fazer algumas fotos com uma taça de cava na mão. No final, seu personagem estaria bebendo champanhe francesa.

– Genial – diz o fotógrafo.

Faz um gesto a Ermengol e pergunta se poderia trazer uma taça de cava.

– Duas – acrescenta o fotógrafo Martin.

As duas taças de cava que Ermengol serve são de Pere Ventura vintage 2009 (quinze euros cada uma).

Continuam fazendo as fotos, e Héctor, olhando para a câmera com a taça na mão, sente-se protagonizando um anúncio de Natal. Cruza as pernas, sorri. Lembra-se de um momento de *Suave é a noite*, na qual a voz em *off* diz que a bebida fazia com que os momentos felizes do passado coincidissem com o presente, como se ainda estivessem vivendo esses momentos. Héctor, apesar de ser abstêmio, nunca teve nada contra o álcool. Ao contrário: é a favor de todas as drogas, as legais e as ilegais, porque são uma forma de transcender o ego. Há

anos viu em um documentário que inclusive os gatos se drogam com o objetivo de se desconectar de si mesmos: no campo, procuram uma erva que os deixa doidões.

Sim, ele é a favor do álcool embora não beba desde que se autoproibiu, quando saiu do Instituto do Teatro e constatou que, com as ressacas, não conseguia trabalhar bem. Mais ainda, uma pessoa que não bebe álcool é suspeita: costuma ser rígida mentalmente. Ele também deve ser, claro.

– Héctor? – diz o fotógrafo.

– Sim, desculpa.

– Pode tomar um gole de cava?

– Como?

– Beber.

Ele bebendo cava. Só um pouco.

O mundo não vai acabar. Na verdade, este fim de semana viu Eugenia beber duas taças no bar do Romea. De modo que Héctor bebe.

É muito bom, esta cava. Toma outro gole, enquanto muda de postura no meio das almofadas amarelas e vermelhas do sofá.

Quando termina a sessão fotográfica, o seguinte impulso o pega de surpresa. Vai até a recepção e pergunta à recepcionista:

– Gostaria de saber se você tem algum quarto livre para esta noite. Um quarto que dê para a rua de Gràcia.

A recepcionista (chama-se Ecaterina, segundo a plaquinha que usa na jaqueta) adota uma expressão meio surpresa. Não deve estar acostumada a que peçam quartos que dão a uma rua minúscula. Os quartos mais solicitados devem ser os que têm vista para o passeio de Gràcia, e não para uma rua estreita na qual só há uma loja de antiguidades e uma igreja. A recepcionista Ecaterina continua digitando no computador.

– Tinha esquecido. Poderia ser no último andar, o quarto? Acima de tudo.

Os quartos que ele costuma ver do consultório são os do último andar.

A recepcionista assente com a cabeça, incorporando a informação, e depois de uns instantes diz que sim, que nenhum problema. O quarto 514 está livre.

Ecaterina pede que preencha um formulário, pede seu cartão de crédito. A brincadeira vai custar duzentos e quarenta euros. O folheto que ela entrega informa que o hotel Casa Fuster de cinco estrelas respeita o interior do edifício, de 1908, de estilo modernista, catalogado como patrimônio da humanidade. Também informa sobre os extras, opcionais: flores no quarto, 50 euros; garrafa de Pere Ventura vintage, 60; uma de champanhe, 131.

1 Palavra em catalão que significa “irracionalidade”. (N. da E.)

Vim para a vida para olhar, e não para ser olhado, pensa enquanto sobe pelo elevador. O ar está estancado. A luz, alaranjada, fraca.

Lembra-se da tarde de julho de 2007 na qual, graças a Ermengol, teve o privilégio de ser espectador, o único espectador, do ensaio de Woody Allen tocando clarinete.

Woody Allen o havia marcado de uma maneira indelével, por diversos motivos. Não só porque, como ele, era tímido e havia superado isso. Mas também porque não tentava ser um grande diretor. Era consciente de suas limitações. Nunca teve um público gigante, nem havia feito um tipo de cinema muito rentável: seus filmes eram modestos, feitos com orçamentos modestos. Não havia criado escola, os diretores jovens não o imitavam. Via-se a si mesmo como o músico Thelonious Monk. “Embora fosse um gênio”, afirmava Allen na biografia de Eric Lax que Héctor havia devorado em uma noite. Thelonious Monk dizia que não se devia tocar o que o público quisesse: o músico deveria tocar o que quisesse e deixar que a música conquistasse o público.

Quanto às críticas, o mestre Allen não lia. Dizia que era absurdo ler, que era um gênio da comédia ou que atuava de má-fé. Se as críticas falavam bem, você se envaidecia, e se o deixavam como um pano sujo, se deprimia. A gente tinha que se limitar a trabalhar, e não pensar nos elogios nem no dinheiro. “Quanto menos pensar em si mesmo, melhor.” Héctor tinha gostado disso: não pensar em si mesmo. Adeus ao ego. “Não pensar em si mesmo, como um *pitcher* de beisebol: quanto menos consciente for de seus movimentos, melhor.”

Sim, Woody Allen tinha sido, e era, o referente. A cada ano Héctor esperava como as águas de maio seu último filme. Graças a seus filmes tinha descoberto, há muitos anos, o costume, muito americano, de contar a vida a um desconhecido chamado “psicólogo”.

Naquele julho de 2007 não conseguia acreditar que estava bem na frente dele. Com um pouco de sorte, depois do ensaio, tomariam um café e conversariam, não de cinema, mas da vida, do mais importante atualmente para Allen, suas rotinas em Nova York: levar as crianças à escola, ir à sala de montagem. Que ilusão, falar com o mestre! Também seria ótimo conhecer Robert de Niro. Mas a

fragilidade de Woody Allen o tornava mais íntimo.

Naquele meio-dia – que lembra bem quando está a ponto de entrar no quarto 514, e talvez pense nisso com morosidade porque está a ponto de cometer uma loucura: espiar sua psicóloga – Woody Allen chegou em um furgão preto de vidros escuros. Só o motorista o acompanhava; nem secretária nem agente. Tampouco havia admiradores na porta, e isso porque o procuravam por toda a cidade. Estava filmando *Vicky Cristina Barcelona*, e, como aqui era uma celebridade, se os barceloneses soubessem que ensaiava no bar Vienés, teriam feito fila para pedir um autógrafo, assim como tinham feito fila na frente do hotel Arts, onde se hospedava, e nos lugares de Horta, onde estavam filmando Penélope Cruz e Scarlett Johansson ("uma tonta com a bunda gorda", segundo Ruth, que à época estava morando no apartamento de Héctor). Os jornalistas esperavam Woody Allen na porta do restaurante Ca l'Isidre, onde costumava ir comer polvo para jantar e onde, depois da sobremesa, tirava uns cochilos, segundo publicara a imprensa marrom.

Quando subiu no pequeno palco do bar Vienés, arregaçou a camisa branca, fechou os olhos e começou a tocar clarinete. De vez em quando tirava os óculos de aro preto para esfregar os olhos com um lenço branco. Voltava a apertar as pálpebras e continuava tocando. Seu ensimesmamento era incrível. E como desfrutava desse ensimesmamento. Ele se deixava levar inteiro pela música *jazz* de Nova Orleans. A perna esquerda seguia o ritmo do banjo, golpeava o palco com a sola dos sapatos marrons, de inverno. Vestia calças de veludo. O fato de não dar importância à roupa, como nos filmes, em que sempre usava as mesmas camisas, fazia parte de seu encanto.

Héctor, a uns dez metros do palco, olhava boquiaberto. Não podia acreditar, o mestre tocando na frente dele. Tocava para ele? Sim, um pouco. Tocava por seu próprio prazer, mas com certeza sentia sua presença. Talvez Ermengol tivesse pedido permissão, e Allen não houvesse apresentado nenhum empecilho. Héctor nunca tinha atuado para um único espectador.

Como se fosse pouco, um espectador incondicional, que não o julgava. Desafinava, o mestre? Sim, mas as imperfeições eram parte de seu encanto, assim como as calças de veludo em pleno verão.

A hora passou voando. Enquanto os músicos recolhiam os instrumentos, Ermengol os apresentou. O mestre Allen sorriu, um sorriso fugaz e amistoso em seus lábios finos.

Deram-se as mãos.

O mestre continuou sorrindo e olhando com seus olhos aquosos, esperando que ele dissesse algo. Era o momento de convidá-lo para tomar um café, uns minutos, para falar de Nova York, de Barcelona. O momento de agradecer que o tivesse aceitado como espectador. O momento de expressar sua admiração, como faziam com ele os verdadeiros admiradores que o esperavam à saída do teatro. Para um ator, para um músico, estas palavras de ânimo eram o bem mais apreciado. Para Woody Allen, mais que as de qualquer crítico. Afinal, ele não lia as críticas...

Mas Héctor não conseguiu pensar em nenhuma resposta.

O mestre continuava olhando para ele, esperando que dissesse algo do tipo que costumavam dizer todos os atores espanhóis: que o sonho de sua vida seria trabalhar com ele. Mas Héctor não se veria capaz de trabalhar com Woody Allen. Pelo inglês, nenhum problema. O problema era a autoexigência, sua mente minuciosa. Não estaria à altura do mestre.

Queria uma resposta melhor. Uma resposta na qual não conseguia pensar.

O ideal seria uma resposta divertida e elegante, relacionada às calças de veludo, ou ao fato de que tinha encanto mesmo quando desafinava. Mas como se atreveria a dizer a Woody Allen que desafinava? Não, aquela não era uma resposta adequada. O ideal teria sido uma piada, mas Héctor tinha uma péssima memória para as piadas. Só se lembrava de uma, nestes momentos, de Woody Allen. Aquela que dizia que os mosquitos morrem entre aplausos.

Mas que sentido tinha contar uma piada ao autor da piada?

Qualquer outro ator teria pensado em uma saída engraçada. E teria rido com o mestre. Talvez tivessem ficado amigos e tivessem ido comer polvo. Mas ele não conseguiu pensar em absolutamente nada. Estava literalmente em branco.

No final foi o mestre que rompeu o gelo, antes de sair para a furgoneta preta.

– *Thank you* – disse Woody Allen olhando com uns olhos entre curiosos e compassivos.

O quarto 514. Já tinha entrado. Antigamente devia ser parte do sótão do edifício. Tem o teto inclinado. O ambiente é de um luxo acolhedor. As paredes, o chão e até a cabeceira da cama são de cor marrom-escuro.

Entrando, ao lado direito, há um quadro cinza, uma aquarela da fachada da Casa Fuster que o faz lembrar o efeito do primeiro ataque de ansiedade: a tinta diluída.

Sobre a mesinha que os clientes costumam tomar café da manhã, que ele vê do consultório, repousa o livro *Universo Dalí*. No lado esquerdo, uma mesa com uma caixa de som para o iPod, um catálogo do restaurante do hotel, o Galaxó, e outro intitulado "Dulces sueños", com toda a variedade de travesseiros: Elba ("para aqueles que dormem de lado"), Brasilia ("para os que dormem de boca para cima"), Ergofibra ("recomendado para a zona cervical"), Victoria ("fibra antimicrobiana e antifúngica") e Pisa ("de grossura e firmeza muito adequadas").

E, claro, estão as janelas. Por isso viera. Duas janelas indiscretas que dão para uma varanda, que não é acessível: a grade é muito baixa e alguém pode cair. Abre a cortina, olha pela janela e aí está o apartamento de Eugenia Llort. Daqui dá para ver três quartos, perfeitamente. A sala de jantar, o consultório e uma espécie de academia, com pesos e uma esteira para correr. Há luz na sala de jantar, mas Eugenia não está lá; deve estar andando pela casa.

Corre a cortina, não quer que ela volte e o veja. Só coloca a cabeça do outro lado da cortina, como os companheiros que ficam olhando pela fresta da cortina do palco para ver quem foi ou deixou de ir ao teatro. No Romea não precisam fazer isso, graças ao monitor do camarim. O monitor por onde ele vê chegar a psicóloga que o salva de seus pensamentos ansiosos.

E assim vai agradecer: espiando-a.

Posiciona a cabeça entre a cortina e se dedica a olhar a sala de jantar de Eugenia, uma espécie de *loft* que também serve de cozinha e de estúdio. Umas lâmpadas iluminam as paredes de tijolos aparentes: a luz morna produz um efeito delicioso. Não surpreende que haja poucos objetos, o mesmo estilo do consultório. Tampouco se surpreende de que bem ao lado da janela haja uma

mesa de escritório: Eugenia deve querer ter ali luz natural. Surpreende-se ao ver tão bem o computador sobre a mesa, um computador que está ligado: na tela está a página do correio eletrônico, o Gmail. Se tivesse agora um binóculo, poderia ler a mensagem que Eugenia deixara pela metade. Em casa ainda tem um binóculo de quando ia com Ruth de excursão ver os pássaros dos Aiguamolls de l'Empordà.

Em seguida, se arrepende destes pensamentos. Não, ele não olharia os e-mails de Eugenia, não é nenhum bisbilhoteiro.

E o que está fazendo, então, neste quarto?

Apaga as luzes, abre um pouco a cortina, aproxima uma poltrona da janela e se senta. Com as luzes apagadas Eugenia não poderá vê-lo; a luz da rua de Gràcia é fraca.

Demora uns vinte minutos para aparecer. Tem o cabelo molhado, acaba de tomar uma ducha. Está vestida com uma blusa de seda com renda que parece um camisão curto e que lhe dá um ar de repouso sedutor. Na mão tem um prato, um jantar leve, uma *tortilla* acompanhada de alface, tomate e umas fatias muito finas de presunto york ou peito de peru. Parece que Eugenia não é uma *gourmand*. Mas está em sua casa, um domingo à noite; não teria sentido uma farta refeição.

Ele, quando costuma chegar em casa depois de trabalhar, enquanto faz "a descompressão", como ele chama, frita peixe na chapa ou prepara uma sopa de verduras. Se vivesse com ela, prepararia bons pratos vegetarianos, tal como fazia antes com Ruth. Eugenia jantaria sozinha, a uma hora decente, e quando ele chegasse do teatro se sentariam com o notebook na frente e veriam *In Treatment.* Não, Eugenia ficaria com preguiça de assistir a esta série, a psicologia é seu dia a dia. Uma psicóloga "estranha", segundo Ruth. Será mesmo? Estaria tendo algum comportamento estranho neste exato momento? De jeito nenhum. Sentou-se e está na frente do computador, escrevendo. De vez em quando, dá uma mordida. Em câmera lenta. A *tortilla* vai esfriar.

Vê tudo isto do hotel, e também vê, e se fixa nisso pela primeira vez, um quadro de cortiça na parede, bem na frente da mesa. Um quadro enorme, de uns três metros; é estranho que não tivesse reparado antes; deve estar lento de reflexos pela cava.

No quadro havia recortes de jornais presos com tachinhas, textos acompanhados de fotos, a foto. Parece uma foto de agência, das que são publicadas em todos os jornais. Parece a imagem de um estacionamento. Do

estacionamento Ciutat Vella? Sim, sem dúvida. A foto que devem ter tirado no dia seguinte ao assassinato, domingo, porque o estacionamento está vazio. Há uma sombra no chão, uma mancha escura. Ou talvez seja uma mancha de óleo, ou talvez seja o rastro da poça de sangue da garota morta. Daqui ele não consegue saber. Precisaria do binóculo.

Saberá quando Ruth entregar a pasta com os recortes de jornal. Não saíram muitas, segundo disse nestes dias, porque logo prenderam o suposto assassino. Mas está claro que Eugenia se interessa pelo pouco que os jornais publicaram. Caso contrário, não teria os recortes presos no quadro, bem na frente de sua mesa. Talvez queira se preparar para o regresso ao estacionamento amanhã. Talvez documente, como faz Ruth, ou como ele faz com os personagens. Mas é estranho que uma psicóloga se documente. Ele já está aí, na consulta, todo dia.

E se os recortes tiverem algo a ver com sua atuação? A atuação dela na noite do assassinato. Não, as terapeutas não *atuam*. Acompanham. E ela fez isso muito bem. Uma grande profissional. Héctor fez constar isso no relatório dos Mossos d'Esquadra. Depois que o policial perguntou se havia notado "algum comportamento estranho" na psicóloga.

Talvez o comportamento estranho existisse. Talvez os jornais tenham feito eco e por isso estão pendurados no quadro.

Talvez Ruth tenha lido tudo isso e guardado na pasta e talvez por isso tenha sido tão ousada na hora de qualificar a psicóloga como "estranha".

Eugenia desliga o computador. Já deve ter respondido os e-mails. Coloca fones de ouvido, um MP3 e deita no sofá descalça. Hora de escutar música. Que música escutará? Música clássica? Música para conciliar o sono?

Passaram-se uns minutos. Quem pegou no sono foi ele. Dormiu. Estava cansado: o almoço com Ruth, a apresentação, a sessão fotográfica, a cava. Dormiu na poltrona, em frente à janela. Sorte que as luzes do quarto 514 estão apagadas e Eugenia não conseguiu vê-lo. Ela também deve ter ido dormir, porque a sala de jantar está escura.

Voltará para casa, para trocar de roupa: às dez da manhã precisa estar na esquina de Las Ramblas com a rua do Hospital, o lugar onde ficaram de se encontrar para irem juntos ao estacionamento. Antes de ir, toma uma ducha. Já que não aproveitou a cama, pelo menos tenta a ducha. O jorro de água fria o deixa revitalizado. Está sentindo ressaca? Nem ideia. A pia é cinzenta, de mármore, e o sabonete, Loewe. Há dois roupões de banho, dois pares de

chinelos, todos com o nome gravado do hotel Casa Fuster e um incompreensível subtítulo: “Monumento.” Que despropósito, o subtítulo. O hotel é bonito, mas o marketing poderia melhorar. Veste-se, desce até a recepção e paga os 240 euros mais a taxa turística por ter dormido uma noite em Barcelona. O bar Vienés está fechado, ainda não estão servindo o café da manhã, deve ser quatro ou cinco da madrugada.

Pega um táxi. Quando chega em casa, escuta as mensagens na secretária eletrônica, um hábito antigo, como diria Ruth. Precisamente a única mensagem é dela: agradecendo a caixa de Trankimazin. Já tinha tomado uma pílula e se sentira muito bem, ficara “em estado de flutuação”. Acabara falando que no dia seguinte iria à fábrica de manequins de Olot, continuar com a reportagem, e que à noite ligaria para saber como tinha ido no estacionamento.

– Que desfrute – diz antes de desligar.

– Descansou bem? – É a primeira pergunta de Eugenia, às dez da manhã, na esquina das Ramblas com a rua do Hospital.

Ele não sabe como interpretar a pergunta. Será que o viu na janela do hotel? Não, em sua expressão não haveria amabilidade, mas indignação. Ou teria ligado antes para desmarcar o encontro: “Desculpe, mas não me sinto bem. Vamos outro dia ao estacionamento.” Ou talvez ficasse tão brava que abandonaria a terapia. Não, não pode ter visto nada. Ele tomara todas as precauções: as luzes apagadas, as cortinas fechadas.

– Sim, obrigado. Descansei muito bem.

Não está mentindo. Pelo menos se distraiu dos pensamentos ansiosos. Não passou a noite dando voltas com a perspectiva de voltar ao estacionamento.

E agora estão voltando ali. A rua do Hospital, uma segunda pela manhã. Só estão abertos bazares e lojas de fruta. Apesar de o céu estar coberto e a chuva chegar logo, os trabalhadores de Barcelona Neta regam o chão com mangueiras.

A única ocasião em que caminharam por ali juntos foi no dia seguinte ao assassinato, quando ela foi resgatá-lo em Canaletas e segurou sua mão. Está vestida de maneira informal, como no plantão de emergência, com jeans, tênis, uma camiseta preta apertada. Roupa cômoda, ele supõe, se tiver que atendê-lo depressa e correndo e tiver que se sentar no chão.

Na entrada do estacionamento não há ninguém, Nacho deve estar em outra filial ou no escritório. Sendo segunda pela manhã, há poucos carros. Eugenia anda com uma cautela apática e educada, ambos sabem onde vão, voltam ao cenário de um crime. Não deve estar mais separado pelas fitas azuis da polícia ou dos Mossos d’Esquadra, já deve ser possível estacionar ali. Talvez em um canto haja um ramo de flores em memória de Marina C.

Descem a escada. Ele espera instruções. Que Eugenia diga em que deve pensar quando estiverem diante da praça número 33c: se precisa estar com a mente em branco para que venham novas lembranças.

O andar -1 é exatamente como se lembra, apesar de que hoje há poucos carros. As paredes brancas, a metade inferior preta, com uma faixa azul no meio. Na parede da praça 33c há dois extintores e, no teto, uma lâmpada fluorescente estrupiada, que pisca. A única sequela do crime é a sombra no chão, muito tênue,

a sombra da fotografia.

– Héctor, vamos fazer como se estivéssemos na consulta. Vamos tentar lembrar tudo. Com um pouco de sorte, a de hoje não será mais uma repetição.

Ele se sente como se tivesse que recitar, no palco, pela primeira vez, um roteiro que já memorizou. Assim, pois, volta a esboçar a crônica dos fatos.

Conta para a psicóloga Llort – que escuta com os braços cruzados, com gesto sério, um pouco tensa – que aquele sábado tinham acabado de representar a peça com lotação completa, apesar de haver um jogo do Barça. Conta que, ao terminar, os companheiros propuseram sair para beber algo e que ele recusara o convite argumentando que estava com sono. (Pensa: se tivesse ido beber, não teria visto o assassinato. Custava tanto tomar algo? Nas últimas horas tomou alguns copos, de cava, e o mundo não acabou. Se tivesse saído para beber, agora não estaria aqui.)

– Continue, por favor.

Depois aconteceram os disparos. Bem quando se encontrava a uns quatro ou cinco metros de onde estão agora, ao lado daquele pilar, escutou as detonações. “Estão exagerando”, pensou, achava que eram fogos de artifício. Já tinha escutado fogos de artifício antes, enquanto falava com Nacho. Em Canaletas deviam estar comemorando a vitória do Barça. “Passaram do limite”, pensou, e em seguida achou que tinha sido Nacho que soltara aqueles fogos, aproveitando que estava na rua. Escutou o escapamento de uma moto de grande cilindrada. E a seguinte imagem já é a de Marina C. Uma garota ruiva, de cabelo comprido, caída no chão. Bem ali onde está a sombra. Que não é nenhuma sombra, agora que prestou atenção, mas uma mancha. Sim, a mancha que saiu nos jornais é o rastro do jorro de sangue. Não é uma mancha de óleo.

– Viu os jornais?

Não, não. Os recortes estão com Ruth, na pasta. Mas ele sabe que nas fotos havia uma mancha. Não sabe de mais nada.

– Está bem. Continue.

Marina C. estava bem-vestida. Devia voltar de um jantar ou de uma festa, e deve ter tropeçado. Deve ter torcido o tornozelo e não conseguia se levantar. Usava um vestido leve. Uma tatuagem na omoplata. À medida que se aproximava dela, entendeu tudo com certa clareza. Os fogos não eram fogos, mas disparos. O olhar cheio de desconcerto. A garota respirava com uma lentidão aterradora.

– Lembrou de onde a conhecia?

Por enquanto não se lembra de nada.

– Nada de nada?

Nada de nada.

– Você já tinha visto a garota antes, não é mesmo?

Tinha, mas continua sem conseguir se lembrar de quando ou onde.

– Tudo bem. Temos tempo. Leve o tempo que for preciso.

Não se lembra também se a ajudou, nem como; não deve ter ajudado muito, se a pobre morreu mesmo assim. Nem se lembra de quem fez a ligação para emergência, nem de quanto tempo demorou para chegar a ambulância. E quer se lembrar.

– Héctor, não se preocupe. Não temos pressa.

Depois de falar isso, Eugenia se vira, vai até o canto do elevador, onde há algumas cadeiras dobráveis, de plástico, apoiadas na parede. Volta com duas cadeiras e continua com as instruções:

– Ficaremos sentados aqui por um tempo. Quero ver se aparece alguma imagem. Se vier alguma lembrança nova, será em forma de imagem.

Ficam em silêncio. O estacionamento está vazio. Poucos escritórios no bairro de Raval. Ouve-se o surdo ruído de um carro que se afasta. Ele pensa: as imagens. Novas imagens precisam chegar. Ou talvez o rosto dela, do lugar em que se conheceram, ou imagens relacionadas ao tempo que demorou a ambulância.

Tudo que levaremos desta vida: imagens. O inconsciente prefere as imagens às palavras e aos conceitos. O inconsciente, que quer protegê-lo.

Precisa parar de pensar, tem que relaxar. Deve fazer respirações profundas, como quando está começando um ataque. Como é que agora não é tomado pela ansiedade? Encontra-se bem onde tudo aconteceu e, apesar disso, sente-se tranquilo. Talvez seja porque está perto da terapeuta Llort. O efeito santuário. Como quando, no Romea, ela está sentada na primeira fila.

“Gosto de ser sua espectadora santuário”, dissera, enquanto passeavam. Um daqueles momentos de cumplicidade. Hoje, por outro lado, adota o papel de psicóloga distante.

Precisa parar de pensar. Precisa deixar espaço para as imagens. Outro dos motivos pelos quais prefere o teatro ao cinema e às séries é que não se sustenta tanto nas imagens. Também pesa a atmosfera, se o teatro tem cheiro de fechado, se o público está tossindo, se lá fora está um dia bonito, se joga o Barça.

***

– Bom dia, posso ajudá-los?

É a voz de um homem. É Espada, um dos vigilantes. Olha com uns olhos pequenos e próximos que se assemelham à ranhura de um cofre. Deve tê-los visto pelo monitor: um homem e uma mulher no meio do andar -1, sentados em cadeiras dobráveis, como se estivessem na cozinha de suas casas. Uma imagem irracional.

– Estamos lembrando a noite dos fatos – diz Héctor, aprumando, como se estivessem se lembrando das férias de verão.

– A noite dos fatos?

– A noite em que mataram aquela pobre garota.

Espada lança um olhar interrogativo. Deve captar a excitação reprimida dos dois.

– E o Nacho, não está hoje? – pergunta Héctor mudando de assunto. Não vem ao caso falar que a mulher que o acompanha, e que agora tem uma expressão de reserva, extremamente séria, é psicóloga. Não vem ao caso contar que estão esperando que apareçam imagens para ele.

– Nacho? – diz Espada. – Não está sabendo?

– O quê?

– Nacho está de licença. O pobre, como você sabe... – Espada não lembra seu nome.

– Héctor.

– Como você sabe, Héctor, o pobre aquela noite estava trabalhando. E ficou muito mal. O médico o colocou em licença por depressão.

– Sinto muito.

– É que o tema da denúncia foi muito forte.

– A denúncia?

– Sim, a denúncia. Não ficou sabendo? Saiu nos jornais.

Os jornais. O que faltava a ele. Vieram ao estacionamento porque ele não tinha que ler os jornais ainda e agora Espada está a ponto de revelar o que publicaram. O que dizem os recortes de jornais que Eugenia tem pendurado no quadro de sua sala de jantar. Os recortes que Ruth guarda numa pasta. Todo mundo sabe o que publicaram menos ele. Talvez seja uma cruz que temos que carregar, a de saber tudo a todo momento e que nos joguem lixo em forma de palavras e imagens. A consciência da população como um continente invadido.

– Deduzo que você não leu – diz Espada, enquanto ajusta os óculos sobre o nariz.

“Tem vontade”, pensa Héctor, “de contar o que diziam os jornais”. E está a

ponto de estragar a festa deles. Eugenia deveria cortar a conversa neste ponto. Mas não fala nada. Cada vez parece mais tensa.

– Os jornais nos fizeram muito mal – continua Espada. – A clientela caiu muito. Quero dizer: eles fizeram o trabalho deles, publicaram a notícia. Uma desgraça pode passar em qualquer estacionamento. Como disse o representante do sindicato, não podemos permitir a contratação de segurança privada. Está bem, até aqui tudo está, apesar da desgraça, dentro da normalidade. O que nos matou foi a denúncia. Bom, desculpe, *matou* não é a palavra; sinto tê-la usado. Quero dizer que nos afundou.

– Que denúncia?

– Sim, desculpe, me perdi nos detalhes. O marido da mulher morta denunciou o estacionamento por omissão e negligência. O que nos faltava. – Héctor sente um estremecimento, e pensa: "Escute. Escute e ponto. Não fique matutando. Escute o que este homem está te dizendo." – Acontece que o marido da mulher é médico e está convencido de que se tivéssemos chamado a emergência imediatamente, ela teria se salvado. E, claro, Nacho tomou isso como algo pessoal. Tem certeza de que a denúncia é contra ele, embora formalmente esteja dirigida contra o estacionamento. Acha que, se não tivesse saído para fumar um cigarro, se não tivesse se distraído, teria conseguido salvar a vida da pobre mulher. O marido médico está convencido disso: escreveu uma nota à imprensa na qual explica que os dois disparos de bala não danificaram nenhum órgão vital e que sua mulher morreu porque perdeu muito sangue.

Héctor fica em silêncio. Sente o pulso batendo sob a pele.

– Enfim, assim estamos. Você estava aqui naquela noite, me contou o Nacho.

– Sim, saía do Romea, do trabalho.

– E tudo bem?

– Como?

– Encontra-se bem, pelo menos?

– Vou levando. Obrigado.

– Tenho que voltar para a entrada – Espada termina a conversa. – Fiquem à vontade, sem pressa. Se precisarem de algo, já sabem onde estou.

Não precisarão de mais nada, pensa Héctor, porque não têm nada mais para fazer. Não conseguirá mais fazer seu *relato:* ele já veio ditado pelo Espada.

– Sinto muito – diz Eugenia. – Preferia que tivesse sabido disso de outra maneira.

Está abatida. É lógico: fracassou sua estratégia para que viessem novas

lembranças.

Devolvem as cadeiras a seu lugar e vão embora do andar -1. Enquanto sobem a escada, no canto onde há um desenho de La Boquería, ele sente tontura e agarra o corrimão. Pela primeira vez intui que as vertigens e tonturas são dois sintomas diferentes. Agora não perde o equilíbrio, mas vê tudo borrado, desfocado, como se tivesse muita pressão no cérebro, como se tivesse água; as orelhas tampadas. Talvez enquanto escutava Espada reteve o ar durante muitos segundos. Parar de respirar devia ser a maneira de digerir a informação. Ou, ao contrário: talvez tenha respirado muito depressa, hiperventilou e não está chegando oxigênio suficiente ao cérebro.

Eugenia percebe e segura sua mão. Assim saem do estacionamento: de mãos dadas.

Chove. Uma tempestade. As nuvens inchadas de umidade arrebentaram como se fossem globos.

Estão se molhando.

A mão dela não tem firmeza, é uma mão de manteiga. E, ainda por cima, está tão séria, parece tão afetada que Héctor pensa que, na verdade, é ele quem a segura pela mão.

Quando estão na rua do Hospital, em frente à padaria Forn Boix, ela faz um gesto de se despedir. Mas Héctor não quer se separar assim, gostaria de conversar um pouco. Se conversassem, mesmo que fosse sobre a chuva, os dois iriam mais sossegados.

Não sabe o que dizer, para variar. E não quer fazer perguntas inquisitivas, do estilo: “Por que está tão afetada?” (a pergunta que Ruth faria).

No final, opta pelo agradecimento:

– Eugenia, peço apenas um momento. Somente quero te agradecer pelo que fez. Agradeço que tenha tentado que eu mesmo fizesse meu *relato.* Não foi possível, mas pelo menos tentamos.

Héctor está falando por falar, sente angústia em se despedir dela, sente angústia por ficar sozinho. Hoje é segunda, seu dia de folga, e à noite não irão se ver no teatro Romea. Espera que, a partir de agora, tudo continue igual: a consulta de cada manhã e, à noite, ela sentada na primeira fila do teatro. Mas e se ela der por concluída a terapia? Afinal, na consulta, ele não terá mais que tentar se lembrar de nada. Se no estacionamento não vieram novas lembranças, menos ainda aparecerão no consultório. Além do mais, agora já sabe que a ambulância demorou a chegar. Sabe que ele poderia ter evitado. É verdade que ainda não se lembra de onde conhecia a garota, o mais provável é que um dia tenha dado um autógrafo a ela. Não teria tanta importância, no sentido de que aquilo não mudaria nada. Consequentemente, não seria estranho que amanhã Eugenia Llort, no ambiente plácido do consultório, dissesse que dá por encerrada a terapia. Que tentou que ele fizesse seu *relato*: não foi possível e é hora de virar a página. Se amanhã Eugenia disser que dá por terminada a terapia, coisa que não seria muito estranha, vendo como está agora, abatida, olhando sem vê-lo, perdida em seus pensamentos (deve estar avaliando esta possibilidade), ele terá que pedir que, por favor, não.

Talvez, antes de chegar este momento fatídico, aqui e agora ele devesse deixar claro que precisa dela. Porque no teatro Romea seria incapaz de atuar sem ela. E *Suave é a noite* ainda permanecerá em cartaz mais uns quatro meses. Precisa dela mais do que a maioria dos pacientes deve precisar da maioria dos psicólogos. Psicólogos, como diz Ruth, que somente veem uma vez por semana.

Precisa de Eugenia Llort porque, se ultimamente a vida dele tem um certo equilíbrio, equilíbrio não no sentido físico, mas mental, é graças ao fato de vê-la todo dia. Agora mesmo gostaria de dizer: “Preciso de você.” Mas não seria o melhor motivo. Agora mesmo precisa pensar em um motivo inteligente e claro. E deveria ocorrer rapidamente, Eugenia deve estar se cansando de ficar parada no meio da rua, molhando-se; uma chuva com uma qualidade oscilatória; seu cabelo preto molhado; os olhos meio abertos, umedecidos; uns olhos que olham para ele sem olhar; há algo profundo no olhar dela, uma compaixão que vai além do significado habitual e que também envolve os significados de lástima, afinidade, ternura.

Precisa pensar em um motivo, agora mesmo. Uma maneira de falar que precisa dela. Se não tivesse o sentido de ridículo tão acentuado, se fosse um ator maiúsculo, dos que vivem realmente como atores, agora e aqui cantaria aquela canção: “Stand by me.” Fique ao meu lado. Seus colegas não têm problemas na hora de cantar. E se não cantam, recorrem a um verso de Shakespeare ou a uma piada de Woody Allen. Atores de emotividade e gestualidade desatadas, que montam um showzinho. Sempre se lembram de respostas engenhosas. Não, ele não consegue pensar em nenhum motivo para dizer agora a esta mulher que está absorta, encerrada em si mesma – deve estar pensando em concluir a terapia –, e ele tem que reagir antes que seja tarde demais, fazer esta petição como se fosse um grande favor: precisa dela. *Stand by me*. Precisa falar, embora pareça absurdamente dramático e insensato. De modo que acaba dizendo:

– Eugenia, não sei o que faremos a partir de agora. Na consulta não faz mais sentido tentar recordar. Agora já sei tudo, ou pelo menos sei os fatos principais. Não sei o que faremos a partir de agora, mas te asseguro que no Romea seria incapaz de atuar sem você, como já sabe. Portanto, tenho que pedir que fique comigo. Fique comigo.

Arrepende-se assim que fala isso. Disse com tom imperativo. Pelo menos poderia ter dito: “Por favor, fique comigo.” Ou “Por favor, poderia ficar comigo?” “Poderemos continuar fazendo terapia?”

Mas Eugenia não leva isso em conta. Desce da nuvem, desenha um sorriso amável e reage, como sempre, de acordo com sua grande humanidade:

– Claro, Héctor. Até parece. Não precisa se preocupar com isso.

– Muito obrigado.

– Está com forças para voltar para casa?

– Sim.

– Então a gente se vê amanhã pela manhã no consultório.

À tarde, aproveitando que é seu dia de folga, Héctor dedica-se a escrever um documento Word, com o objetivo de evitar que o pensamento se complique em ramificações estranhas. Uma tarde de uma vacuidade total.

À noite, vendo que Ruth não ligou, ele liga. Quer perguntar como foi a visita à fábrica de manequins de Olot e contar sobre a visita ao estacionamento.

Ruth não atende o celular. Está desligado. Chama no fixo e quem atende é Paula, com quem ela divide o apartamento. Diz que Ruth não pode atender, está na cama. Não se sente bem. Parece que hoje, na fábrica de manequins, teve uma "crise" de ansiedade. Ainda bem que tinha os tranquilizantes que ele dera. Mesmo assim, eles a deixaram fora de combate, porque tomara dois.

– Dois tranquilizantes de uma vez? – pergunta ele.

– Já sabe que com a Ruth é tudo ou nada.

Paula acrescenta que Ruth foi deitar um pouco e acha que só se levantará amanhã pela manhã. Vai avisar que ele ligou.

Héctor não sabe o que fazer, não sabe como preencher a noite. Se tivesse espetáculo, pelo menos deixaria de pensar em si mesmo. Que cansativa é a própria personalidade. Gostaria de num clique se desconectar dos pensamentos.

É a única coisa que deseja em momentos como este, parar de pensar. O pensamento dando voltas sobre si mesmo, como um redemoinho.

Decide voltar ao hotel Casa Fuster. Ali vai se distrair.

– Uma taça de cava, senhor Amat? – pergunta Ermengol assim que chega ao bar Vienés.

– Sim, claro, obrigado.

Depois de um instante, Ermengol volta com uma taça de Pere Ventura vintage. Enquanto enche o copo, diz:

– Perdoe que me meta onde não sou chamado, senhor Amat. Sendo o senhor uma celebridade, não passa desapercebido entre o pessoal do hotel quando fica uma noite, como fez ontem. Foi uma surpresa para todos nós, e uma honra.

– Obrigado, Ermengol. É muito gentil.

– Comentamos no horário do almoço, em uma reunião improvisada entre um garçom e o pessoal da recepção. E chegamos à conclusão de que um homem de sua categoria, que contribui para o prestígio do hotel, merecia um dos quartos que dão para o passeio de Gràcia, e não o 514. Posso dizer em nome do hotel que lamentamos não termos recomendado uma de nossas *suítes.* A 311, por exemplo, estava livre.

– Não se preocupe, Ermengol. Fiquei muito bem acomodado.

Ermengol é uma joia. Primeiro porque não faz perguntas inquisitivas: não pergunta que diabos está fazendo agora, uma segunda à noite, no bar, sozinho, quando poderia estar com as pessoas *interessantes* do mundo do espetáculo. Tampouco pergunta por que ficou dormindo em um hotel de Barcelona morando em Barcelona (Ermengol não sabe que vive nos arredores, nunca falou disso em nenhuma entrevista).

– Voltará a se hospedar conosco, esta noite?

Por enquanto, só beberá mais cava Pere Ventura.

Pelo menos com a cava vai conseguir parar de pensar. O pensamento dando voltas como um redemoinho. Em momentos como este, a única coisa que quer é se distrair. Héctor está tranquilo somente porque sabe que continuará a terapia com Eugenia. Só por isso. No fundo, persiste a pontada de culpa: ficou comprovado que ele cometera um erro ao não usar celular. Realmente foi um erro? Foi azar, apesar de seu inconsciente provavelmente perceber isso como um erro. A ansiedade também deve ser provocada porque, inconscientemente, soube

desde o primeiro dia que podia ter ajudado Marina C. E que inclusive podia ter salvo sua vida se estivesse com um celular. Se não tivesse feito o jejum de notícias. Se não tivesse se isolado da vida real para preparar o personagem. Se não tivesse que trabalhar tanto. Se não percebesse o talento como uma longa conquista. Se pudesse improvisar, beber, cantar “Stand by me”, levar a vida de forma mais leve. Se tivesse, definitivamente, o que um bom ator precisa ter.

Costuma experimentar um escuro abatimento como o de agora quando comete erros em cima do palco. Não é um ator genial, mas pelo menos é um ator regular, sem altos e baixos. Isso significa que não comete erros. Por isso não vai a festas: para estar em plena forma. Por isso trabalhou tanto durante os meses prévios de ensaios (embora hoje em dia os ensaios não sejam pagos; só se começa a receber no dia da estreia). Por isso se isolou em uma bolha: para bordar o personagem, à medida que permitiam suas limitações. Não é verdade que os pilotos de aviação ou os cirurgiões não podem se permitir nenhum erro? Pois nem os atores.

Mas de vez em quando eles aparecem. Ele é humano, não é um manequim. E quando comete erros, sai do teatro detonado. Não tem vontade de conversar com os fãs que o esperam na entrada. De maneira que, por via das dúvidas, sempre sabe onde estão as portas de emergência do teatro em que atua. As portas de emergência permitem que escape depois de uma peça na qual tenha cometido um erro imperdoável.

Sim, é muito autoexigente. A autoexigência e a ansiedade: a cara e a coroa da mesma moeda.

As melhores portas de emergência são as do Teatro Nacional. Você sai por uma das portas do fundo e ninguém te vê. Vai parar na calçada que dá para a rua Padilla. Desce correndo até o estacionamento, que está ali perto. Precisa correr, antes que os espectadores, que naquele momento saem pela porta principal, cheguem até aquele lugar. Ficaria ridículo se, poucos minutos depois de te aplaudirem, vissem como você foge deles, envergonhado, pela porta de emergência.

Bebe mais uma cava.

Vem uma reminiscência.

Por causa da cava? Provavelmente. O álcool faz com que venham reminiscências? Pois parece que sim.

Vem à sua memória um episódio do Teatro Nacional que deve ser significativo, porque lembra-se muito bem dele. Quem dera que no estacionamento Ciutat Vella tivesse imagens com esta clareza.

A lembrança é coisa de um ano. No Teatro Nacional interpretava o papel de

John, o professor de *Oleanna*, e uma noite errou sua resposta. Disse uma frase que não vinha ao caso, uma frase que John devia ter falado para sua aluna Carol depois de pelo menos três quartos de hora, quando a tensão entre eles teria aumentado, e teriam se transformado em inimigos intransigentes. Não vinha ao caso, aquela resposta. E, embora a atriz que fazia Carol tivesse improvisado e salvado os papéis, Héctor se afundou.

Enquanto prosseguia a atuação, pensava: "Equivocar-se de resposta é um erro de principiante. Significa que você não está onde deveria estar. Um erro que não posso permitir. Os diretores me contratam e os espectadores pagam uma entrada cara porque sabem que estão vindo assistir a um bom teatro e têm certeza de que este tipo de erro não será cometido. Que o ator principal não se equivocará na hora de responder. O mínimo que deve fazer um ator é se concentrar no que está falando. Foi o que não fiz. Há atores geniais que podem se permitir isso, como um famoso ator italiano que escreveu em suas memórias que enquanto recitava Pirandello pensava na chuva e na roupa que tinha deixado no varal. Mas eu, de nenhuma maneira, posso deixar de me concentrar no texto, pois, se não me concentro, cometo erros imperdoáveis, como o que acabo de perpetrar."

O erro grave havia sido ter estes pensamentos. Héctor estivera apagado toda a representação.

Lembra que, quando acabou o espetáculo, depois dos aplausos, sua cara estava no chão de tanta vergonha. Vestiu a jaqueta e saiu correndo pela porta de emergência do Teatro Nacional. Com tanto azar que, um instante depois, na rua Padilla, encontrou uma espectadora que o reconheceu.

Era ela?

Uma garota ruiva.

Sim, era ela.

Devia ser uma grande admiradora. Aquela devia ser a segunda ou terceira vez que ia ver a peça, e devia ter saído antes do tempo para evitar o tumulto da saída (como faz agora Eugenia Llort a cada noite no Romea).

A garota ruiva olhava para ele com um sorriso de orelha a orelha, emocionada por ter se encontrado com ele.

– Obrigada por ter trabalhado tão bem – disse.

Ele não soube o que responder. Não podia dizer que estava equivocada. Que ali ocorrera um *mal-entendido*.

Não lembra o que aconteceu depois, quando ele voltou para casa. Supõe que Ruth devia estar deitada no sofá, lendo, semiadormecida. Quando o viu com cara de poucos amigos, deve ter deduzido que cometera um de seus “erros garrafais”, como ela os chamava, apesar de achar que não era lógico que se sentisse tão abatido por um erro. Afinal, no trabalho de jornalista os erros eram o pão de cada dia. Depois eram retificados com uma errata breve ao lado das cartas do leitor, e aí paz e depois glória.

Héctor deve ter dito olá com uma voz apagada e ter acrescentado que ia para a cama. Sem vontade nem de jantar. E deve ter se enfiado na cama para pegar no sono o mais rápido possível e parar de pensar.

Momentos como aquele, da máxima autoexigência, no qual os aplausos não tinham nenhum tipo de importância, momentos como aquele no qual o único que contava era a autocrítica, a voz interior que o perfurava porque não estivera à altura de si mesmo – momentos como aquele também devem ter desgastado a relação com Ruth. Não, ele não se perdoava dos erros. Erros que outro ator teria deixado para trás, erros que a maior parte dos espectadores, incluídos os críticos, não detectava. Erros que cometia muito de vez em quando, mas que o deixavam mortificado.

Erros que não são nada em comparação com o que já sabe que cometeu na noite do assassinato: um erro por omissão. E, se ainda fosse pouco, a vítima era uma verdadeira fã.

Quando Ermengol volta para servir uma taça de cava, Héctor percebe que antes houve uma confusão. Ermengol perguntou se ficaria mais uma noite no hotel e Héctor não respondeu.

Talvez tenha sido o efeito de abaixar a cabeça para tomar outro gole de cava, ou talvez esteja perdendo a coordenação dos movimentos por causa das vertigens ou das tonturas ou da ansiedade ou o que for. O caso é que Ermengol interpretou como um gesto de assentimento.

– Fico feliz por voltar a ficar uma noite mais conosco, senhor Amat. Eu mesmo vou me ocupar de que tenha a *suíte* pronta.

– É muito amável, Ermengol, mas preferia voltar ao quarto 514, desde que não esteja ocupado. Ontem fiquei muito bem acomodado.

– Não será nenhum problema, senhor Amat. Saiba que temos uns descontos especiais quando o cliente se hospeda mais de uma noite. E se por qualquer motivo tiver que permancer uma semana, então o quarto fica com um bom preço. Eu recomendaria que reservasse por uma semana. Mesmo que no final

fique apenas quatro ou cinco dias, já compensa.

– Agradeço muito, mas uma semana não é necessário.

Ou Ermengol não escutou, ou tomou a iniciativa, porque vai até a recepção, fala com Ecaterina e, quando volta, diz que a 514 está livre e que, “por via das dúvidas”, está reservada por uma semana.

Ele termina a taça de cava, dirige-se ao elevador e sobe até o quarto 514. Hoje pelo menos vai bem preparado: não só tem uma mochila com roupas e um livro (de Julio Ramón Ribeyro, um dos melhores diários que foi escrito em língua espanhola), mas também trouxe o binóculo.

Segunda Parte

—Todo mundo sente ansiedade – diz Ruth.

Já se passaram três dias desde a visita frustrada ao estacionamento.

Hoje é quinta. Héctor foi vê-la no apartamento que divide com Paula, que não está neste momento.

Um apartamento pequeno, no bairro do Putxet, do qual dá para vê o mar, ao fundo, e as pistas do aeroporto do Prat, com os aviões que estão partindo. Dá para ouvir pássaros e o saxofone de um jovem que toca no meio das árvores. Cada centímetro do apartamento está bem aproveitado, há livros de gatos e de cavalos. Paula domesticou seu gato, um gato preto, baseando-se em técnicas de domar cavalos. Ruth acaba de contar, muito séria, e ele não entendeu (nem a domesticação nem a seriedade).

Nas paredes há fotos das viagens de Paula, que é jornalista *freelance*; não falta trabalho, é bastante procurada. Cada parte do apartamento tem uma cor diferente: o quarto de Ruth é azul; a sala de jantar, amarela; a cozinha, vermelha. Uma cozinha vermelha, mãe de Deus. “As refeições devem ficar picantes”, teria dito Ruth algum tempo atrás. Ou melhor: “Que tontura, tantas cores fortes!” Mas hoje Ruth não está para besteiras. E claro que ele não vai fazer nenhuma piada sobre tonturas. Só seria capaz de fazer piadas sobre as vertigens, agora que descobriu que são um sintoma diferente das tonturas. As vertigens que o público continua atribuindo a uma boa interpretação. E ele se recria, exagera o passo cambaleante.

Estão sentados no sofá, como quando viam séries no notebook. No colo, Ruth tem o gato, que se chama Cheever, em homenagem ao escritor (parece que o gato gosta de lamber uísque).

Ruth, pior, pálida, a cada dia que passa está mais preocupada pelo *downsizing* do jornal, iminente. Contou que está enviando currículos, por via das dúvidas. Estes dias se distrai escrevendo de casa a reportagem dos manequins, que já deveria ter entregado, apesar de o diretor ter dito que não há pressa. O diretor continua evitando se encontrar com ela. Já deve ter tomado a decisão de despedi-la.

Na segunda, na fábrica de manequins, Ruth sofreu “a crise de ansiedade” ao ver tantos manequins de pé, como soldados de um exército de robôs. Uma

imagem “aterrorizante”, embora já tenha visto algo parecido em algum filme de ficção científica. Estes dias Paula e ela chegaram à conclusão de que a imagem em questão poderia ser uma metáfora da ansiedade. Porque acontece que Paula também sente ansiedade.

E é então que Ruth diz:

– Todo mundo sente ansiedade. Talvez esteja com uma percepção seletiva, talvez esteja acontecendo o mesmo que com as mulheres grávidas, que acabam vendo mulheres grávidas por todos os lados. O caso é que estou percebendo que hoje todo mundo sente ansiedade, em menor ou maior grau. Mulheres, sobretudo. Você é uma exceção.

Em outros tempos teria acrescentado, piscando um olho, algo como: “Deve ser porque você é mais mulher que homem.”

Agora continua com a mesma conversa. Todo Cristo sente ansiedade, apesar de, para a maior parte das pessoas – como Paula –, fazer parte do dia a dia. As crises de Paula são rotineiras, sem nada que as provoque. Costumam vir quando está mais relaxada, enquanto vê a televisão ou toma sol no terraço. Chegaram à conclusão, como jornalistas que gostam das manchetes, de que a ansiedade é a patologia deste novo século. Ansiedade causada pela situação econômica, pelo medo de perder o trabalho. Ansiedade pelo fato de não ser suficiente, porque é necessário ser a mulher perfeita, a mãe perfeita, a amante perfeita. E, a tudo isto, é preciso acrescentar a ansiedade pelo fato de sentir ansiedade.

– Está vendo, então, que você não é o único. Todo mundo anda igual.

Ela continua tomando os tranquilizantes de dois em dois. Explica a rotina para ele: põe duas pílulas debaixo da língua e, depois de vinte minutos, começa a entrar no “estado de flutuação”. A consequência, tirando a sonolência e a dificuldade para se concentrar, é o chamado *efeito rebote*, há momentos do dia nos quais a ansiedade se acentua. Confia em que, com o tempo, depois que passar a incerteza do *downsizing*, será capaz de conviver com a ansiedade com o mesmo espírito esportivo que Paula. Hoje, no entanto, está tão abalada que nem sequer é afetada pelos insultos que não deixa de ler na edição digital do jornal.

– E você, como está, lindo?

Ele não pode dizer que tem a cabeça um pouco nebulosa, não consegue falar do hotel nem da cava que bebeu ontem até a madrugada (como está fazendo toda noite. Não apenas cava, mas também gim-tônica).

Conta a Ruth que, depois que averiguou de onde se lembrava da garota morta, seu problema agora é o remorso. Ficou claro que podia ter ajudado Marina C.

– Claro, você deve pensar que no estacionamento cometeu um erro grave.

– Mais ou menos. Foi azar. Mas, sim, vivo como se tivesse cometido um erro.

– Não fique mal. A pobre garota estava bastante ferida. Teria morrido da mesma forma.

– O marido dela não acha o mesmo.

– Não importa o marido dela. Seja como for, você era um cliente que passava por ali. Onde se viu que os clientes tenham que vigiar os estacionamentos? A responsabilidade em nenhum caso é sua.

– A responsabilidade legal, não, mas a moral, sim.

Ruth opta por fazer uma pausa.

– Quer um chá?

Aturdida pelos tranquilizantes, não deve querer discutir responsabilidades morais. Vai à cozinha. Seus movimentos parecem os de Eugenia Llort: em câmera lenta. Quando volta com as duas xícaras de chá, ele diz, em voz baixa:

– Estes dias, como dá para imaginar, estou me arrependendo de ter feito um jejum de notícias, de ter levado isso ao extremo.

Em outros tempos, ela teria exclamado acalorada: “Está vendo? Acabou me dando razão!” Mas agora sorri como se tudo estivesse bem, como se praticasse meditação e tivesse um estado de consciência elevado. Realmente os tranquilizantes são as drogas da vez. Drogas legais, aceitas socialmente, mas drogas, de qualquer forma. A população drogada. “O sistema”, como o chamam Ruth e Paula, nos empurra a ser produtivos e a procurar a excelência, e nos droga para que possamos suportar isso. É incrível que os médicos de cabeceira receitem tranquilizantes. Aparentemente, na Espanha já se consome mais tranquilizantes que aspirinas.

– Não fique mal – repete Ruth, adotando o papel de melhor amiga. – Por falar em jejum de notícias, quer a pasta?

A pasta. Nem se lembrava da pasta. Deve ser uma pasta de cartolina com elásticos, como as que Ruth usava quando recortava tudo que saía sobre ele nos jornais. Aquele seria um dos presentes fixos, disse quando começaram a sair: fazer dossiês de imprensa para ele. Entrevistas, críticas, reportagens: tudo ia parar em pastas que ele guardava em uma estante, para dar uma olhada no futuro que nunca chegava. Aquilo também devia ter distanciado os dois, o fato de que ela desse tanta importância à irrealidade dos meios de comunicação e ele não. Era lógico. Ela vivia dos meios. Ainda vive.

– Se não se importa, vou deitar um pouco. O Trankimazin me dá um pouco de sono. Pareço uma zumbi.

Ele abre a pasta. No primeiro recorte já parece a foto do estacionamento 33c.

Uma foto distribuída pela agência Europa Press na qual se distingue claramente a mancha de sangue. Todo os recortes coincidem em dizer que, naquele canto cercado por cordas, morreu a vítima. E todos os jornais a chamam por nome e sobrenome: Marina Cuatrecasas. As manchetes são: “Matam a tiros uma garota em Ciutat Vella”, “Mulher assassinada com dois tiros” e o que se repete mais: “Assassinato no estacionamento.” Na letra pequena contam, fazendo eco do teletipo da Europa Press, que o vigilante achou a garota morta com dois tiros no estômago “que causaram sua morte”. *La Vanguardia* informa que a polícia científica procurou provas no cenário do crime. *El País* repete que um motorista disparou vários tiros contra a jovem à queima-roupa. Segundo o mesmo jornal, um dos disparos provocou sua morte ao destroçar uma veia que fez com que a garota sangrasse rapidamente. Não é conhecido o motivo, aponta o jornal. No dia seguinte, a notícia ocupa menos espaço. Todos os jornais informam que os Mossos prosseguem as investigações para identificar o assassino e encontrar a arma do crime, uma pistola de calibre pequeno. Nenhum jornal diz a que hora chegou a ambulância.

Depois de cinco dias já houve um detido, de nacionalidade búlgara. A projeção dos vídeos das câmeras do estacionamento “foi a chave”. No momento da detenção, segundo informaram a *El Mundo* os Mossos d’Esquadra, o suposto agressor estava armado. Um jornal, o único que tem seção policial, publica uma exclusiva, assinada pela jornalista Tura Soler. Na notícia, é citado pela primeira vez o nome do detido, Tsvetan Hristov, e o motivo do assassinato: um assunto de drogas, uma vingança. Segundo as primeiras investigações, a que deveria ter sido a vítima tinha uma dívida de centenas de milhares de euros com o chefe de uma organização de tráfico de drogas ao qual pertencia Hristov. O texto destaca as contradições de Hristov ao ser interrogado pela polícia: também havia dito que a mulher “tinha roubado” dinheiro do chefe da organização. Fosse como fosse, Hristov fora o encarregado de executar o assassinato. Mas uma série de “coincidências fatais” entre Marina Cuatrecasas e a que deveria ser a vítima (ambas eram ruivas e tinham, tanto uma quanto a outra, uma tatuagem na omoplata) tinha confundido o búlgaro.

“Um assassino inepto”, pensa Héctor, indignado, enquanto vira a página. Um homem inepto para viver. Ele é que deveria estar morto.

O resto dos jornais dedica pouco espaço ao erro. Talvez porque a exclusiva é da concorrência, ou talvez porque – como Héctor sabe por Ruth – os jornais não têm dinheiro nem repórteres para investigar. Precisam se dedicar ao dia a dia, e esta notícia já é antiga. Ou talvez porque o detido seja búlgaro: se fosse catalão,

teriam gasto mais tinta.

O assassinato deixa de ser notícia durante uns dias. Até que o marido da vítima faz chegar às redações uma nota à imprensa na qual informa que processará o estacionamento por desatenção e negligência. Todos os jornais contam o mesmo: o doutor Cuartiella, que é como se chama o marido, assegura que, ao contrário do que se disse, os disparos não tinham sido "necessariamente fatais", e que se sua mulher tivesse sido atendida imediatamente, teria sobrevivido. O doutor Cuartiella é contundente em relação a este ponto: "Não teria morrido por perda de sangue." Também quer que fique claro que sua mulher nunca teve relação com o suposto assassino, nem com seus assuntos de droga nem com o bando ao qual pertence. Dois jornais, *Abc* e *El Periódico,* publicam fotos dele, de arquivo. Um homem mais velho que Marina C. Sob o cabelo grisalho penteado para trás, as feições nobres. Um homem distinto. Héctor imagina sua vida matrimonial ordenada. Imagina uma vida de médico com uma discrição levada até extremos admiráveis, deve ter sido difícil fazer a nota para a imprensa. Não quis oferecer uma entrevista coletiva, com câmeras e focos. A luz cegante nos olhos.

Quando Ruth volta da sesta, com o gato Cheever entre os braços, diz:

– Agora já sabe praticamente tudo o que aconteceu.

– Praticamente?

– Ainda não sabe o que fez enquanto esteve com a garota. Não lembra em que momento morreu. Suponho que perdeu a memória.

– Ruth, não acho que seja necessário revolver mais o assunto.

– É verdade. Aqui o único que tem motivos para revolver é o marido. Mas é apenas vontade; não está bem assessorado, não sabe como canalizar a raiva. Afinal, sua mulher já está morta. Tudo o que poderá tirar do vigilante é dinheiro. Claro, não acha que deveria ir vê-lo, o Nacho? Pelo menos para dizer que você também está passando um mau momento. Que tem seu apoio. Não falar que se sente culpado, isso não é preciso.

Sim, Ruth tem razão. Como quase sempre.

Ficam uns segundos em silêncio, até que ela muda de tema e pergunta:

– Como vai a terapia? Que tal a psicóloga perfeita? – Ruth sorri. Levantou-se da sesta de bom humor. – Com certeza já não a vê como tão perfeita. Pela cara que está fazendo, com certeza já se deu conta de que é estranha. Embora, claro, nestes dias eu também seja uma desequilibrada. Mas, pelo menos, não me dedico a aconselhar as pessoas sobre como ter a mente equilibrada.

Ele gostaria de responder que Eugenia Llort não o aconselha. Que, como boa terapeuta, deixa que ele chegue às próprias conclusões. Por isso foram ao estacionamento; para que ele construísse seu próprio relato.

Não diz nada, não saberia por onde começar. Não pode contar nada do hotel Casa Fuster.

Pra começar, Ruth não acreditaria. Diria que está tirando um sarro de sua cara. "Você nunca se atreveria a espiar ninguém", acrescentaria com um sorriso irônico. Ou talvez acreditaria que está ensaiando uma versão teatral de *Janela indiscreta*. E continuou: "Este personagem, parecido com Cary Grant, combina com você."

Quando ele esclarecesse que não está preparando nenhum papel, ela se preocuparia seriamente por seu estado mental.

Ou talvez não. Talvez estivesse gostando de saber que por fim ele está se soltando. A sensatez ou *seny* está deixando de ser um problema para ele.

Não foi fruto de uma decisão, o fato de se soltar. Quando, na segunda-feira, voltou com o binóculo ao quarto 514, não tinha intenção de ficar mais noites. Só queria deixar de pensar na visita frustrada ao estacionamento. No dia seguinte, tomaria uma ducha, desceria à rua de Gràcia e, às onze em ponto, tocaria a campainha do consultório. Estes seriam os planos. Mas depois que entrou no quarto 514 voltou a olhar pela janela, e a cena que viu, uma cena protagonizada por uma Eugenia Llort desconhecida, empurrou-o a ficar mais um dia.

Assim que entrou no quarto 514, apagou todas as luzes. Agarrou o binóculo da bolsa, tirou os sapatos, sentou-se na poltrona, na frente da janela, perto do vidro. Eugenia escrevia de novo no computador; aquela devia ser a hora em que mais se concentrava. Uma mulher noturna. Estava escrevendo um fragmento de um documento Word. O corpo de letra grande, um corpo 16 da letra Georgia, ajudava o binóculo a captar bem o texto. Não escrevia nada de trabalho, nenhum relatório sobre nenhum paciente ou plantão de emergência. Na verdade, o título do documento era "Rua de Gràcia, 1, 4º", seu endereço atual. Parecia uma espécie de diário, como o que ele está escrevendo agora mesmo. Ou seja, a psicóloga fazia aquilo que pregava. E seu pensamento também complicava tudo. O texto Word como uma gaveta, para guardar o passado.

Ele baixou o binóculo, não queria ferir a privacidade dela até aquele extremo: teria sido como ler sua correspondência. Mas não conseguiu evitar ver que o texto fazia referência ao conceito de "empatia", e a um tal Borja, que devia ser seu ex-companheiro, porque não estava muito bem retratado. Entre o fragmento da empatia e o de Borja, havia algumas páginas. Eugenia avançava e retrocedia, fazendo e refazendo o texto, meticulosa, sem um pingo de torrencialidade. Escrevia em terceira pessoa, assim como tinha recomendado que ele fizesse. Quando terminou, salvou o texto na rede, na nuvem, no Google Drive, onde entrava com senha, uma senha que ele não quis saber, apesar de que, com o binóculo, poderia ter visto perfeitamente quando digitava. Mas, não, não queria olhar. Tinha medo de si mesmo: umas horas mais tarde, empurrado pela cava, seria capaz de se conectar ao wi-fi do hotel, entrar no Google Drive, digitar a senha de Eugenia e ler seu documento Word. Não, não tinha perdido o *seny*

totalmente.

A cena começou quando, da mesma forma que na noite anterior, ela colocou os fones de ouvido e deitou no sofá. Mas, ao contrário da noite anterior, nesta começou a chorar.

Como se, com a escuridão, sua vontade se debilitasse. Como se aquilo que a razão havia contido durante todo o dia, a escuridão colocasse para fora.

Com a escuridão chegam os vícios: abrimos a geladeira e comemos ou bebemos aquilo que durante o dia tínhamos proibido a nós mesmos. O cérebro reptiliano recupera o poder. “Só esta noite”, costumamos dizer. “Tive um péssimo dia e posso me permitir.” De noite, liberamos nossos vícios. Apesar de tudo, o de Eugenia Llort não era um vício. Não tinha bebido muito, ao contrário do que poderia ter feito pensar o fato de que no fim de semana tivesse tomado duas taças de cava no teatro Romea. Em sua mesa, junto ao sanduíche meio comido, tinha uma taça de vinho tinto. Certamente com o objetivo de se desinibir, tal como estava fazendo.

Na noite anterior, ou não chorava, ou então, sem o binóculo, suas lágrimas tinham ficado desapercebidas. Agora, uma profunda tristeza inundava seu rosto. Deixava que as lágrimas fossem caindo, sem enxugá-las com nenhum lenço.

Ele gostaria de se vestir, sair do quarto, descer até rua de Gràcia número 1, tocar a campainha do apartamento quatro e dizer que estava ao seu lado. Que era consciente de que, no estacionamento, as coisas não tinham ido como ela esperava. Talvez chorasse porque estava convencida de que havia cometido um erro grave, como os dele. Não, tudo que havia acontecido era que ele não conseguiu ter novas lembranças. Que Espada havia contado tudo. O que ele já poderia saber se não tivesse iniciado um jejum de notícias.

Apesar disso, talvez não estivesse chorando por esse motivo. Talvez estivesse sentindo dor por sua relação terminada: acabava de escrever um texto no qual fazia referência a seu ex-companheiro.

A cena teve um clímax. Depois de quinze minutos no sofá, vestida apenas com uma camisola, chorando sem secar as lágrimas nem assoar o nariz – Eugenia era elegante até nisso –, ela se levantou e foi até o quarto-consultório. Agarrou a almofada vermelha, a que sempre está em um canto, levou-a à sala de jantar e começou a golpeá-la enquanto gemia. Duas ou três vezes gritou, fazendo gestos de desespero. Os gritos deviam sair bem do fundo. Golpeava a almofada como teria golpeado um saco de pancadas.

Héctor sentiu-se muito afetado pela cena. Se no dia seguinte ficou no quarto, foi para ver se ela se repetia. Para ver se havia se tratado de um episódio pontual ou se ali havia algo mais. Talvez, dos dois, Eugenia fosse quem estivesse pior. Talvez tivesse muita dor acumulada e precisasse eliminar a raiva. Ele sempre havia eliminado a raiva no palco, quando o personagem exigia. Nisso, o teatro era terapêutico. Com Dick Diver, tinha que eliminar a raiva quando Nicole perdia os papéis (na cena que transcorria no banheiro, em frente ao olhar atônito do personagem da senhora McKisko).

Talvez o que Eugenia fizera ontem quando se levantou também tivesse a ver com a raiva. Talvez tivesse sido outra forma de descarregar.

Usava o que para ele, no começo, parecia ser um pijama branco. Era um moletom, já que foi ao quarto ao lado da sala de jantar, um lugar vazio e espartano, e fez alongamento no chão. Depois de uns minutos começou a correr na esteira. Uma mulher saudável: fazia esportes à primeira hora da manhã. A máquina parecia nova, tinha plásticos na parte superior. Estava situada, como a mesa, perto da janela. Durante os 45 minutos que esteve correndo, Héctor teve que ter muito cuidado para não ser visto. Com a claridade da manhã, não podia deixar as cortinas abertas. De maneira que agora literalmente enfiava o nariz entre as cortinas. Seu visual não tinha desperdícios. Tinha deixado o pijama em casa e usava apenas a camiseta e a cueca com que tinha dormido.

Eugenia corria e escutava música com uns fones de ouvido amarelos. Devia ser uma música diferente à da noite anterior, uma música enérgica. Seu rosto tinha um ar grave, apesar de ser o habitual: Héctor nunca tinha visto ninguém rindo enquanto corria.

Corria e olhava para o hotel, como se estivesse em uma academia das que colocam as esteiras e bicicletas elípticas perto das janelas. Eugenia devia ver um quarto com as cortinas azuis e marrons fechadas, um quarto que ela nem sequer devia saber que era o 514. Obviamente, não conseguia vê-lo. Era impossível que visse seus olhos e seu nariz pelo pequeno buraco que abria entre as cortinas. Devia pensar que os turistas que se hospedavam naquele quarto estavam dormindo.

Foi então que, vendo como suava e corria, teve um pensamento que durante o dia voltaria a aparecer: era estranho que uma mulher tão saudável, que durante o dia só comeu quando teve fome e apenas pequenas quantidades, torradas com salmão, ao meio-dia uma salada de muitas cores, com alface e cenoura e abacate e tomates, e no meio da tarde morangos, foi então que pensou que era estranho que, sendo como era uma mulher saudável, não saísse para correr ao ar livre. Na

estrada de Les Aigües, por exemplo. Ou perto do mar. Ou pelo menos na academia que está a poucos metros, na rua Gran de Gràcia, uma DIR. Tirando o pouco tempo em que vai vê-lo no teatro Romea, durante todo o dia ficou reclusa no apartamento.

Quando às onze da manhã se encontraram na consulta, o rosto dela estava tranquilo, e a única marca da noite anterior eram as olheiras meio roxas sob os olhos. Era este o segredo de sua serenidade cotidiana? Chorar, bater numa almofada, correr?

Ele tinha saído do quarto 514 cinco minutos antes das onze. Tinha tomado uma precaução: depois de tomar uma ducha, havia secado o cabelo. Representava que tinha ido de metrô e seu cabelo teve tempo de secar.

O sorriso de Eugenia era o de sempre, acolhedor, e seus movimentos em câmera lenta estavam muito distantes dos golpes contra a almofada da noite anterior. Ou seja, interpretava um papel. O papel da calma. Enquanto se servia de chá verde sem teína, Héctor não conseguiu evitar olhar de esguelha para a almofada do canto. A capa daquela almofada vermelha devia estar cheia de manchas irregulares de saliva e de lágrimas.

Sentou-se e começou falando da visita do estacionamento.

– O que vamos fazer – disse.

As coisas não tinham acontecido como ela previra. Mas tudo aquilo eram águas passadas. Tínhamos que nos acostumar a deixar que as coisas simplesmente acontecessem, dissera. Sem querer controlá-las tanto.

Héctor não sabia se estava falando aquela mensagem para si mesma ou para ele, o homem controlador.

Continuara a falar: realmente, a ambulância tinha demorado “uma eternidade”. Na verdade, o vigilante Nacho havia ligado muito tarde ao serviço de emergência médica. O ideal teria sido que Héctor tivesse descoberto isso por alguma lembrança, não pelas explicações de Espada. Se tivesse lembrado tudo, se ele mesmo tivesse feito o relato, praticamente teriam cortado pela raiz a origem do estresse pós-traumático.

Apesar disso, ele já estava muito melhor. As imagens de Marina Cuatrecasas não o faziam mais acordar no meio da noite. Tinham que virar a página e olhar para a frente.

Eugenia deixou a taça de porcelana no chão e fez a pergunta de sempre:

– Como está?

Héctor não conseguia responder que estava preocupado com ela.

Decidiu falar da reminiscência.

Contou que uma reminiscência tinha vindo bem quando menos esperava, na tarde anterior (não disse que foi precisamente em frente, no hotel Casa Fuster, bebendo cava).

– Continue.

Tinha se lembrado de onde conhecia Marina C. Na verdade, tal como suspeitava, era uma verdadeira admiradora. Havia mais de um ano, depois de uma apresentação de *Oleanna*, ela tinha pedido um autógrafo a ele. Justamente um dia em que fizera uma péssima representação. Havia cometido um erro imperdoável enquanto interpretava *Oleanna* e tinha fugido pela porta de emergência do Teatro Nacional, a que dá para a rua Padilla. E tinha se encontrado cara a cara com a garota ruiva, que sim, era ela, sem dúvida. Ela o felicitara por ter "trabalhado tão bem". E ele, envergonhado pela apresentação que acabava de fazer, não soube o que responder. Daí conhecia a pobre garota.

***

Nos minutos seguintes Eugenia explicou, com seu tom pedagógico, que em certas ocasiões tínhamos reminiscências quando menos esperávamos. Quando estávamos relaxados. Não era possível pressionar o inconsciente. E talvez tivessem pressionado demais indo até o estacionamento. De qualquer forma, ela comemorava ("você entende", acrescentou, "que não quero dizer exatamente comemorando") que ele se lembrasse de onde conhecia o rosto daquela garota.

Talvez, acrescentou Eugenia, a ansiedade dele tivesse origem em situações como aquela. Não necessariamente naquela situação, seria muita casualidade, mas em situações nas quais ele considerava que não havia estado à altura dos espectadores. Situações nas quais alguém do público o parabenizava sem que ele acreditasse que merecesse os elogios.

E depois de ver no estacionamento aquela verdadeira admiradora e, acima de tudo, de vê-la morta, os sintomas tinham sido disparados. Era só uma hipótese, mas Eugenia acreditava que tinha fundamento. Poderiam trabalhar a partir de agora, na consulta, nessa direção.

– Há alguma outra questão que você queira trabalhar durante as próximas sessões, algo que o preocupe?

Héctor não podia responder que era ela que o deixava muito preocupado.

E optou por apresentar um tema que já tinha preparado.

– Deveria deixar – disse e, logo depois de falar isso, ficou um instante calado, uma espécie de pausa retórica, porque, de repente, ela adotou uma expressão desconcertada. Permaneceu em silêncio só um instante; não esperava que o rosto de Eugenia ficasse ensombrecido daquela maneira. Terminou a frase: – Quero dizer que deveria deixar o trabalho de ator.

Então ela respirou mais tranquila. Desapareceu a pequena ruga que se formara na testa. Talvez, pensou Héctor, por um instante Eugenia tivesse deduzido que ele queria deixar a terapia. Mas se era ele quem no dia anterior tinha medo de que ela desse por terminada a terapia! Foi ele que disse, em tom dramático e risível, “fica comigo”.

Não, ele não era tão importante a ponto de sua psicóloga se assustar frente à possibilidade de perdê-lo como paciente. Por que tinha ficado séria, então?

– Continue.

O assassinato, as vertigens, os medos: eram sinais. Sinais de que tinha que deixar de ser ator. Na verdade, se durante esta vida tinha recebido sinais em algum sentido, havia sido nesse. E agora os sinais eram muito eloquentes.

– Continue.

A vida ia nos dando sinais, e ele havia passado metade do tempo fingindo que não existiam, ou melhor, lutando contra eles em nome do chamado *espírito de superação*. Não deveria ter se matriculado no Instituto do Teatro. Não deveria ter lutado nunca contra sua natureza introvertida. Durante duas décadas havia vivido de frente para a plateia. Ou seja, estivera fazendo o contrário do que pedia seu corpo, acreditando que assim superava uma limitação. Que, graças à limitação – neste caso, a timidez – tinha tirado o melhor de si mesmo, como o grão de areia que entra na ostra e faz a pérola. Mas ele tinha seguido um caminho equivocado. Agora via isso claramente. O assassinato, as vertigens, os medos: eram sinais.

– Continue, por favor.

Que curioso, isto dos sinais que nos dá a vida. A maioria das pessoas chamava os sinais de *casualidades.* Se surpreendiam e continuavam como se nada houvesse acontecido. Ele tinha feito isso até que agora, repentinamente, tinha a certeza de que ali havia uma espécie de inteligência, não sabia como chamá-la, uma inteligência universal, que estava dizendo que deveria parar. Pela primeira vez não iria contrariar aquela inteligência. Iria se render a ela. Agora o mais importante era acabar bem a temporada de *Suave é a noite*. Tinha um contrato, devia cumpri-lo e, além do mais, a obra estava sendo um sucesso de público.

Mas, quando terminasse, teria um período de reflexão, uma pausa. Para um ator, ficar uns meses, inclusive uma temporada, sem representar nenhuma obra nova era habitual. Os seguidores acreditariam que estava preparando um novo papel. Enquanto isso, ele pensaria no que fazer, para onde apontar, que outro trabalho se ajustava melhor a seu caráter. Tinha vindo à vida para olhar, não para ser olhado.

– Continue.

Parecia mentira que não tivesse decidido antes. Que durante duas décadas tivesse perdido, literalmente, o tempo. Pelo menos percebera agora, quando ainda tinha vinte ou 25 anos de vida de trabalho. Pelo menos poderia recomeçar do zero, como ela tinha feito.

– Eu continuo exercendo a psicologia.

Sim, ele se referia ao fato de ter começado uma nova vida, em outro apartamento, e de fazer os plantões de emergência.

Eugenia não tinha respondido. Havia prosseguido com seus “continue”. Uma mulher reservada no que se referia a sua vida pessoal. Não fez o que teria feito uma amiga, ou uma mãe. “O que está dizendo? Deixar de ser ator? Você pensou bem? Quer dizer que agora é o momento de parar, com a crise?” Nossos ambientes costumam ser conservadores. Se fosse por eles, não nos moveríamos nunca do mesmo lugar.

Quando se despediram, Héctor percebeu que nos olhos de Eugenia havia mais brilho. Talvez tivesse esquecido dela mesma durante aquela hora. Que cansativa é a própria personalidade. Talvez estivesse gostando do novo rumo que tinha adquirido a terapia, longe do estacionamento.

Às doze, Héctor voltou diretamente ao hotel, ao quarto 514. Não passou pelo bar para comer. Não queria perder o momento em que Eugenia deixava de exercer o papel de terapeuta e voltava à sala de jantar, à intimidade de seu apartamento.

Ele ficou o resto do dia no quarto 514. Mais que a passagem do tempo, são os espaços que nos mudam. Nosso eu é diferente em casa ou no anonimato de um hotel cinco estrelas, onde nos fazem a cama e à noite nos deixam um cartão que nos informa sobre a temperatura prevista para amanhã. Um lugar de passagem, onde somos um pouco estrangeiros. No hotel Casa Fuster praticamente não havia homens solitários como ele, a clientela era formada por casais. Homens e mulheres que, como Dick e Nicole Diver no período pomposo de suas vidas, sustentam a própria identidade nas posses. Tenho um relógio Cartier e um carro Porsche e, por isso, uma identidade privilegiada que está acima da do resto, assim como os atores que passam a vida atuando e olham para a gente por cima do ombro. Vim a Barcelona para fazer compras no passeio de Gràcia e visitar o museu Picasso, a Pedrera, o parque Güell e o dinheiro teria que me fazer evitar filas. Mas não é assim. De maneira que suporto as filas enquanto não deixo de olhar a telinha do celular e o sol bate na minha cara e minha pele branca se torna rosada, da cor de camarão cozido e volto ao hotel e não tenho vontade de fazer nada. E me abstraio. Me abstraio no bar, no terraço, tomando um coquetel, perto da piscina.

Héctor não se abstraiu. Olhou. O que mais o surpreendeu foi que Eugenia não tivesse mais nenhum paciente. Há três semanas disse que podia ir vê-lo no Romea porque acabava de abrir o consultório e tinha poucos pacientes: não disse que não tinha nenhum. Ontem o consultório esteve vazio durante todo o dia, e Eugenia ficou na sala de jantar, com uma indolência entre confortável e monástica. Escreveu no documento Word e leu um livro de poesia de Emily Dickinson. Não recebeu ligações, não falou por telefone, nem sequer saiu para comprar comida. Na primeira hora da tarde, apareceu o rapaz do supermercado: subiu as sacolas de compras, que antes ela tinha pedido pela internet. Era lógico que não queria subir ela mesma a compra por quatro andares, no edifício não há elevador. De qualquer modo, ficava claro que Eugenia, depois da separação, apostava na solidão. Talvez há muitos anos trabalhasse por conta e agora quisesse descansar. E tirar de dentro a raiva acumulada.

Durante o dia a cena não se repetiu.

E se Héctor decidiu ficar no hotel foi para comprovar se à noite a cena se repetia. Se era sistemático, aquilo de se deixar levar na última hora, uma rotina, assim como correr.

Ele somente saiu do hotel por meia hora (cada vez gostava mais do cheiro da recepção, de incenso de baunilha) para ir comer alguma coisa no bar ao lado, o Buenas Migas.

E à tarde saiu do hotel porque tinha espetáculo.

Saiu com tempo de sobra, porque Eugenia também ia a pé ao Romea, e não queria encontrá-la descendo pelo passeio de Gràcia. Não saberia o que falar, apesar de que podia inventar que voltava de uma sessão de fotos.

Durante a peça, ela riu nas cenas cômicas. Portanto, o choro e a raiva da noite anterior não eram incompatíveis com a risada, quando era hora de rir. Sim, Eugenia tinha jeito para atriz.

Quando terminou a peça, voltou para o hotel de táxi. Ela também costumava voltar de táxi; não coincidiriam no ponto, porque ela ia embora antes, bem quando começavam os aplausos, com o objetivo de não enfrentar as filas da saída do Romea.

***

Héctor tinha muita fome e quando estava no hotel foi ao bar Vienés e pediu a Ermengol o jantar Duke Ellington. A primeira coisa que Ermengol disse, enquanto servia uma taça de cava como aperitivo, foi que tinha ficado feliz por ele ter aceitado a oferta da semana. Ele não disse nem sim nem não, coisa que Ermengol deve ter interpretado como um assentimento.

A segunda coisa que disse, enquanto jantava, foi:

– Parabéns pela iniciativa das cenouras.

Héctor não sabia a que se referia. Ermengol entregou um dos jornais da entrada, da mesa onde dispunham a imprensa internacional. Sim, inclusive havia publicado a imprensa internacional, disse Ermengol mostrando o *Herald Tribune*. O teatro de Bescanó havia vendido cenouras em lugar de entradas para a estreia de uma obra, *Suicidas*, como protesto pelo aumento do imposto na cultura. Os responsáveis da companhia defendiam que os quatro por cento de imposto das verduras e das hortaliças eram muito mais justos que os 21 por cento da cultura. E o prefeito de Bescanó – que, segundo Ermengol, tinha sido açougueiro no passado – havia declarado que a cenoura era “o alimento da

cultura”.

– A apresentação foi um sucesso – concluiu Ermengol. – O teatro teve que pendurar o cartaz de “Entradas esgotadas”.

E assim que falou isso, Ermengol soltou uma gargalhada. Os óculos de armação metálica, que normalmente outorgavam um ar reflexivo, agora tremiam sobre o nariz. Ria com tanta vontade que contagiou Héctor com sua risada, que, afinal, não sabia mais se ria das cenouras ou da risada de comemoração de Ermengol.

Devia ser pela risada, pelo momento de distensão, assim terminou aceitando a proposta de provar o novo gim-tônica da casa, África Monumento.

A aguardante era Mombasa Club e a tônica, de bolhas finas.

Héctor devia mostrar na cara que tinha pressa para ir ao quarto (para observar Eugenia, que devia estar jantando algo), porque Ermengol disse que mandaria que subissem o gim-tônica ao quarto.

Depois de um tempo, Eugenia repetiu a cena. O choro, a almofada. Contudo, essa noite Héctor não se preocupou tanto. Talvez sua mente estivesse ficando menos ansiosa. Talvez o gim-tônica estivesse ajudando.

Bebia em pequenos goles, mas certamente fazia um forte efeito, assim como acontecia, segundo recorda da época em que se documentava, com Fitzgerald. Hemingway tinha escrito que Fitzgerald, que “bebia para suportar as pessoas e os lugares”, não era um verdadeiro bêbado, pois era afetado por pequenas quantidades de álcool.

Héctor bebia, e com toda segurança era afetado, por pequenas quantidades de gim-tônica, somadas às duas taças de cava que tinha tomado no bar Vienés. De todas as maneiras, não notava nada que não fosse serenidade e uma certa alegria contida. Fazia anos que não bebia gim-tônica. Desde que saía com os companheiros, ao término das primeiras peças. Em seguida, se autoproibiu o álcool, porque no dia seguinte não tinha a mente limpa. E ele era incapaz de fazer algo bom sem ter a cabeça limpa, mas agora que voltava a provar o gim-tônica, pela primeira vez em quase dez anos, era consciente de tudo que havia perdido. Não era estranho que os atores recorressem cada noite ao álcool para fazer a descompressão.

Veio à memória um fragmento do diário que estava lendo estes dias, de Julio Ramón Ribeyro, que mencionava, precisamente, o álcool.

Héctor pegou o livro, voltou à poltrona – Eugenia ainda estava deitada no sofá, devia estar a ponto de dormir, tinha o olhar perdido na direção do hotel – e releu

o fragmento de Ribeyro: “O álcool produz em nossos sentidos uma vibração que nos permite distorcer nossa percepção da realidade e empreender uma nova leitura dela. Ao beber, simplesmente mudamos de lente e recebemos do mundo uma imagem que tem em todo caso a vantagem de ser diferente da natural. Neste sentido, a embriaguez é um método de conhecimento. A embriaguez moderada, quer dizer, aquela que nos afasta de nós mesmos sem que nos abandonemos, não a bebedeira, na qual nossa consciência diz adeus a nosso comportamento.”

Sim, a embriaguez que Héctor experimentava era moderada, e talvez nesta nova etapa que começaria logo, na qual abandonaria o mundo da interpretação, poderia provar gim-tônica e recuperar o prazer do álcool. Não era estranho que os gatos buscassem plantas para ficarem doidos. Ele, agora mesmo, não pensava nem nos afogamentos, nem nas vertigens nem nos medos. O gim-tônica tinha um efeito sedativo sobre seu sistema nervoso, o primitivo e o outro, o moderno, ou como se chamasse, agora não se lembrava. Nestes momentos, achava que era capaz de caminhar por toda a cidade sem se lançar sobre nenhum transeunte. Agora mesmo faria um espetáculo solto, enlouquecido. O gim-tônica, sim, que era uma boa droga, não os tranquilizantes. O gim-tônica deveria estar subvencionado pela previdência social e ser receitado pelos médicos.

Eugenia tinha se levantado para esticar as pernas. E continuava com o olhar absorto, na direção do hotel. Aproximou-se da janela, devia querer ver o panorama. Olhava fixamente para o hotel.

Ele não via bem, porque não tinha o binóculo à mão – segurava o copo. Algo no quarto ao lado deve ter chamado a atenção de Eugenia. Talvez os turistas russos do quarto contíguo estivessem brigando. Ou talvez estivessem trocando fluídos. Vai saber.

Não, o olhar dela vinha na direção de seu quarto 514. Eugenia tinha os braços cruzados e estava parada bem na frente da janela. De repente, Héctor entendeu tudo. Com o efeito da cava e dos gins-tônicas, tinha se distraído e esquecera de apagar as luzes. Eugenia o havia reconhecido e olhava para ele, sim, para ele.

Teria preferido fugir pela porta de emergência do hotel, como fazia nos teatros quando cometia um erro grave.

Tudo isto é o que não podia contar a Ruth este meio-dia. Ruth não teria entendido nada e teria ficado com ciúmes. Teria confirmado que a psicóloga era estranha e que ele, de repente, também era.

Ou talvez ela gostasse de saber que ele havia sido um pouco baderneiro.

Antes de ir embora do apartamento de Ruth, desde que seu telefone ligara para Nacho (como Ruth acabara de sugerir). Primeiro ligou no estacionamento e pediu o número dele a Espada. E, a continuação, tinha ligado para Nacho e perguntado se podia passar para visitá-lo esta mesma tarde. Nacho pareceu ter ficado contente.

– Muito obrigado. Não esperava esta ligação.

Héctor tem tempo de sobra, faltam três horas para ir ao teatro Romea. Além do mais, Nacho vive perto do teatro, na rua Peu de la Creu.

Enquanto vai até a casa do Nacho, pensa em Eugenia.

Esta manhã, como um covarde, em um momento no qual ela ainda estava dormindo (tinha se assegurado disso, olhando de novo pela janela), tinha ligado para ela, deixado uma mensagem na secretária dizendo que não se encontrava bem e que hoje, infelizmente, não poderia ir à consulta.

Não sabe o que vai acontecer esta noite. Não sabe se ela irá vê-lo no teatro Romea. Deve estar brava e com razão. Mas, conhecendo-a, seria estranho que o deixasse pendurado no teatro, incapaz de atuar. O mais provável é que amanhã, quando ele voltar à consulta – porque sim, tem que voltar, como um homem, e se desculpar, e talvez reconhecer de uma vez por todas que está atraído por ela – o mais provável é que ela diga que devem parar com a terapia. Que continuará indo ao teatro Romea enquanto a obra permanecer em cartaz; mas que pela manhã não é preciso que continuem conversando. Que perdeu a confiança nele.

Ou talvez não. Talvez, na verdade, esteja apaixonada por ele e se sinta honrada pelo fato de que ele tenha reservado um quarto de hotel só para vê-la.

Para espiá-la? Não necessariamente.

Ele pode negar que estivesse espiando. Não viu nada que um turista não veria. Mesmo assim, o fato de que ele não fosse um turista faz de seu ato algo doentio. Mas, no final, ele não é mesmo um doente? Não é a ansiedade uma doença? E

não é uma doença a paixão? Todo dia pensando na pessoa desejada, esperando notícias suas. Há alguma diferença com a obsessão?

Nacho o recebe com um sorriso vago e um abraço. É tão pequeno, Nacho, que seu abraço bate em sua cintura. Convida-o a entrar na sala. O ar respirado e novamente respirado. Nas paredes há calendários astrológicos e de motociclismo. E os livros que tem em cima da mesa, junto ao jornal esportivo, são de budismo. Uma combinação curiosa, a de Nacho: os esportes, a astrologia e o budismo.

Convida-o a se sentar. Seu rosto é de uma cor amarelo amarronzada. Os olhinhos refletem uma profunda melancolia. Pergunta o que quer beber: só tem água e Coca-Cola sem cafeína. Pergunta sem ânimo, Nacho não parece nem querer, nem poder dissimular a falta de apetite. É como se uma segunda natureza, desprovida do impulso vital, tivesse substituído aquele temperamento que era capaz de enviar WhatsApp enquanto fumava, enquanto enfiava a camisa nas calças.

Agradece pela visita. É muito distinto de sua parte. E ainda mais sendo um dia de trabalho: dentro de pouco tem que ir para o teatro Romea, não é mesmo?

– Passará pelo estacionamento? – pergunta.

Héctor responde que não, desde o acidente tem "alguns problemas" e por enquanto não usa o carro.

– Sei de que tipo de problemas está falando – diz Nacho, e em seguida começa a enumerar os seus, seus problemas.

Teve que pedir afastamento por depressão. Não tem vontade de fazer nada. Está meio tonto por causa dos remédios que o psiquiatra receitou.

Héctor diz que ele também está fazendo terapia, embora com uma psicóloga. No outro dia foram ao estacionamento, precisamente, para ver se conseguia ter novas lembranças: uma das consequências do estresse pós-traumático é a amnésia.

Enquanto conta isso, Nacho está, mas não está. Está tossindo muito: é como se estivesse ouvindo o eco de um esgoto. Não escuta atentamente. Está com a cabeça em outro lugar.

– Meu problema agora é que a empresa de estacionamento não confia mais em mim. Os proprietários não me disseram, mas dá para ver de longe.

– Sinto muito.

– E quando me derem alta, outra coisa que não sei quando acontecerá, não sei

o que vou fazer. Já estou me vendo procurando os tribunais e perdendo. E não acho que depois me queiram no estacionamento.

Héctor pensa que é melhor dizer agora o que veio dizer:

– Olha, Nacho, queria dizer que sinto muito todo este assunto e que estou do seu lado. Tudo bem que você era o responsável pelo que acontecia no estacionamento, e que vai acontecer com você o julgamento por culpa desse marido que não sabe como canalizar a raiva [por um instante pensa em Eugenia; com certeza agora mesmo não deve estar mais canalizando a raiva, e se estiver, será com as persianas abaixadas]. É verdade que você era o responsável, mas vim para falar que também me sinto bastante responsável, para não dizer muito, pela morte da pobre garota. Eu fui o primeiro a vê-la, e não fiz nada.

– Você? Mas o que está dizendo? – De repente os olhos de Nacho parecem mais agitados, apesar de manterem um fundo de tristeza. – O que queria fazer, Héctor? O que poderia ter feito?

– Para começar, ligar para a emergência. No andar -1 há cobertura, não?

– Sim, claro. Mas, Héctor, com franqueza, você não estava em condições de ligar para a emergência.

A pergunta que Héctor pensa é: em que condições estava? Mas não é preciso formulá-la, Nacho tem vontade de falar e fala:

– Não, Héctor, não estava em condições. De maneira nenhuma. Eu me lembro de tudo. Lembro bem demais. Não negarei que me dá um pouco de inveja, Héctor, e, por favor, não leve a mal, me dá um pouco de inveja que você não se lembre de certas coisas. Quantas coisas consegue evitar. Meu inimigo agora mesmo é a memória, minha mente, como li em livros budistas que Miriam me recomendou nestes dias de folga. Uma tirana, a mente. Eu nunca tinha visto um assassinato, no estacionamento. Tinha visto de tudo: furtos, roubos, uma tentativa de estupro. Mas nunca um assassinato.

– Continue.

– Como?

– Desculpe, Nacho, quero dizer que estou entendendo.

– Bom, o caso é que aquele sábado, como você sabe, não era minha vez de trabalhar. Eu estava substituindo o rapaz do fim de semana, Jordi, que tinha ficado doente. Ele não teria deixado passar nada. Ele teria tudo bem controlado, a hora em que a garota havia entrado e o fato de que estava demorando muito para sair. Mas eu confiei. Os sábados à noite são mais tranquilos do que parecem. Os jovens que saem para festejar não pegam o carro, a Guarda Urbana

enche a zona com bafômetros. E, além do mais, aquela noite, com a celebração da vitória do Barça em Canaletas, tinham fechado muitas ruas. Tínhamos poucos carros e por isso relaxei. Saí para tomar ar. Tinha visto a partida do Barça e, para dizer a verdade, estava contente.

– Eu me lembro.

– Quando nos vimos, estava falando da partida com minha namorada, a Miriam. Os três gols de Messi tinham sido o máximo.

– Também me lembro, você me disse.

– Enquanto conversava com a Miriam, vi o búlgaro, o homem da moto. Vi que entrava, que tirava um tíquete. A garota tinha entrado pouco antes. Quando, depois de uns minutos, vi a moto sair, pensei que talvez o motorista tivesse errado de estacionamento ou que talvez tivesse mudado de planos. Deveria ter suspeitado de uma moto que entra e sai em tão pouco tempo. Mas não suspeitei de nada, porque estava distraído por culpa do Barça, ou pela idade, que não perdoa. Também porque tudo que tivesse a ver com a Miriam me absorvia. Estávamos planejando nos casar e não parávamos com os preparativos; já sabe como são os casamentos, uma trabalheira. Miriam estava na casa de umas amigas, numa festa, e estava um pouco alegre, e tinha me dito coisas bonitas. Estes dias, nos livros budistas, li que o tempo não é linear, que o passado e o futuro se misturam no presente, e talvez Miriam quis suavizar, dizendo coisas tão bonitas, o que ia acontecer depois, ou, melhor dito, o que já estava acontecendo no andar -1. Mas, olha, tudo isto são especulações minhas.

– Continue.

– O caso é que deveria ter estado atento a meu trabalho. Deveria ter me dado conta de que havia passado muito tempo desde que você e a garota ruiva tinham entrado. De fato, eu tinha certeza que já haviam saído. Mas, entre o cansaço, as mensagens de Miriam e a confusão dos bares e das lixeiras que uns safados tinham esvaziado nas Ramblas, não controlei nada. Tirando o fato de que não se pode controlar todos os carros que entram e saem: isso é o que me digo para me consolar quando o tirano interior me maltrata. Mas na continuação me digo que não deveria ter ficado tanto tempo do lado de fora. Porque fiquei muito tempo do lado de fora. Demasiado. Nossa obrigação é passar por todos os andares uma vez a cada hora. Comprovar que tudo esteja em ordem. E como fazia relativamente pouco tempo que tinha feito isso, demorei mais de uma hora para voltar a descer até o andar -1. E quando finalmente desci, vi os dois, você e a garota, no chão. A primeira coisa que pensei foi que os dois estavam mortos. Porque os dois estavam com os olhos fechados. Você tinha a garota no colo.

– No colo – repete Héctor.

– Fiquei destroçado. Estes dias pensei muito em você e disse a Miriam: deve ser um golpe muito duro que uma garota morra em seus braços. Sim, ela estava com a cabeça em cima de seu colo. Você tinha as calças manchadas de sangue, a cabeça dela no colo e a mão em sua cabeça. No começo pensei que você também estava morto, quer dizer, o primeiro que pensei foi que tinham matado duas pessoas: havia muito sangue no chão e dava a impressão de que era dos dois. E, realmente, quando liguei para a emergência, disse que acabavam de matar duas pessoas, coisa que não era certa, como soube quando chegou a ambulância. Liguei para a emergência antes de comprovar alguma coisa, naquele momento de caos dei prioridade à ligação. E dei como certo que os primeiros socorros não serviriam para nada. Depois de um tempo percebi que você estava vivo. Soube quando já tinham vindo companheiros do estacionamento para me substituir. Quando já tinha descido de novo e o vi em um canto, com a psicóloga. Uma mulher morena, alta.

– Sim, é a mesma psicóloga que me atende estes dias.

– Não me estranha que esteja sendo atendido por uma psicóloga. Deve ser muito duro que uma mulher morra em seus braços, sangrando.

– Eu não estava totalmente consciente.

***

Passaram-se uns minutos. Héctor ainda sente o suor frio. Nota o aperto, como uma prancha que esmaga seu peito.

Nacho trouxe um copo de água e abriu a janela para entrar um pouco de ar.

– Resta o consolo de que a garota morreu em seus braços, Héctor, que para ela não eram os braços de um homem qualquer. Sei disso porque quatro horas antes, quando deixou o carro no estacionamento, eu tinha conversado com ela. Como você sabe, eu gosto muito de conversar com os clientes. Em um lugar tão árido como um estacionamento, pega mal se não colocamos um pouco de cordialidade no assunto. E umas horas antes, quando a garota trouxe seu carro, um Mini preto, me perguntou se estaríamos abertos quando terminasse a peça do teatro Romea. Respondi que ficasse tranquila, que estávamos abertos toda a noite. Depois, quando já tinha estacionado o carro e ia embora, muito elegante ela, tínhamos conversado um pouco mais. Eu não tinha nada para fazer; ainda não tinha começado a partida do Barça. E ela estava com tempo de sobra, de modo que aproveitei para perguntar como era que uma mulher tão linda ia sozinha ao

teatro, que se ela quisesse, eu a acompanhava. Riu. Gostei que não tivesse acreditado, que aceitasse o elogio.

– O que mais te disse?

– Que seu marido tinha um plantão. Não me disse a que se dedicava o marido. Não estava acostumada a ir sozinha ao teatro, parecia estranho, como ir sozinha ao cinema. Mas acrescentou que aquela obra do teatro Romea valia a pena. Há meses que esperava, como as águas de maio, porque era atriz amadora, no Poblenou, e era “muito fã” do protagonista. Até estava nervosa.

– Sim, estes dias me lembrei que dei um autógrafo a ela.

– Portanto, fica o consolo de que a garota morreu nas melhores mãos. As melhores mãos para ela, claro. Devia pensar que estava sonhando tudo aquilo: o homem, a moto, os disparos, o sangue e você. Deve ter morrido como em um sonho.

Héctor vai para o teatro Romea, a pé. Despediu-se de Nacho com um forte abraço. E, como no dia que agarrou a mão de Eugenia ao sair do estacionamento, não soube se era ele que abraçava Nacho ou se era Nacho que o abraçava.

À entrada do teatro, Ciril, o zelador, pergunta se quer um lenço de papel.

– Sim, obrigado – diz Héctor.

Não tinha percebido: tem lágrimas nos olhos.

Ainda falta uma hora e meia para a apresentação.

Enquanto se seca com o lenço, pergunta a Ciril se pode utilizar um dos computadores do escritório. Claro, responde Ciril, e digita a senha. A palavra *senha* faz com que volte a pensar em Eugenia: agora deve ter terminado de escrever um fragmento de seu texto Word e deve estar se arrumando para vir ao teatro.

Se vier. Se não mandá-lo passear, depois de tê-lo visto esta noite espiando pela janela.

A lembrança que Eugenia devia querer que tivesse no estacionamento era o que Nacho acabava de contar: o da morte de Marina C. em seus braços. Uma cena muito importante para que tenha que ser descrita por outros.

Depois, no escritório, Héctor se conecta ao Facebook. Não se conectava desde antes do jejum de notícias. Em seu muro há muitas felicitações por *Suave é a noite*. Gostaria de responder os comentários um a um, dizer aos amigos virtuais que não sabem o que representam para ele essas palavras de ânimo.

Digita o nome de Marina Cuatrecasas e em seguida aparece seu perfil. A primeira coisa que vê são as fotos. Uma garota com uma atitude sincera, totalmente aberta, luminosa como a claridade do dia. Nada a ver com o olhar de perplexidade que ele lembra do estacionamento. Seu olhar expressivo é parecido, agora se lembra, ao da atriz Carey Mulligan, que ultimamente ele viu em um filme esplêndido, *Drive*.

Segundo este perfil do Facebook, que ninguém tirou do ar e que informa tudo no presente, Marina Cuatrecasas é antropóloga. Nasceu em 4 de maio de 1979. Ninguém escreveu a data da morte, seu marido não deve saber a senha, nem deve interessar-se por nada do que está no Facebook. Já tem muito para digerir

com a morte e canalizar a raiva, mal liberada. Os passatempos de Marina Cuatrecasas eram a corrida e o teatro. No álbum chamado “Corridas”, há 42 fotos, em cuja maioria aparece com malha e camiseta. Em muitas está rindo e com um gesto que vai se repetindo: a medalha na boca, como se quisesse rompê-la com os dentes. Há fotos com cartazes da 28th Athens Classic Marathon. De onde há mais fotos é da maratona de Barcelona. O resto das fotos são do Centro Teatral Poblenou. Representações de Natal e Dias dos Reis; ensaios; fotos nas quais lê o papel com outros atores amadores. Também há fotos dentro de peruas; os cenários por cima e por baixo; um trabalho ingrato, o de ator *amador.* Atuam em muitas festas grandes e os governos locais não pagam nada; a cultura desterrada ao infinito.

Percebe que, se consegue ver estas fotos é porque são amigos virtuais. Ela deve ter pedido que fossem. Ele tem 4.998 amigos, o limite permitido pelo Facebook. Nunca quis a página de personagem célebre.

Antes de desligar o computador, olha o muro dela: está cheio de mensagens de pêsames. Amigos ou conhecidos que não sabem exatamente o que escrever. Amigos ou conhecidos que se dirigem a ela como se pudesse ler seus textos. “Descanse em paz.” “Minhas condolências, Marina.” “Pelo menos morreu depois de fazer o que mais gostava: assistir ao teatro.” “Até sempre, Marina.” “Nos deixou, Marina.”

O resto das mensagens lembra sua simpatia, sua abnegação; lembram que fazia os melhores sanduíches, que era a líder da companhia; a melhor organizadora, sabia os papéis de todos, não só os dela. Uma dessas atrizes amadoras que não queria brilhar. Que sacrificava seu papel, se fosse necessário, para salvar o espetáculo, coisa cada vez menos habitual.

Vai descendo o cursor até o dia de sua morte. No muro está a última mensagem que ela escreveu, aquela tarde. O último texto, na verdade, que deve ter escrito em sua vida, tirando algum WhatsApp que talvez tenha enviado a seu marido médico enquanto esperava no hall do teatro Romea.

No muro escreveu que aquela noite ia ao teatro. Como faz tanta gente anunciando no Facebook os planos do futuro imediato, sobretudo os do fim de semana; meia humanidade esperando que chegue a sexta-feira. Devia estar muito animada: escreveu que aquela noite os astros tinham se conjurado – dizia assim, “se conjuraram” – para que tivesse uma noite redonda.

Héctor tem que respirar fundo. A respiração fica entrecortada.

Uma noite redonda, escreveu Marina Cuatrecasas. Agora parece uma piada de mau gosto.

Em seguida argumentou o motivo: “*Suave é a noite* é meu romance favorito, recomendo muito, e Héctor Amat é um ator genial, um dos maiores. Sem dúvida, o melhor ator catalão de sua geração.”

No dia seguinte, sexta-feira, às onze em ponto, no número 1 da rua de Gràcia, ele toca a campainha do apartamento de Eugenia Llort. Esta noite voltou a passar no hotel, aproveitando a oferta de uma semana de Ermegol. Deixou as cortinas fechadas. Nem pensou em colocar o nariz para fora, apesar de ter tomado três ou quatro gins-tônicas – não se lembra exatamente – para tentar esquecer.

Tal como ele havia conjecturado, ontem à noite Eugenia Llort voltou ao teatro Romea.

Isso significa que é uma mulher responsável. Embora deva ter ficado brava depois que o pegou espiando do hotel, não quer deixá-lo na mão. Sabe muito bem que ele não poderia continuar as apresentações de *Suave é a noite* sem vê-la sentada na primeira fileira. E, apesar de saber que a longo prazo sua intenção é deixar a carreira de ator, ela deve querer que saia no auge, como Deus manda, depois de ter terminado uma obra, e não no meio da temporada, deixando os companheiros sem trabalho – em Barcelona não há atores suplentes. A grande humanidade de Eugenia. Uma mulher perfeita, sem dúvida.

Agora Héctor toca a campainha, a do apartamento quatro. Nervoso como um menino que cometeu uma travessura. Como sempre, ela abre a porta da rua sem falar nada; já sabe que é ele.

Héctor não deixou nenhuma mensagem nova na secretária eletrônica e, portanto, Eugenia devia ter certeza de que esta manhã ele voltaria ao consultório. E ela tampouco deixou nenhuma mensagem na secretária eletrônica de casa cancelando a hora da terapia. Do hotel, ele ligou esta manhã para sua própria casa para escutar as mensagens. Um hábito antigo, de antes de inventarem os celulares.

Quando chega no andar, ela abre a porta e o recebe extremamente séria.

– Bom dia.

Hoje em seus lábios não se desenhou um sorriso afável. Hoje não diz que vai até a cozinha para esquentar água para o chá verde. Pior, pela primeira vez não oferecerá chá: no chão não estão a bandeja nem as xícaras de porcelana.

A qualquer momento, ela vai falar do tema.

Certamente, vai falar alto e claro, como Ruth, e dirá: “Você é um idiota. Faz

isso sempre, isso de espiar psicólogas? Fica excitado? Quantos anos você me disse que tinha? Quarenta e quatro? Melhor continuar se dedicando ao teatro, amigo, porque, ao contrário do que você pensava, faz bem seu número. Me diz: 'Fica comigo' e vem me espiar. Ou talvez já tenha descoberto sua vocação. Como chamou? Ah, sim, que tinha vindo ao mundo para olhar. E começa olhando a mulher que te ajuda a sair do atoleiro. Não tem nada melhor para fazer?"

Isto é o que Ruth diria. No que diz respeito a Eugenia, ele não tem nem ideia. Não a conhece tanto. Agora se senta e cruza as pernas, uma sobre a outra; seus movimentos são em câmera lenta. Permanece um instante em silêncio, costuma fazer isso. Ele nota a taquicardia, respira fundo. Sente-se pequeno. Nervoso e pequeno, como quando no colégio tinha que ir ao quadro-negro. A professora está a ponto de repreendê-lo.

– Héctor, temos que conversar –diz ela finalmente com raiva contida.

É isso. O que ele temia. Quando uma mulher diz "Temos que conversar" é porque algo vai mal. Além do mais, é um imperativo. Como quando ele disse: "Fique comigo." Mas ele pedia.

"Temos que conversar." Como se não tivessem conversado. Na consulta não fizeram outra coisa senão falar. Sobretudo ele.

"Temos que conversar." Uma frase feita, como a de Ruth quando diz: "Vou ser sincera com você" e ele sabe que precisa se preparar para o pior.

Eugenia tem o olhar perdido. Embora aparentemente olhe para ele, está ali e ao mesmo tempo não está, como no outro dia à saída do estacionamento. Como uma gata. Olha para o vazio, ensimesmada; o rosto inexpressivo.

Está alongando o silêncio mais do que o habitual. Héctor desvia ligeiramente o olhar e vê, ao fundo, o hotel. A mulher do serviço de limpeza está no quarto 514. Já fez a cama e retirou os copos de gim-tônica. Esta noite, enquanto bebia com as cortinas fechadas, passou por sua cabeça, imerso em um delírio alcoolizado, que teria que pedir a Eugenia que deixassem a terapia – não seria necessário, ele tinha pensado; ela faria isso – e que começassem a história que já deveriam ter começado há tempo, ou que, na verdade, já tinham começado, embora fosse como terapeuta e paciente, dado que devia haver algo mais entre eles dois.

Os efeitos do gim-tônica. A mente dispersando-se em ramificações eufóricas.

Ainda assim, não deveria descartar que ela quisesse propor agora mesmo. "Temos que conversar." Não poderia ser positivo, esse "temos que conversar"? Talvez ela queira dizer que por fim ocorreu a transferência e a

contratransferência. Assim como entre o psiquiatra Dick Diver e sua paciente Nicole.

Percebe que está fazendo as mesmas conjecturas que faria qualquer apaixonado. Que previsível, a paixão! Sempre que não seja você que esteja sofrendo. Existem esses períodos intermediários, de incerteza, nos quais você não consegue acreditar que a outra pessoa gosta de você. Como quando dizem: "Obrigado por trabalhar tão bem." Um *mal-entendido*, também, a paixão.

"Temos que conversar." Talvez ela esteja sendo sutil e dentro de instantes proponha um jantar esta mesma noite, no bar Vienés. Talvez confesse que vai ao teatro Romea ajudá-lo, mas também que é uma ajuda egoísta: o que quer é ficar perto dele o máximo de tempo possível. E talvez confie que se sente honrada pelo fato de que ele tenha se dado ao trabalho de pagar um quarto de um hotel só para espiá-la.

De repente, Eugenia muda de postura.

Tinha as costas rígidas e agora respira fundo e move a cabeça da esquerda para a direita, para relaxar as cervicais. Depois acaricia o lóbulo da orelha. Quando se acaricia o lóbulo da orelha é porque quer mudar de tema.

Finalmente pergunta, sem nenhuma ênfase:

– Tem certeza de que quer jogar a toalha como ator?

Pois sim, mudou de tema. Melhor dito, não chegou a entrar no tema. Como é possível? Acha normal que ele a espie? Pretende fingir que não aconteceu nada?

Ele não entende nada, apesar de se sentir aliviado.

Não entende o comportamento desta mulher que, na verdade, é estranha. Mas ele vai levando tudo isso. Sente que tirou um peso dos ombros. Ela deve ter decidido que fará vista grossa. Que lhe dará uma segunda oportunidade.

Héctor responde sua pergunta.

Responde que, na verdade, não tem certeza de querer jogar a toalha como ator. Agora mesmo sente-se desorientado (teria acrescentado: não só nesse sentido).

Conta a Eugenia que ontem ficou tocado por uma visita que fez a Nacho. Agora que já tinha voltado ao estacionamento, agora que já tinha lido os recortes de jornal, que já sabia tudo, ou achava que sabia tudo, tinha ido ver Nacho. A intenção era mostrar seu apoio e dizer que não estava sozinho: ele também podia ter ajudado Marina C. E foi o que fez. Disse. E Nacho respondeu que ele não estava em condições de ajudar Marina C. Mas o que mais o afetou foi o que disse em seguida: que a garota havia morrido em seus braços. Supõe que esta era a lembrança que deveria ter aparecido no estacionamento, verdade? Era isso o

que Eugenia queria que lembrasse no estacionamento, não?

– Sim, realmente.

Claro. Uma lembrança muito importante para ser contada por outros.

– Depois que Nacho contou isso, voltou alguma imagem?

Não, nenhuma imagem. Há algo que eu ainda não sei?

– Não, já sabe tudo. Já sabe que a garota morreu em seus braços. Essa era a principal lembrança que tinha que acolher.

Claro, obrigado. Voltando à questão de jogar a toalha como ator, Nacho disse ontem que a garota morta, Marina C., tinha ido vê-lo atuar. Era uma verdadeira fã, tal como ele já sabia. Depois da visita a Nacho, no escritório do teatro Romea, entrou no Facebook e deu uma olhada no perfil dela. E viu que Marina C. aquela noite tinha ficado muito feliz por ir ao Romea e que o definia como o melhor ator catalão de sua geração. E aquilo o deixou tocado.

– Continue.

Jogar a toalha. Não tem nada claro. E se tudo fosse um sinal no sentido contrário? E se ele devesse continuar sendo ator? A vida vai nos dando sinais. A questão é como interpretá-los.

Héctor continua falando durante o que resta da hora. Repassa todos os sinais. Não somente os de agora, mas os dos últimos vinte e dois anos. Os prêmios não merecidos (que talvez não fossem tão imerecidos). Os elogios, o fato de que digam que “trabalha muito bem”. Talvez um bom ator seja o que trabalha; o talento é uma longa conquista. Talvez ninguém genial nunca chegue a nada. Existe uma rotina, na atuação. Só há papéis que sabe de memória, e precisa recitar uma noite após a outra. As “emoções fortes” que Ruth tanto gosta se desvanecem depois de duas, três semanas, quando cada noite está fazendo o mesmo e o personagem não tem mais nenhum mistério.

Talvez sim, no fundo, ele seja um bom ator. Pelo menos os demais, o público, acham isso dele. Deve continuar porque os outros gostam? Que os outros gostem de você pode ser considerado um sinal?

Terão que continuar falando sobretudo disto nas próximas consultas, porque a hora terminou. Passou voando.

Eugenia repetiu todo o tempo seus “continue”. Durante toda a hora olhou fixamente para ele, e se evaporou de seu rosto a raiva contida com a qual o havia recebido. Deve ter se esquecido do tema, momentaneamente. Fez vista grossa. Inclusive houve um momento no qual fez uma pausa para ir à cozinha. “Vou

preparar um pouco de chá", disse. Héctor temia que quando voltasse, falasse do tema e repetisse: "Temos que conversar." Mas não.

E ele prosseguiu com a conversa.

Como hoje é sexta-feira, quer dizer que agora deveriam despedir-se até a segunda. Ela irá vê-lo no teatro Romea, hoje, amanhã e domingo e na segunda-feira deveriam voltar a se encontrar às onze aqui, no consultório. Como sempre.

E, na verdade, Eugenia é uma mulher bastante responsável, porque antes de se despedir, diz:

– Na segunda-feira continuamos conversando.

RUA DE GRÀCIA, 1, 4º

Quando ouviu falar da “empatia”, teve certeza de que aquele era o conceito que melhor a definia. Mais que a paciência, que até então tinha sido o traço favorito de seu caráter. Foi na Universidad Autónoma, já faz quinze anos. Ela, ao contrário de boa parte da turma, tinha uma clara vocação. Se existia o destino, o seu era ser psicóloga. Durante as longas conversas que mantinha com suas amigas, ela era a que escutava, a que guardava segredos, a confessora. Tinha uma facilidade inata para colocar-se na pele do outro. No segundo curso da carreira aprendeu que acabava de ser descoberta a explicação científica daquela espécie de talento inato: os neurônios espelho. Nas quintas à noite, quando saía para passear em bares da praça da Virreina, ofereciam a droga da moda, o ecstasy. Não chegou a provar, não só porque tinha medo das drogas, mas porque estava convencida de que não faria nenhum efeito. Teoricamente, o ecstasy estimulava a abertura afetiva em relação aos demais. Ela não precisava disso. Aquilo era seu pão de cada dia.

Na faculdade, na classe da doutora Jenny Moix, descobriu que a droga originariamente se chamaria *empatia*. No final, foi comercializada com o nome de “ecstasy” porque nos anos 1980 quase ninguém conhecia o significado da palavra *empatia*. Ela tampouco. Foi com a professora Moix que soube que aquele era o conceito que a definia melhor, se é que as pessoas podem ser definidas por um conceito. A sua era uma qualidade extraordinária? Ela achava que não. Pelo menos não mais que a de muitas mulheres, acostumadas a cuidar dos outros, a colocar os interesses dos outros à frente dos próprios. Apesar disso, na classe fizeram um teste que revelou que tinha um nível de empatia superior à média.

Naquele trimestre começaram estudando Adam Smith: duzentos anos antes de que existissem as ressonâncias magnéticas, Smith já tinha afirmado que a empatia era a base da ação moral. Estudaram o caso de Phineas Cage, um clássico no campo da neuropsicologia. Em 13 de setembro de 1848, Phineas Cage estava trabalhando na construção de uma ferrovia em Vermont, dinamitando pedras, quando sofreu um terrível acidente. A pólvora que estava colocando explodiu inesperadamente e fez com que uma barra de ferro atravessasse um lado de seu rosto por trás do olho esquerdo e saísse pelo crânio.

Apesar disso, ele estava vivo, consciente, falava. Durante os anos seguintes, a mudança que os outros perceberam em Phineas Cage foi que, enquanto antes era um homem educado, agora era impetuoso, não parava de insultá-los e não mostrava nenhum tipo de inibição social. Fazia o que bem entendesse. Tinha perdido a capacidade de empatia.

Na classe de Eugenia, a média de teste que mediu a empatia dos alunos foi de 4,5, de zero a seis. Os rapazes fizeram a média baixar, porque a maioria chegava a duras penas ao 4. O nível 4 correspondia a indivíduos que se sentiam mais à vontade quando falavam sobre temas que não incluíam as emoções e que preferiam solucionar os problemas de maneira prática. No nível 5, as relações de amizade costumam se basear na intimidade emocional, em compartilhar confidências. E no 6 nos encontrávamos com pessoas de uma "empatia extraordinária", que se concentravam continuamente nos sentimentos do outro. Era a pontuação de Eugenia, um 6. "Sua empatia parece se encontrar em um estado contínuo de hiperexcitação, de modo que o resto das pessoas nunca desaparece totalmente de seu radar", afirmava um livro da bibliografia. Eram pessoas altruístas psicologicamente. Tanto que se sobrecarregavam. Era o caso de Eugenia.

Tinha nascido e crescido em um ambiente de segurança afetiva. De seu pai, Joan, aprendera a ordem e a disciplina: em casa sempre se tomava café, almoçava e jantava na mesma hora. Não era permitido pular as refeições. Tinha que existir um tempo para o trabalho e um tempo para o repouso. A sesta dele era sagrada. Ao ponto de que a mãe contava, com um sorriso entre brincalhão e indignado, que no dia de seu casamento, no hotel da Costa Brava, onde faziam o banquete, depois de comer, seu pai pediu um quarto para fazer a sesta. No dia do casamento! Havia uns hábitos que não conseguia deixar. Agora, para a Eugenia psicóloga, aquele comportamento granítico teria um diagnóstico claro. Mas naquele momento não julgava seu pai.

Além do mais, tinha muitas maneiras de compensar a rigidez, como jogar tênis com seus amigos. Iam toda terça e quinta, e antes ele passava para pegá-los de carro às seis em ponto, na esquina do passeio de Sant Joan com Rosselló. Um atraso por parte de algum dos amigos e ele ficava bravo. Mas não demonstrava. Um homem reservado, era como se dizia na época. A mãe, Constança, era toda efervescência emocional, se dava bem com todo mundo, ria e se entristecia com facilidade. Seu pai era a correção personificada; fazia parte de uma geração de homens que reprimia as emoções. Tirando os domingos à tarde, no campo do Barça, onde gritavam como uns doidos. De todas as maneiras, seu ex, Borja, de

quem acaba de se separar, é igual e não pertence à mesma geração.

O trabalho de final de curso foi sobre a empatia: era seu tema. Em toda psicoterapia, para que fosse bem-sucedida, devia haver compreensão empática. Então o terapeuta podia verbalizar sentimentos que o cliente não era capaz de experimentar plenamente, nem de expressar. No trabalho também se aprofundava nas investigações de Kahut e Rogers, que tinham convertido a empatia na pedra angular da psicoterapia do século XX. E, por último, desenvolvia a teoria de Jean Piaget, que agora Eugenia – depois de seu primeiro plantão de emergência em um estacionamento de Ciutat Vella, um plantão fracassado – lembra com uma pontada de inquietude: não se podia ser empático se, depois de presenciar uma tragédia, você ficava muito afetada, tremendo. A empatia exigia uma certa distância.

A falta de distância terapêutica já tinha sido um problema quando começou a exercer como psicóloga. Apesar de que naquele momento não era consciente disso. Ao contrário, tanta proximidade com o paciente era uma virtude. A jovem Eugenia Llort, que fora contratada no mesmo consultório onde fizera estágio no último ano da carreira, o Instituto Bolinches, tinha um talento inato e o colocava a serviço dos demais. Aquilo era sentir-se realizada: fazer o que gostava e fazer bem. Passar horas escutando as preocupações dos outros sem que tivesse a sensação de estar aguentando chatices, tal como acontecia com Laia Bové, que era sua melhor amiga, que continua sendo e que também é psicóloga. Para Eugenia, os cinquenta minutos de uma consulta passavam voando. Depois de poucos meses, já tinha lista de espera. Tinha se espalhado o boca a boca, e muitas mulheres e homens – mais homens que mulheres – queriam ser atendidos por ela. “A senhora, sim, que me entende” era a frase que mais repetiam os pacientes. A primeira coisa que ela perguntava era: “Como está?” Uma pergunta retórica, de boa educação, desnecessária, porque pela maneira como entrara a pessoa, pelo jeito que se movia, pela maneira como tirara a jaqueta, pela comunicação não verbal, pelas microexpressões que Paul Ekman tinha descrito tão bem – resumindo, pelo ar da pessoa –, já sabia como estava.

Deveria ter percebido que o excesso de empatia começava a ser um problema. Havia pacientes que queriam continuar com a terapia a todo custo. Quando ela já tinha dado por terminada, sofriam recaídas para poder continuar indo à consulta. E também deveria ter percebido que existia “o contágio”, como chama agora: tudo que ela, como se se tratasse de um resfriado, contagiava-se dos pacientes. Lembra do senhor H., que chegava pouco asseado à consulta, tinha cheiro de suor, unhas negras e a roupa sem lavar. Pois bem, Eugenia um dia se deu conta

de que fazia dois dias que não tomava banho e nem escovava os dentes. Tinha se distraído por causa da quantidade de trabalho, não havia atribuído a um excesso de empatia com o paciente. É importante dizer que nunca mais chegou a esse extremo. Também se lembra do paciente D., um homem com TOC, que devia fazer uma série de rituais a cada manhã, como lavar as mãos seis vezes, nem uma a mais nem uma a menos, ou assegurar que as saídas de gás estavam fechadas, revisando-as e voltando a revisar, para que não houvesse uma explosão de gás enquanto ele estivesse fora de casa. Pois bem, durante aquela época, Eugenia adquiriu o costume, antes de sair de seu apartamento, de olhar a bolsa seis vezes para comprovar que não estava deixando as chaves nem o porta-moedas. Sim, havia um contágio dos pacientes. O extremo mais molesto foi o de F., uma garota com hiperidrose, transpiração excessiva, que fez com que durante um bom tempo as mãos de Eugenia suassem quando ficava nervosa. Por sorte, todos aqueles sintomas desapareciam, nenhum se tornou crônico.

A cumplicidade com os pacientes foi aumentando. Lembra-se dos casos das vítimas de abusos sexuais. Havia muitas mulheres que nem sequer sabiam disso e que chegavam ao consultório por outras patologias. De repente, depois de um relaxamento ou uma sessão de hipnose, surgia uma lembrança espontânea que revelava tudo: a imagem de serem tocadas, ou do pênis de um tio, de um avô, inclusive do pai, em sua boca. O momento em que descobriam era duríssimo, também para Eugenia. Um dia, com uma paciente chamada A., de 28 anos, que adorava seu pai e que associou a lembrança do papel de parede pintado com os toques que sofreu quando era criança e que por isso não suportava papéis de parede pintados – um dia Eugenia percebeu que também estava chorando.

– Está se sentindo bem? – perguntou A. A paciente perguntando à psicóloga se estava se sentindo bem! Elas se abraçaram e choraram juntas.

Levava os problemas para casa.

– Isso acontece porque você é jovem – dizia o diretor do centro da rua Muntaner, Antoni Bolinches. – Com o tempo vai aprender a se desconectar – dizia Antoni, com sua voz enigmática, serpenteante, como se falasse entredentes. Ela se conectava muito. Dia e noite e fins de semana. Entregue ao trabalho, suas relações sentimentais eram secundárias. Os namorados duravam pouco, não só porque dedicava pouco tempo a eles – e os casais, como dizia Antoni Bolinches, “são para quem investe neles” –, mas porque ia tropeçando com os mesmos perfis de personalidade. Costumava se apaixonar por homens que precisava salvar. Homens com pouco estímulo, desamparados. Ou desorientados, porque

estavam passando por um mau momento. Ela servia como psicóloga deles, animadora, *coach.* Era ela quem dizia o que podiam fazer com suas vidas, que os animava a montar negócios, a fazer viagens, a incorporar novos hábitos. Era ela que tinha que salvá-los de si mesmos. E como costumavam ser homens com uma autoestima baixa, tinham mais um problema: ciúmes.

Por um lado, ciúmes da vida profissional dela, uma mulher que ganhava bastante bem – trabalhando mais horas que um relógio – e que tinha o que eles consideravam "uma carreira". Por outro, estava o ciúmes que ela não suportava, o ciúme de macho, de homem possessivo. Ela simplesmente era amável com todo mundo. Com os amigos e conhecidos e as pessoas que cumprimentava, com os vizinhos e os dependentes e os garçons. Você pode mudar o dia de um garçom com um sorriso, com um comentário agradável. Tinha que deixar de ser simpática? De maneira nenhuma. Já havia muita gente desagradável. Mas o azar a fazia tropeçar com rapazes que tinham se tornado possessivos pela educação e pela cultura. No fundo não era azar: era ela que, inconscientemente, escolhia os inseguros para poder salvá-los. No entanto, chegava um momento em que começava a se sentir constrangida, como se a relação fosse um casaco que ficou pequeno. Chegava um momento em que sentia ódio ou até aversão por aquele homem. O padrão ia se repetindo. Era uma dessas questões pendentes: a questão das relações.

Quando conheceu Borja acreditou que, por fim, rompia aquele padrão. Um homem seguro de si mesmo, alguém que não precisava salvar. Tinham sido apresentados por sua amiga Laia Bové, que queria que ela conhecesse um homem "interessante" que não tinha nada a ver com o mundo das duas. Laia tinha organizado um jantar informal e colocado os dois sentados juntos, no meio de dez ou doze outros amigos. O que chamou a atenção de Eugenia naquele homem de óculos de aros grossos, barba negra e risca de cabelo perfeita? Que falava com a mais deliciosa educação. Que tinha umas maneiras tão suaves e ao mesmo tempo tão masculinas. Enquanto levava os canapés à boca com movimentos breves e elegantes, contava que era economista e que trabalhava assessorando grandes bancos. Ao contrário dela, preocupada ainda com S., uma paciente bulímica que acabava de ver e que não tinha deixado o corpo precisamente com vontade de jantar, ele estava tranquilo, como se voltasse da praia. As dobras dos lábios finos desenhavam todo o tempo um sorriso benevolente. Naquele homem, nada se destacava de maneira muito marcada: não parecia ter nenhuma debilidade, nenhum trauma a superar. Freud se considerava um homem afortunado porque nada na vida tinha sido fácil para ele: para aquele

homem, por outro lado, tudo parecia estar indo bem. Transpirava simplicidade, autossuficiência.

No meio do jantar se animou e passou a ser jovial, como se fosse pelo efeito do vinho, apesar de haver bebido pouco. Contudo, em nenhum momento foi brusco nem disse uma palavra fora de tom. Simplesmente tinha dois registros: um tranquilo e outro enérgico. Contou que seu dia a dia consistia em participar de reuniões e que preferia de longe as reuniões com homens. Não era machista; não queria que Eugenia o interpretasse mal. Era uma questão prática: nas reuniões em que tinha que colocar duas partes de acordo, se havia mais mulheres que homens, as duas partes demoravam em média três semanas para entrar em acordo. Se havia mais homens, uma semana.

Começaram a ficar. Uma noite levou-a para jantar no restaurante Via Veneto. Ficou gravada nela a atmosfera amarronzada, carregada. Os lustres de cristal, a claridade anacrônica. E ficou marcado o final do jantar. Borja tinha comido uma *escudella* com massa e carne e, como segundo prato, um ovo de Calaf com batatas e trufa negra. Ela tinha falado de psicologia, de sua formação: comparável à Universidade de Navarra ou ao IESE, lugares nos quais ele estudara, em psicologia tinham o programa Sat de Claudio Naranjo, apesar de ela ter reunido ferramentas de todas as partes, da PNL (Programação Neurolinguística) às constelações familiares. E, sobretudo, a Gestalt. A Gestalt a marcara muito.

– Gestalt? – perguntara Borja. – Isso não era uma seita?

Eugenia tinha respondido que a definição de seita era muito relativa: afinal, a Igreja católica poderia ser considerada uma seita, a seita mais influente – e machista – da história. O comentário não causou graça em Borja; tinha se esforçado para dissimulá-lo. Foi durante a sobremesa que Eugenia fez um comentário que não devia ter feito. Tinha pedido a “Laranja ao estilo Via Veneto”. A graça daquela sobremesa era que o proprietário do restaurante, o senhor Monje, descascava a laranja na sua frente com uma faca muito comprida, como se estivesse fazendo uma escultura. A pele ia caindo com lentidão, em um único pedaço, fazendo zigue-zagues. Foi então que Borja disse que parecia que alguns anos atrás, na época do governo socialista, uma comissão do Congresso dos Deputados tinha incluído a Gestalt na lista de seitas. Eugenia respondeu que aquilo dizia muito pouco a favor do rigor dos deputados: com o tempo fora demonstrado que a Gestalt, de seita, não tinha nada. Atualmente em cada cidade havia uns quantos centros Gestalt e tinham muito boa recepção. Ela utilizava alguns de seus métodos, como o exercício da cadeira ou golpear uma almofada.

No entanto, aquilo que mais a marcara tinha sido a amplitude de olhares da Gestalt: inclusive aceitava que o paciente e o terapeuta se apaixonassem um pelo outro. Aquele sentimento se convertia em material de terapia, como se o psicólogo dissesse: “Está bem, a gente se apaixonou: e agora, o que vamos fazer? Como trabalhamos isso?”

A resposta de Borja não se fez esperar:

– E você, já se apaixonou alguma vez por um paciente?

Eugenia riu e respondeu:

– Segredo profissional.

Depois, enquanto tomavam os cafés, ela suavizou: paixão não, mas era lógico que a gente terminasse sentindo certo amor pela maioria dos pacientes.

– Certo amor? – perguntou ele, como se aquilo não encaixasse em seu mapa mental. – Suponho que quer dizer afeto, não amor.

– Quero dizer amor – respondeu Eugenia e, a continuação, muito audaz, acrescentou: – Se não sente amor pelo paciente, a terapia não funciona. Se sentir raiva ou ódio, o melhor que você pode fazer é dizer adeus.

A longo prazo se arrependeu da audácia daquele comentário. Tinham saído por quase um ano e no final foram morar juntos. Ela preferia que alugassem um apartamento novo, um lugar onde não tivesse a sensação de estar invadindo o espaço dele. Ainda assim, não tinha sentido gastar o dinheiro já que ele tinha um apartamento de sua propriedade na zona alta de Barcelona, na avenida Pau Casals. Aquela era a vantagem de trabalhar para grandes bancos: ganhava muito dinheiro. A regulamentação bancária europeia obrigava os bancos a se capitalizarem e serem mais solventes. Eram empurrados a vender a "carteira industrial", as participações que tinham em empresas de outros setores. O trabalho de Borja consistia em valorizar aquelas empresas, coisa que era uma arte, já que não cotizavam na bolsa. Era toda uma arte valorizar ativos e imóveis com preços inchados e mal avaliados. Saber qual porcentagem da dívida seria recuperável. Depois procurava um comprador, em troca de suculentas comissões.

Não havia recebido dinheiro de maneira ilegal, nem tinha contas na Suíça,nem em nenhum paraíso fiscal. Pagava todos os impostos – e pagava bastante. Suas origens eram humildes: tinha nascido e crescido em uma casa de campo em Penedés, na qual seus pais eram caseiros. Agora tinha um chofer, que o levava a todas as partes em um Seat Ibiza. Seu objetivo não era ser presunçoso, mas apenas chegar rápido aos lugares, não depender de encontrar táxi e conseguir fazer o máximo de reuniões em um único dia. Aquilo, o Seat Ibiza, era um detalhe, aos olhos de Eugenia, de sua autenticidade. Podia ser um novo rico, mas não ficava ostentando isso.

– Lástima que seja de direita – costumava dizer ela, entre risadas. – Um defeito ou outro você tinha que ter.

Para ela, as etiquetas de direita e esquerda eram artificiais, como todas as etiquetas. Talvez em alguma época tenham tido algum sentido, mas não agora. Borja se desculpava dizendo que, pelo menos, as pessoas de direita costumavam ser cultas e bem educadas. E ele era. Um cavalheiro completo. Tinha gestos de outra época, como abrir a porta ou ajudá-la a vestir o sobretudo. Nos fins de semana a convidava para ir a exposições, ao Liceu, a esquiar, a andar a cavalo, a jogar tênis no Real Club de Polo, a ir de excursão ao Montseny com amigos que

se vestiam como se estivessem eternamente de férias: camisas folgadas, mangas arregaçadas, óculos de sol no bolso, um casaco pendurado no ombro.

Homens teoricamente maduros que, no fundo, eram crianças que se negavam a crescer. Eugenia podia estar apaixonada – mais ou menos apaixonada –, mas não era cega. Conforme os anos se passaram chegou à conclusão de que Borja era parte do coletivo de homens Peter Pan. Não suportava a passagem do tempo, nem nele, nem nos demais. No banheiro, tinha cremes hidratantes e antienvelhecimento. Era intransigente com tudo aquilo que transmitisse desleixo: dentes sujos, bafo forte, barriga colossal. Nas mulheres com que esteve, sempre sentira aversão ao encontrar pelos "ali onde não deveriam estar". Eugenia tinha fingido não ouvir.

Tivera muitas namoradas. Aquele era outro de seus traços de Peter Pan: fugir do compromisso. Nenhum relacionamento durara mais de três ou quatro anos. Eugenia não podia julgá-lo; ela tampouco tivera relações muito mais duradouras. Ambos tinham passado a vida procurando um ideal que nunca encontravam. E ela deveria ter tido a percepção de ver que Borja tampouco era o ideal, ao contrário. Não tinha nada a ver com ela. A questão era que ele a conquistara sexualmente. Na cama, tudo era fácil. Ela gostava da suavidade de sua pele, lubrificada, voluptuosa. E sobretudo gostava de sua segurança à prova de bombas. Ele a sacudia e a girava, dizia "de um lado e do outro", como se fosse um filé suculento. Penetrava-a na mesa de madeira da cozinha e contra o vidro do terraço com vistas para o Turó Park. Penetrava-a em cima do mármore, dentro da *jacuzzi*, em qualquer lugar onde ele pudesse demonstrar sua virilidade. Eugenia não estava acostumada àquela inexpugnabilidade física: havia dias em que terminava dolorida. Dolorida, mas contente. Ele se transformava, passava sem transição da calma à avidez. De repente seu rosto parecia sedento, ansioso por possuí-la. Os olhos saltavam, avermelhados.

A convivência teve seu preço. Ela chegava em casa e falava dos pacientes do dia. Os pacientes: aquele era seu tema. E ele precisava se desconectar. Refestelava-se no sofá com o controle remoto. Dizia que a televisão era como aquela fita limpadora dos antigos cassetes: limpava seu cabeçote. Quer dizer, limpava as preocupações. A imagem era boa. Apesar disso, depois de um tempo, quando a cena se repetia todas as noites, ela se perguntava de que diabos tinha que se desconectar. Se já passava todo o dia desconectado de si mesmo, com mil reuniões e ligações. Um homem com uma vida flutuante, com um séquito de gente internacional. Pegava aviões somente para coincidir com clientes, se

reunia nos carros deles (no fundo, não queria ficar sozinho em nenhum momento do dia) e se interessava por temas abstratos, como as decisões do Fundo Monetário Internacional. Quando voltava para casa, nem ela tinha vontade de falar daqueles temas, nem ele tinha vontade de escutar as misérias de indivíduos neuróticos. Em casa estava cansado, apagado. A cordialidade era guardada para a vida social. Quando se encontrava com outras pessoas, era vigoroso, entusiasta. Tinha, pois, altos e baixos. Seria ciclotímico? Talvez sim. Em casa parecia uma alma penada. Menos quando faziam sexo, claro. Nesse momento ele despertava, como por arte de magia.

De maneira que ela fazia suas coisas. Dedicava as noites a tomar notas das consultas do dia. Diante dos pacientes, não anotava nada para manter o contato visual. Se Borja tivesse sido de outra maneira, primeiro teriam jantado e conversado, e depois, quando ele tivesse ido dormir, ela teria ficado acordada umas horas fazendo anotações. Mas como ele via televisão para limpar "o cabeçote", ela aproveitava para trabalhar.

– Por que programa tantas consultas? – perguntava ele. – Poderia ter menos e, entre uma consulta e outra, fazer as anotações. Poderia reduzir o número de pacientes até pela metade. Não precisa do dinheiro.

Mas Eugenia não fazia as consultas por dinheiro. Ultimamente havia muitos pacientes que não podiam pagar e ela dizia que depois veriam uma maneira, que não se preocupassem. Discrepava com Borja sobre aquela maneira de entender "o trabalho". Mas não era trabalho o que ela fazia. Pelo menos ela não o vivia como um trabalho. Era outra coisa. Apesar de a expressão poder soar muito grandiloquente, era uma "missão" na vida. Sem nenhuma conotação religiosa, como Borja teria gostado. Era o que ela podia oferecer ao mundo. Colocar seu grão de areia para curar uma sociedade profundamente doente. Borja sugeria que desse conferências ou fosse a um programa de televisão; assim ajudaria mais pessoas dedicando menos horas. Mas ela queria tratar as pessoas uma a uma. Era o que sabia fazer melhor. Olhá-las, escutá-las. Sentir empatia por elas.

Só de vez em quando falava dos pacientes com ele. Quando se referia a pacientes homens, Borja ficava calado, ou olhava para o BlackBerry. Foi falando de um paciente chamado Viladrich que ela constatou que aquela retração era provocada por ciúmes.

Tinha um novo paciente, contou um dia, que sofria de todas as disfunções sexuais. Mesmo assim, o problema grave não eram as disfunções, mas a agorafobia: faziam a consulta pela internet, por Skype, porque o rapaz não podia sair de sua casa. Como sempre que um homem a procurava por disfunções

sexuais, trabalhariam a autoestima. Os homens acreditavam que tinham o pênis pequeno, quando na realidade a autoestima é que era pequena. Naquele momento, Eugenia ainda podia fazer este tipo de comentários, mas por pouco tempo. Se algo sobrava em Borja era potência sexual.

No fim de semana seguinte voltou a falar do paciente Viladrich com ele. Um paciente que só fazia sexo com prostitutas porque com elas não tinha que se preocupar em "comparecer". Também dizia que, no geral, de uma maneira ou de outra, sempre se acaba pagando por sexo. Borja achou engraçado aquele comentário. Mas a seguinte – e última – vez que Eugenia tocou no tema, não achou tão engraçado. Não entendia, disse a Borja, que um homem bonito, porque Viladrich era objetivamente bonito, além de sensível, tivesse que pagar para fazer sexo. Era injusto. Mas a vida não era justa nem injusta. Aquele era um conceito falso, como ser de direita ou de esquerda.

Borja reagiu de um modo incomum.

– Bonito e sensível? Você também se apaixonou pelo paciente Viladrich? Como era isso? Ah, não; era amor pelo paciente, não é mesmo?

Borja aludia à conversa que haviam tido no Via Veneto já fazia muito tempo, quando começavam a sair. Eugenia não respondeu. Havia sido um erro enfatizar as palavras *bonito* e *sensível*. Deveria ter mais cuidado.

Porém, a partir de então, aquela mudança de tom de Borja a deixou muito condicionada. Porque, para evitar que voltasse a responder de forma grosseira, não fez o que deveria ter feito: ir até a casa do paciente Viladrich e fazer as consultas ali. Estar bem perto dele. Abandonar as sessões por internet com Skype, que são como olhar através de um retrovisor, com um ângulo de visão limitado: não se vê inteiro o corpo do paciente, sua postura, não se vê bem a palidez da pele nem até que ponto está abatido. Não, ela foi uma estúpida porque não quis colocar mais lenha na fogueira do ciúme de Borja. Não queria que um bom dia ele dissesse:

– Então agora você faz terapia em domicílio? Isso é amor pelo paciente?

***

Viladrich era um rapaz de 31 anos, encantador, simples, doce, frágil. Apesar de ser fisicamente magro, espigado, seu aspecto geral era encolhido. Devia ser alto, mas através da webcam, Eugenia nunca o viu de pé. Se tivesse que destacar um traço de sua personalidade, sem dúvida teria sido a ingenuidade. Em seus olhos azuis havia uma ingenuidade insondável. Dizia e repetia que ele não tinha sido

feito para fazer sexo. Se ia para a cama com uma mulher que fosse importante, seus nervos o traíam. O sexo era como dormir: não dependia de sua vontade. Por mais que se esforçasse, o corpo fazia o que queria. Por isso recorria às prostitutas. Com elas não tinha que se preocupar. Quando era mais jovem teve algumas relações "normais", e todas tinham terminado muito mal por culpa do sexo. Desde então, sempre pagara. Teve relações sexuais que inclusive podia qualificar como bem-sucedidas, porque, como com as putas não tinha que comparecer, alguns dias até conseguia aguentar um pouco antes de ejacular. Sexualmente estava um farrapo, e, se havia pedido um horário com ela, uma psicóloga de quem tinha boas referências, era para superar isso. Precisava superar isso, realmente. Porque, fortuitamente, o amor entrara em sua vida. Uma mulher maravilhosa tinha se fixado nele. E queria satisfazê-la sexualmente.

– Continue, por favor – disse Eugenia, no primeiro dia de terapia, pelo Skype.

E Viladrich continuou contando que conhecera aquela mulher maravilhosa graças a seu trabalho de escritor. Eugenia pensou que ali devia haver uma história de frustração profissional: tivera alguns pacientes escritores e eram uns mortos de fome que acreditavam que o mundo estava em dívida com eles. O paciente que não tomava banho era, precisamente, escritor. No entanto, Viladrich – segundo contou naquele primeiro dia através da webcam – ganhava bem. Não tinha grandes aspirações e escrevia livros por encomenda, livros autobiográficos que as editoras costumavam promover como biografias ou memórias. Livros de personagens famosos, mas também de anônimos que desejavam deixar marcadas suas teorias, uma trajetória. Tinha escrito livros para empresários, para médicos, para cantores de óperas, para cozinheiros. Livros que eles assinavam, o nome de Viladrich não saía em nenhum lugar. Concordava com isso. Afinal, o material não vinha de sua experiência ou imaginação. Ele somente tinha que gravar e transcrever horas de conversas. Separava o joio do trigo de todo aquele material, organizava, procurava torná-lo atraente para os leitores. Quer dizer que o trabalho mais duro e o que se prolongava por mais tempo acontecia em sua casa. Passava dias recluso, sem ver ninguém, e aquilo devia estar relacionado à agorafobia diagnosticada por um psiquiatra que, obviamente, teve que ir até seu apartamento. Tinha confiança no psiquiatra. Há anos, Viladrich escrevera um livro para ele, uma reescrita de sua tese de doutorado. No entanto, se tinha pedido um horário com Eugenia não havia sido pela agorafobia, mas pela causa profunda, que devia ser sexual: a incapacidade de satisfazer sexualmente aquela mulher maravilhosa. Ele a conhecia já fazia algum tempo, mas agora tinham começado a ficar. Sempre a tinha chamado de *a triatleta.*

– Continue – acrescentou Eugenia.

Lara. Lara Turbau: assim se chamava a triatleta. Ele a conhecera graças a seu marido, um osteopata. Ainda eram marido e mulher, mas logo se divorciariam. O marido se chamava Joan Fluvià e era o osteopata de Viladrich. Como passava tantas horas sentado na frente do computador, sofria dores na cervical e de vez em quando ele o visitava para que resolvesse isso. Fluvià era um homem cheio de saúde, que dividia o consultório com um fisioterapeuta e com sua mulher. Uma mulher imponente, que durante a semana ganhava a vida como nutricionista e nos fins de semana era triatleta e participava em *ironmans* e *ultramans*. Um dia, depois de ter recolocado no lugar as costas (de Viladrich), o osteopata Fluvià fez um pedido profissional: um livro para dar de presente aos clientes da clínica. Um livro com as lições que tinha aprendido depois de cuidar de tantas costas.

– Continue.

Em seguida começaram a tarefa. Ficavam às sextas à tarde, que era quando Fluvià e sua mulher começavam o fim de semana. Faziam as entrevistas na casa do médico, um duplex na rua Paris. A triatleta costumava perambular pelo apartamento e de vez em quando servia água, bolacha, café. Formavam o casal ideal, pensava Viladrich. Um casal de corpos esbeltos, musculosos, bronzeados. Apesar de ainda não terem filhos, estava claro que tinham vindo ao mundo para reproduzir a espécie. Às vezes a triatleta se sentava para escutá-los, “como um vaso de flor”, assim era como, diria depois, seu marido a fazia se sentir. Viladrich não a olhava com olhos cobiçosos, não se atrevia; uma mulher inalcançável. A cintura fina, as coxas exuberantes. Costumava vestir suéteres que deixavam seus ombros de fora e uns brincos dourados nas orelhas que não eram precisamente para ficar em casa. As costas retas e o queixo elevado demonstravam seu orgulho; umas dessas mulheres orgulhosas, com caráter. Olhava para ele com uma expressão perspicaz, como se estivesse estudando suas profundidades. E ele desviava o olhar.

– Continue.

Em teoria, ele não era para ela. Na teoria e na prática, na verdade, estava concentrado no discurso de seu marido osteopata, que durante aquelas tardes contava como harmonizava as estruturas ósseas: evitava que noventa por cento das hérnias de disco terminassem em cirurgia. Também falava da relação entre as dores de cabeça e as costas: oitenta por cento da irrigação cerebral fluía por uma artéria que passava por uma vértebra cervical e, depois que a vértebra estivesse bem posicionada, a dor de cabeça desaparecia. Os pacientes – como ele mesmo,

Viladrich, podia certificar – saíam da consulta sentindo-se melhor.

– Continue, por favor.

Tudo mudou uma sexta, quando o osteopata não pôde estar presente. Tinha uma viagem a um congresso em Tenerife e sua secretária se esquecera de ligar para Viladrich para cancelar a visita, de maneira que ele, como toda sexta, às cinco em ponto, foi ao apartamento da rua Paris. Foi recebido pela triatleta, que se desculpou pelo erro da secretária, que era nova e disse que ao menos ficasse para tomar um café. E foi o que fez. E não só para o café. A conversa se alongou. Ela deve ter gostado de Viladrich, porque se abriu. Havia certa camada de menosprezo em suas palavras: ela tinha conseguido muitos dos sucessos que seu marido usava como medalhas. Boa parte dos esportistas de elite que passavam pela clínica, na verdade, não tinham problemas nos ossos, mas no fígado. O metabolismo de fármacos e estrógenos era a causa de disfunções hepáticas que, a longo prazo, criavam alterações musculares tendinosas. E ela se ocupava disso. Realizava uma cura de desintoxicação com alcachofra, boldo, alcachofra-brava, fumaria e cavalinhas. Era ela, portanto, que curava as dores de cabeça dos esportistas de elite.

– Continue.

Conversaram muito, até que ficou tarde. Ela propôs que ficasse para jantar. Comida japonesa, acompanhada de uma garrafa de saquê que fez com que se abrisse toda. Seu divórcio era iminente: olhando “por casualidade” o celular de seu marido, havia descoberto que era um mulherengo. Cantava muitas pacientes. Claro, antes arrumava suas costas.

– Como Llongueras, o cabelereiro, não sei se você se lembra; ele admitiu em um programa de televisão que tinha transado com muitas clientes para que se sentissem menos sozinhas.

Pois isso. Agora ela entendia por que nos últimos anos não tinha relações sexuais. Seu marido nem olhava para ela. Há anos que se sentia profundamente insatisfeita, disse a Viladrich, enquanto terminavam a segunda garrafa de saquê. Estava casada há doze anos e nunca teve a sensação de que funcionassem sexualmente: havia chegado o momento de começar do zero e ter “sexo de qualidade”. Faltava algo aos homens daqui – não especificou o que queria dizer com “daqui”. Uma espécie de energia. Não descartava se inscrever em algum curso de sexo tântrico; talvez ali conhecesse algum homem potente. Ou talvez quando se divorciasse fosse viver em outro continente, outra geografia; não descartava que o problema fosse o continente. Beberam outra garrafa de saquê, e foi então que ela teve a reação viva: soltou seu cinto e tirou as calças dele.

– Você me excita muito.

– Continue, por favor.

Ele sentia tremores na boca do estômago, mas estava feliz como não lembrava nunca ter estado antes. Depois de um tempo, era um feixe de nervos. Não conseguiu penetrá-la. Somente ficou nas carícias. No dia seguinte, tentaram de novo, e no final ela se masturbou com um consolo do tamanho de um pepino, enquanto fazia uma felação afastando o cabelo loiro com a mão para que ele visse como seus lábios chupavam "o pequenino", como ela chamava. O "pequenino" não ficou duro de jeito nenhum. Se ele soubesse, teria trazido o Viagra de casa. Enquanto tomavam café, ela adotou um tom agressivo:

– Não me importa o que você vai fazer, mas eu quero seu pinto bem duro – disse. Era uma espécie de ordem. Ele levou pelo lado bom: aquela ordem demonstrava que queria vê-lo de novo. Ela dava por certo que tinham se convertido em amantes. – Ah, e outra coisa: da próxima vez trate de se depilar. Onde acha que vai com esses pelos?

– Continue – disse Eugenia durante aquela primeira sessão através do Skype, pensando que Borja, que tampouco suportava o excesso de pelos, teria achado graça daquele comentário (ainda não havia demonstrado ter ciúmes dos pacientes; ou só havia feito isso em forma de retração). – Continue, por favor.

Antes de se despedir dele, a triatleta repetiu que sentia "muito tesão" por ele. E que fizesse o favor de ir ver um psicólogo, para resolver aquelas "inseguranças". Que da próxima vez tinha que fodê-la bem fodida.

– Continue.

Naquela mesma noite começou a agorafobia. Não tinha conseguido descer para colocar o lixo para fora. Quando estava na porta principal da rua Balmes, onde morava (de onde estava falando agora mesmo pelo Skype), teve uma sensação de terror. Não era ele. Seu corpo não era seu corpo. Segundo o psiquiatra, aquilo se chamava *despersonalização*. Tinha subido se arrastando pelas escadas, aferrando-se aos degraus como uma lagartixa. Agora não conseguia nem descer pela escada. Nem tampouco conseguia pegar o elevador, não só pela claustrofobia, mas também porque sentia medo de encontrar algum vizinho.

– Continue.

Segundo o psiquiatra, estava evitando enfrentar aquele desafio sexual que o atraía e atemorizava ao mesmo tempo. Se conseguisse resolver a questão sexual, a agorafobia diminuiria. Isso e os remédios, claro, apesar de que alguns remédios demorariam semanas para fazer efeito. Aproveitando a confiança, o psiquiatra

havia dado algumas caixas de antidepressivos e tranquilizantes. A comida podia ser comprada pela internet, mas não os remédios. E se tivesse que ficar semanas ou até meses trancado em casa, pelo menos teria que se preocupar em como ir até a farmácia.

A dinâmica daquele primeiro dia se repetiu durante as semanas seguintes. Faziam todas as consultas pelo Skype, toda terça e quinta, às dez da manhã. Isso o obrigava a acordar cedo, pelo menos naqueles dois dias. Eugenia intuía que Viladrich estava muito largado. Não parecia um homem apaixonado. Gostava muito da triatleta, queria satisfazê-la sexualmente, mas tinha a crença limitadora – da qual não era consciente – de que ele não merecia o amor. E merecia. Claro que merecia! Porque era encantador. Com sua voz fina como a corda de um violino, contava a Eugenia que escrever o tipo de livros que escrevia era uma maneira de se interessar não somente pela vida de famosos, mas também pelas vidas que não entrariam para a história, já que muitos daqueles livros eram de gente anônima. Um rapaz, pensava ela, que não se dava a devida importância. Um rapaz que se colocava a serviço dos demais. Sentia-se identificada com ele: ele tampouco tinha a sensação de estar "aguentando as confusões" dos entrevistados. Ele também tinha uma espécie de "missão" na vida. E precisava que o salvassem.

Através da tela do computador ela o via abatido, triste, e só brilhavam os olhos quando falava da triatleta e do próximo encontro sexual entre ambos, que aconteceria quando ele tivesse superado algumas de suas "inseguranças". Com um pouco de sorte, dizia a Eugenia, aquele encontro e os seguintes mudariam sua vida. A triatleta deixaria seu marido e poderiam começar uma relação estável. A primeira relação sólida e sem pagar que ele teria em sua vida. Claro, antes teria que comparecer. Portanto, queria se preparar bem, sexualmente.

A triatleta não parava de enviar mensagens de WhatsApp nas quais contava como se masturbava pensando nele. Estava indo a um psicólogo para solucionar suas "inseguranças"? Sim, ele tinha respondido. Não podia dizer, claro, que a coisa tinha se complicado e que não conseguia sair de casa. Ele enrolava a triatleta. Dizia que demorariam umas semanas para se verem. Não apenas porque precisava acabar com as "inseguranças", mas porque tinha muito trabalho: devia terminar urgentemente um livro sobre a cozinha de um discípulo de Ferran Adrià. A mesma desculpa que dera a seu marido osteopata para cancelar as seguintes entrevistas. A triatleta parecia mais excitada ainda pela enrolação, a cada dia tinha mais vontade de vê-lo.

Durante as sessões pelo Skype, Eugenia tentava fazer com que o paciente recuperasse a autoconfiança. Em lugar de estar animado com a perspectiva de ver a triatleta, sentia pânico. No sentido literal. Daí os ataques de pânico e a consequente agorafobia. A autoconfiança que devia recuperar o paciente Viladrich não deveria depender do que acontecesse ou deixasse de acontecer com a triatleta, uma relação que estava condenada, porque a triatleta tinha se fixado nele simplesmente porque era o primeiro bom rapaz que passava por ali. Queria um bom rapaz em contraposição a seu marido mulherengo, queria um homem que nunca fosse mulherengo. Ainda assim, era preciso conservar a esperança, pensava Eugenia. Talvez a triatleta fosse paciente, como uma puta.

O assunto das prostitutas também foi tocado durante aquelas consultas. Eugenia procurava que o paciente evocasse o sentimento de confiança que suscitavam nele. Que se recriasse nisso, para que pudesse extrapolá-lo, a longo prazo, para o resto das relações sexuais. Como se sentia com as prostitutas? Por que não tinha a sensação de ter que comparecer? Que faziam com ele na cama? Em que se baseava para afirmar que eram mulheres pacientes? Afinal, eram profissionais que tinham que ir direto à questão. Eugenia também dava espaço para que ele falasse das experiências sexuais que tivera quando jovem, com garotas “normais” que logo se cansavam dele.

E tinham falado bastante de sua infância. Era filho único, e seus pais, que tinham morrido há vários anos em um acidente de trânsito, haviam sido muito exigentes com ele. Devia tirar as melhores notas e estudar uma carreira técnica. Dedicar-se a escrever era um de seus desejos de futuro. “Você é um romântico”, costumava dizer seu pai. Aquilo deve ter ficado marcado nele. Mas o que mais deve ter marcado, tinha certeza disso, havia sido estudar em um colégio no qual os meninos e as meninas estavam em classes separadas. Não se atrevia a falar com as meninas e, quando tinha que se aproximar de alguma, ficava vermelho. Irremediavelmente. Vermelho como um tomate. As meninas eram inalcançáveis. Pareciam mais velhas que a idade que tinham. Infundiam respeito nele, certamente também medo.

– E como está seu dia a dia? O que você fez ontem? – perguntava Eugenia: a agorafobia continua sendo o assunto mais importante a resolver.

E ele tinha uma cara cada vez pior. Era lógico que estivesse pálido, não tomava sol. Durante o dia, as persianas estavam meio abaixadas. Havia manhãs claras e luminosas, mas na tela do computador Eugenia via um escritório na penumbra, lúgubre, tétrico. Muitos livros amontoados. Papéis pelo chão. E não via mais nada. Não via as mãos do paciente Viladrich. Somente via o rosto e as

camisetas pretas. E de vez em quando camisas de listras, que pareciam bem passadas. Quando ela tinha dúvidas sobre se deveria ir a sua casa para fazer a terapia presencial, pensava: “Pelo menos as camisas estão bem passadas. Se passa as camisas e compra, como conta, a comida no supermercado (e se, além do mais, toma antidepressivos e tem a expectativa de se reencontrar com a triatleta), a situação não é desesperadora nem urgente.”

Equivocava-se. Nunca tinha se equivocado tanto.

***

Como era o dia a dia do paciente Viladrich? Pois trabalhava muito, ou pelo menos era o que dizia a ela. Transcrevia as entrevistas com o osteopata Fluvià, agora que estavam frescas, e lia. Costumava ler mais escritoras que escritores, exceto escritores como Proust, que eram como mulheres. Não gostava da prosa masculina, se é que havia prosas masculinas e femininas, coisa muito discutível. Ultimamente estava lendo Joyce Carol Oates, porque procurava se sentir identificado com mulheres que tivessem o mesmo problema que ele, não o sexual, naturalmente, mas o outro. Carol Oates tinha escrito que desde sempre houve mais mulheres que homens que tinham sentido o impulso de se recluir em casa. Na verdade, tradicionalmente as mulheres ficavam em casa, enquanto que os homens saíam para “ganhar a vida”. No fato de ficar em casa havia um consolo primitivo: como um animal ferido ou moribundo se escondia para estar sozinho, a pessoa abatida tinha ânsia de solidão. Para morrer ou para se curar.

Também estava relendo Emily Dickinson, que sofreu com a mesma doença que ele. Os médicos daquela época se referiam à doença como *prostração nervosa.* Emily Dickinson parecia gostar disso. Encerrada em sua casa de Amherst, Massachusetts, sentia-se ao mesmo tempo “recluída e livre”. Só tinha que se retirar a seu quarto: nesse momento começava “a liberdade”. A partir de 1861 parou de levar seu cachorro, Carlo, para passear, parou de ir à igreja, aos saraus e foi se retirando gradualmente do mundo. Inclusive deixou de sair ao jardim. “Trabalho em minha prisão e sou refém de mim mesma”, tinha escrito.

Eugenia não podia evitar sentir-se próxima, apesar da distância imposta pela internet, pelo maldito Skype, não podia deixar de se sentir próxima de um cliente que lia Emily Dickinson, a melhor poeta norte-americana do século XIX. Ela era uma boa leitora. Lia para entender melhor o mundo e para entender melhor os demais. Não para se entreter: ler era muito mais interessante que se entreter. Borja, por outro lado, não lia. Borja e Viladrich eram a noite e o dia, e, quanto

mais conversava com Viladrich, menos lhe apetecia reencontrar-se à noite com Borja, refestelado na frente da televisão. Naquela época ele já tinha demonstrado seus ciúmes, já tinha feito o comentário: “Bonito e sensível? Também se apaixonou por Viladrich?”, com o qual dera a entender que ela se apaixonava sistematicamente pelos pacientes, algo que era falso. O que era sistemático era o amor pelo paciente, tal como ela havia dito quando começaram a sair. Mas a expressão *amor pelo paciente* ficava longe do mapa mental de Borja, como ela ia corroborando um dia após o outro.

Eugenia tinha tentado salvá-lo, tinha tentado alargar seu mapa mental. Uma forma de ver a vida, a de Borja, em preto e branco. Aquilo que a atraíra nele ao princípio, sua simplicidade, a falta de neuroses, agora lhe provocava urticária. Como podia ser tão simples, aquele homem? Não tinha matizes, nem claros e escuros? Inclusive agora, quando tenta escrever sobre ele neste documento Word, gostaria de lhe dar mais densidade. Mas não consegue. Borja devia ser interessante no trabalho, com os clientes, falando de cifras macroeconômicas, fechando acordos com sorrisos comerciais. Mas na intimidade só era interessante na cama, e olhe lá. O desejo entre os dois ia diminuindo porque sempre vai diminuindo se não há algo mais, que costuma ser uma mistura de cumplicidade e humor e valores em comum. E admiração: ela procurava sentir admiração por sua frieza emocional, mas não conseguia.

Na maneira como ele se comportava, somente via problemas. Os amigos existiam para serem aproveitados. Borja não dizia, mas pensava. Defendia que, das relações, saíam negócios. Eugenia desconhecia como se relacionava com seus “contatos”; mas sabia que, na realidade, “os amigos” eram colegas com os quais ficava quando não queria ficar sozinho. Na maioria das vezes, na hora de comer. Borja tirava sarro das marmitas e realmente em seu escritório na Diagonal não havia nem uma triste sala com micro-ondas onde se poderia esquentar a comida, porque a empresa assumia que comer com marmita era algo fuleiro. Assim, pois, ao meio-dia Borja aproveitava ou para fazer almoços de trabalho, ou para comer com o primeiro amigo disponível. Eugenia tinha acudido a alguns destes almoços, tinha sido chamada na última hora, e havia notado que Borja não tinha nenhum interesse no interlocutor. Sentia-se entediado, não parava de olhar o celular, só queria voltar ao seu escritório. Por que tinha ligado, então? Para evitar comer sozinho.

Sim, ela tinha tentado salvá-lo. Tinha tentado que potencializasse os vínculos pessoais, que se interessasse sinceramente pelos outros. Que saísse de sua zona de conforto e visse pessoas com as quais não poderia fazer negócios. Tinham ido

como voluntários ao Casal d'Infants del Raval e umas jornadas do *Teaming*. Havia outras maneiras de se comportar, totalmente desinteressadas. Cada encontro era uma oportunidade de enriquecimento. Se não havia nada mais enriquecedor que as pessoas! Borja discordava daquela afirmação. O enriquecedor era o que faziam as pessoas, e nem todas. Algumas, umas poucas escolhidas. O resto da espécie humana era um rebanho de ovelhas.

Afirmações como essas fazia no fim de semana, quando comiam ou jantavam com alguns de seus "amigos", no Montsey, ou depois de jogar tênis. Como todos eram de direita e cínicos, Borja não se sentia nem um pouco tímido. Um sábado, em um de seus arroubos de euforia, enquanto comiam com Ignacio e Mery, declarou com solenidade que havia meio que uma guerra por geração. Bom, eles estavam se salvando, mas logo haveria outra, e em casa. Era uma lei universal não escrita. Como havia uma guerra por geração, as guerras eram uma maneira de fazer limpeza, assim como o corpo limpava suas células para se renovar. Eugenia ainda não sabe se Borja dizia isso para provocar – sustentava que uma das graças dos encontros informais eram os exageros – ou se acreditava de verdade.

A humanidade, segundo Borja, ia de mal a pior: não era certo, contrariamente ao que ela pensava, que cada vez houvesse mais consciência, não só no meio ambiente, mas em outros sentidos: de nos ajudar uns aos outros, todos eram iguais. Segundo Borja, isso era "uma moda". Pois bem-vinda seja a moda, respondera ela. Graças "à moda", havia mais solidariedade que nunca, se praticava mais ioga, mais meditação. Havia mais inteligência emocional, respondera Eugenia olhando expressamente para ele. Borja retrucara que *inteligência* e *emocional* eram termos incompatíveis. Os sentimentos não podiam ser inteligentes.

Comentários como aqueles denotavam um distanciamento do marco de referências de Eugenia. Se é que houve alguma vez proximidade, por parte de Borja. No melhor dos casos houve um silêncio, uma retração, como com os pacientes homens. E agora se deixava ir. Agora era ele. Eugenia supõe que a relação estava se deteriorando, como de fato estava acontecendo, pouco a pouco. Mas a ruptura se acelerou por dois motivos: porque ela se sentia mais próxima ao paciente Viladrich e pelo episódio do banheiro.

O episódio do banheiro aconteceu um domingo à tarde no apartamento. Iam fazer a sesta, mas, em vez de dormir, ele havia começado a tocá-la. Ela cada vez tinha menos vontade de fazer sexo, sentia aversão quando ele botava as mãos nela ou, no dia seguinte, quando descobria as manchas roxas nas coxas. Apesar

da aversão, deixou que ele fizesse. Sabia, por experiência clínica, que se uma mulher deixa que o homem comece o sexo, acaba ficando excitada, mas a princípio não tinha vontade. Assim, então, começaram. E ele, depois de fazer uma massagem, foi ao banheiro. Eugenia, de repente, teve uma espécie de revelação. Entendeu a natureza do que ela acreditava que era um comportamento ciclotímico: aquele passar de ser um homem apagado a ser um homem enérgico.

Depois de uns minutos, sem fazer ruído, ela também foi ao banheiro. Costumavam deixar a porta encostada, sem fechar o trinco. Sempre tinham respeitado a intimidade do outro. Pela primeira e última vez, Eugenia abriu a porta sem bater. E viu tudo: as carreiras, a cocaína e ele cheirando com uma nota de vinte euros.

– O que está fazendo? – perguntou ela. Uma pergunta retórica: estava muito claro o que ele estava fazendo.

Ele levantou os braços para se proteger, como se ela fosse dar um tapa nele. Ficou com a mão direita suspensa e a boca ligeiramente aberta, mas não se atreveu a dizer nada. O mais surpreendente era que ela não tivesse percebido nada até aquele momento. Para compensar os efeitos da coca, tinha que tomar Viagra ou Cialis. Uma potência sexual, a dele, de baixa qualidade. Como a do paciente Viladrich, com a diferença de que ao menos Viladrich tinha a coragem de reconhecer.

Aquela noite não conversaram. A estratégia de Borja para enfrentar os temas delicados era fingir que não existiam. Mas no dia seguinte ela falou:

– Acho que você deveria procurar um psicólogo especialista em vícios.

O preocupante para Eugenia não era tanto que consumisse cocaína, afinal ele já era adulto, mas sua reação intempestiva:

– Um psicólogo? E que merda tem um psicólogo para me dizer?

Sentiu-se agredida. Até agora Borja havia subestimado tudo que tivesse a ver com o autoconhecimento. Agora subestimava, menosprezava os psicólogos. Não havia entendido nada. Nem dela, nem de sua vocação. Um psicólogo não dizia nem deixava de dizer. Será que ele não havia escutado nada durante o tempo que tinham vivido juntos? De qualquer modo, ela tentava salvá-lo do vício. Azar o dele. Só cheirava coca para fazer sexo? Era provável que fizesse isso para aguentar o ritmo desenfreado durante o resto do dia: ela nem tinha percebido. Sim, era o mais provável, e por isso chegava em casa tão cansado. Por isso tinha altos e baixos: isso dependia se tinha cheirado ou não. Azar o dele. Se tivesse contado desde o princípio, ela teria tentado salvá-lo do vício. Inclusive teria cheirado com ele, para animá-lo e para que deixassem juntos progressivamente.

Eugenia teria sido capaz disso. Agora já não tinha forças. Só queria sair daquele apartamento e voltar para sua vida de solteira, sem ter que ser a mãe de nenhum menino Peter Pan.

Na terça seguinte, quando o paciente Viladrich voltava a ter uma consulta com ela, estava preparada para anunciar que, a partir de então, fariam a terapia cara a cara. Não pela internet: ela iria até seu apartamento na rua Balmes. Os avanços seriam mais rápidos. Agora já dava na mesma os comentários ciumentos de Borja.

Mas teria que esperar. Porque naquela terça Viladrich começou dizendo:

– Não posso continuar enrolando a Lara.

Não podia continuar se desculpando, argumentando que tinha muito trabalho. A triatleta, segundo dizia por telefone, morria de vontade de vê-lo. Se não encontrava um tempo para ela, dizia, era porque não a desejava. De maneira que tinham ficado de se encontrar na quinta à noite. A triatleta iria vê-lo em seu apartamento, jantariam e dormiriam juntos, aproveitando que o marido osteopata tinha uma das suas "viagens".

Em consequência, Eugenia optou por não anunciar nada, ainda, sobre as consultas presenciais. O pobre Viladrich, depois de semanas sem ver ninguém, se encontraria com a expectativa de receber duas mulheres em seu apartamento num único dia, embora as visitas tivessem objetivos completamente diferentes. Eugenia esperaria na terça seguinte, depois que ele tivesse recebido a visita da triatleta, para anunciar que a partir de então fariam "terapia em domicílio", como diria Borja.

Acabaria sendo bastante necessário, dado que dificilmente o encontro com a triatleta terminaria bem. A autoestima de Viladrich continuava no mínimo e se aceitara receber a triatleta era porque tinha medo de perdê-la, não porque se sentia com forças para "comparecer". Perguntou a Eugenia se podiam dedicar aquela sessão da terça e a seguinte da quinta a preparar "questões práticas", em lugar de centrar-se, como tinham feito até então, em seu passado infantil e na confiança que as prostitutas suscitavam nele. E foi o que fizeram. Nas consultas de terça e quinta, as últimas que fariam por Skype, Eugenia dedicou-se a responder perguntas.

Viladrich perguntava o que tinha que fazer durante as horas prévias à chegada de Lara Turbau. Devia se masturbar para evitar ejacular muito cedo? Ou tinha que se masturbar agora que faltavam dois dias? E se se masturbasse, tinha que fazer isso pensando em Lara, ou vendo algum vídeo pornográfico? E, depois que

ela chegasse ao apartamento, com o objetivo de ter uma ereção aceitável, evidentemente tomaria Viagra ou Cialis. Qual marca era melhor? Podia misturar Viagra e Cialis com os antidepressivos e os tranquilizantes? E com o saquê? Porque pediria comida japonesa em um restaurante com serviço em domicílio e duas ou três garrafas de saquê. O saquê que tomasse durante o jantar afetaria a ereção? E as preliminares? Eram necessárias muitas preliminares? Naqueles dias, Lara havia confessado uma fantasia que sentia vontade de fazer: meter "o pequenino" na boca e notar como ia ficando duro. Mas se ele tomasse Viagra ou Cialis, já estaria duro desde o começo. Não totalmente duro, nunca ficava totalmente duro, mas um pouco gordo. Tinha que renunciar àquela fantasia?

Eugenia respondia as perguntas de forma controlada. Via sua própria cara no quadro direito da tela do computador e pensava, sem modéstia: pelo menos meus olhos irradiam uma compreensão tolerante. Pelo menos o paciente se sente compreendido, não se sente diminuído pelo fato de estar me perguntando. Se ele se sentir diminuído por algo é pelo novo encontro com a triatleta. Mas tem medo de perdê-la e quer tentar. Acha que com um pouco de sorte vai salvar o encontro. Confia em ter uma ereção aceitável com Viagra ou Cialis, melhor Cialis 20mg; agora vou dizer. Espero que a triatleta tenha paciência, como uma puta. Espero que não queira usá-lo como um brinquedo e veja nele um homem, e não uma pica. Claro que não sou ninguém para pensar isso: com Borja, durante este tempo, gostei de ser bem fodida. Nós, mulheres, tivemos que aguentar, historicamente, muita insatisfação sexual. Mas deveríamos procurar escolher bem. "E você, escolheu bem?", se perguntava Eugenia. Não. Escolhi um cocainômano que não apenas não quer deixar o vício, mas que menospreza os psicólogos.

Por outro lado, Viladrich, que fala agora mesmo através da webcam com sua voz cada vez mais fina, fina como a corda de um violino a ponto de se romper, reconhece suas limitações e quer superá-las e confia cegamente em uma terapeuta. Queria poder ir agora mesmo para sua casa. Se não fosse sua terapeuta, agora mesmo iria até sua casa e demonstraria que, contrariamente ao que acredita, merece o amor. É digno de ser amado e merece o amor e merece fazer e que façam amor com ele. Se não fosse sua terapeuta e tivéssemos nos acabado de conhecer, tenho certeza de que me pareceria atrativo, como de fato já me parece, e não me importaria em ficar com ele. Um garoto sensível, exatamente o oposto de Borja. Faríamos amor com ternura, ao contrário do que fez até agora com Borja. Eu acariciaria este rapaz com infinita paciência. Eu o comeria como se fosse um desses bolos doces que você não quer que acabem

nunca. Mas foi se fixar nele uma mulher que concebe o sexo como um esporte. E você, não concebia o sexo como um esporte, com Borja, em cima da mesa, quando ele te girava como um filé, dando várias voltas?

Tudo isso Eugenia tinha pensado enquanto o paciente Viladrich continuava falando através do Skype. Se ele estivesse na sua frente, não teria se desconectado como acabava de fazer. Lamentou-se por ter se desconectado. Continuou escutando: agora falava como havia planejado o jantar. Havia pensado em jantar no escritório, diretamente. Não na sala de jantar, que estava bagunçada. Bom, o escritório também, mas ele estava convencido de que Lara sentiria tesão por fazer amor em cima dos livros. Antes recitaria uns poemas eróticos de Pere Gimferrer. Iria lendo, excitando-a com a palavra, porque era a única forma que ele acreditava que tinha para excitá-la.

No final da sessão da quinta, Eugenia desejou muita sorte a ele. Antes de se despedir, combinaram que na sessão de terça seguinte fariam um balanço de como havia ido "o encontro". Seria o dia, pensava Eugenia, em que anunciaria a ele que a partir de então deixariam o Skype, e fariam as consultas no apartamento dele. Procurariam que, pouco a pouco, ele fosse saindo de sua guarida da rua Balmes. A terapia cognitivo-condutiva: afrontar de maneira progressiva a rua, as pessoas. A partir da terça, conversariam um pouco e depois dariam uma volta. No primeiro dia poderiam sair só até o corredor, o segundo até a porta principal e talvez no terceiro e no quarto já poderiam caminhar pela rua. Ela, a todo momento, o levaria pelo braço.

Aquela quinta-feira e no dia seguinte, ficou até tarde no consultório, tomando notas e planejando a semana seguinte. Ficando até tarde evitava Borja. Não sentia vontade de chegar em casa e encontrá-lo jogado na frente da televisão, fingindo que entre os dois não acontecera nada; as boas maneiras, tão hipócritas. No fim de semana, Eugenia foi passar na montanha, em Montnegre, em Can Benet Vives, onde moravam alguns amigos aos quais fazia tempo que não via. E o domingo à noite ficou para jantar com sua amiga Laia Bové. A primeira coisa que fez Laia, depois que Eugenia contou tudo, foi se desculpar: havia sido ela que a apresentara a Borja. E depois falaram, claro, do paciente Viladrich. Sobre a natureza medrosa com que tinha vindo ao mundo e sobre seus problemas sexuais, que não eram diferentes dos de muitos outros pacientes, apesar de que este era diferente: "É delicadeza em estado puro", sentenciou Eugenia. Laia Bové disse a ela, com aquela alegre desenvoltura própria: "Vejo que o homem sensível também te deixa excitada, como a triatleta. Vamos ver se vai terminar

apaixonada por ele. Se é que já não se apaixonou.”

Na terça, às dez da manhã, se encontrava sentada na frente do computador, pronta para a consulta. O paciente Viladrich não estava conectado. Não se conectou durante toda a hora da sessão. Ela ligou uma, duas e três vezes em seu celular: estava desligado. Era uma constatação de que o encontro com a triatleta não tinha ido bem. Viladrich não devia querer falar disso e tinha se recluído mais ainda. Durante o dia voltaria a ligar, para ver se conseguia falar com ele. Se não, conversariam na consulta seguinte, quinta, quando ele estivesse mais tranquilo.

Mas na quinta-feira, tampouco respondeu ao Skype, nem ao celular, nem ao fixo. No meio da manhã, Eugenia cancelou todas as consultas e decidiu ir até a casa dele. Tinha o endereço, como o de todos os pacientes. Aquele rapaz devia necessitar de ajuda de outro tipo, médica. Ou talvez o contrário: talvez tivesse ido tão bem que conseguira sair de casa e agora estava com a triatleta em algum hotel. Mas, se tivesse acontecido isso, Viladrich teria avisado. Estaria eufórico. Sendo um rapaz tão amável, iria querer contar as boas notícias.

A escada da rua Balmes era feia, sem corrimão, que se perdia para o alto em uma escuridão densa. As paredes azuladas estavam cheias de manchas de umidade. Os vizinhos não deviam ter muito poder aquisitivo. Ou talvez todos eram artistas, como Viladrich, ou com profissões liberais que não lhes permitiam pagar a pintura da escada comunitária. Em seu apartamento, o terceiro, a porta estava cheia de poeira. A campainha não funcionava. Ela bateu na porta com a mão e cada vez levantava uma nuvem de poeira. Ninguém atendeu. Ficou batendo pelo menos uns dez minutos. Era o único apartamento do andar e não havia nenhum vizinho mais para quem pudesse perguntar se sabia algo de Joan, como se chamava Viladrich. E, se houvesse vizinhos, tudo que teriam dito é que aquele rapaz tímido, bem educado, ultimamente saía pouco de casa. Somente para abrir ao menino que levava o pedido do supermercado. Depois de um quarto de hora, Eugenia tomou uma decisão: iria à clínica osteopática e falaria diretamente com a triatleta. Que a triatleta fosse a amante de seu paciente era uma informação confidencial e, em teoria, não podia usá-la. Apesar disso, a situação justificava: o paciente havia desaparecido, não tinha familiares e aquela mulher tinha sido a última pessoa que o havia visto. Talvez, na verdade, tudo tivesse saído bem e ela o levara a um hotel ou a um apartamento para que se

divertissem.

A clínica osteopática estava situada na zona alta de Barcelona, perto do apartamento de Borja, na rua Amigó. Uma clínica pequena com as paredes brancas e as portas e as cadeiras de madeira. Uma placa na entrada deixava claro que ali trabalhavam três especialistas: o osteopata Fluvià, um fisioterapeuta e a nutricionista Turbau. Eugenia perguntou por ela, disse à recepcionista que era sobre um assunto particular. Não, não tinha marcado hora, mas era meio urgente e esperaria até que pudesse recebê-la. A recepcionista pediu que fosse até a sala de espera, onde Eugenia permaneceu durante menos de três quartos de hora lendo revistas de medicina integrativa, colocação postural e fotocópias coloridas plastificadas com entrevistas do osteopata Fluvià, um osteopata eminente, coincidiam em dizer os jornalistas. Eugenia imaginou-o sentado no sofá de sua casa, falando com Viladrich, um ouvinte ideal, que devia escutá-lo com atenção plena. Que pena que os homens mais puros sejam os mais frágeis! Esses eram os homens que a interessavam. Não importava que tivesse que salvá-los.

***

A primeira impressão que Lara Turbau causou nela, enquanto pedia que entrasse em sua sala, com paredes cheias de pôsteres de frutas e verduras, a primeira impressão enquadrava com a que tinha sido transmitida por Viladrich. Afinal, ele era escritor e a descrevera muito bem: uma loira imponente. As costas retas e o queixo elevado conferiam orgulho a ela. Os braceletes tilintavam ruidosamente em seus pulsos, e tinha os dedos coroados com esmalte de unhas azul. Aquela mulher na cama devia ser uma dominatrix. Não era estranho que Viladrich se sentisse diminuído.

Eugenia pediu desculpas por apresentar-se no consultório sem ter avisado antes e, coisa ainda mais importante, para fazer uso de uma informação confidencial à qual teve acesso como psicóloga. Estava sabendo da relação incipiente que tinha com um paciente dela, Joan Viladrich. Sabia que tinham se visto na quinta da semana anterior no apartamento dele. Sabia que ela estava a par de que Joan recebia tratamento psicológico. Pois bem, hoje fazia exatamente uma semana que não tinha notícias dele. Estava preocupada e por isso havia ido à clínica osteopática.

– Sabe algo dele?

Lara Turbau não parecia surpreendida. Nem pelo fato de que tivesse ido até a clínica, nem pelo fato de que estivesse falando, de quebra, de sua infidelidade.

Ou já tinha assumido que logo se divorciaria, ou ela também estava preocupada. E, realmente, pelo modo como suspirou, uma exalação longa, deu a entender a Eugenia que se sentia aliviada. Aliviada pelo fato de poder falar com alguém sobre Joan Viladrich. Como se levasse dias, ela também, dando voltas e não soubesse com quem se abrir.

– Não, não sei de nada. Eu liguei para saber como se encontrava, mas não retornou as ligações.

– E na quinta não se encontrava bem?

Iria por partes, disse Lara Turbau. Contaria como havia sido a visita a sua casa, e assim ela entenderia tudo.

– Suponho que foi mal.

Mal, não, desastrosa, afirmou Lara Turbau, a quem Eugenia não conseguia chamar de *a triatleta* vendo-a com o jaleco branco. Mas o fato de ter sido um desastre – prosseguiu – não tinha nada a ver com sua, digamos, relação. Uma relação que acabavam de começar; a duras penas tinham ficado apenas uma vez. Aquela primeira noite não havia sido muito boa, como ela devia saber, sendo como era sua psicóloga. Ainda assim, reconhecia, tinha ficado louca por aquele rapaz. Estava a ponto de se divorciar, e sentia esperanças naquela fantasia, mesmo que terminasse sendo passageira; tampouco queria repetir os erros do passado e juntar-se logo com outro homem. Queria viver e ponto. Precisava desfrutar a vida. E não tinha pressa. Dera uma boa margem de tempo a Joan. Não queria pressioná-lo. Se trabalhasse suas inseguranças, a longo prazo, com um pouco de sorte, poderiam se divertir na cama. E isso para ela era básico. Não era uma obcecada por sexo nem nada disso; simplesmente, queria ter relações sexuais satisfatórias. Era tudo que pedia. Faz anos que se cuida, que faz exercício com regularidade e presta atenção na alimentação... e faz isso não só para estar bem consigo mesma, mas também para satisfazer a pessoa que ama. E acontece que não somente você não atrai mais esse homem, como ele ainda trepa com toda mulher que encontra. Quando conhece outro homem do qual gosta, o mínimo que deseja é fazer bom sexo. E tenta. Vai para a cama com um rapaz que parece muito lindo, uma belíssima pessoa como Joan Viladrich. E o que faz, no lugar de excitá-lo, é pressioná-lo.

– Continue.

– Como?

– Desculpe, quero dizer que estou entendendo.

De acordo. Na quinta da semana passada foi ao apartamento de Joan, à noite, com a intenção de jantar ali, apesar de que a comida era o menos importante de

tudo. A verdade é que foi com muita vontade. Parecia mentira que, a essa altura, um homem pudesse provocar nela aquele frenesi erótico. Quando bateu na porta, já escutou ao fundo a música de *jazz*, de Billie Holiday. Joan parecia um dândi. Normalmente, no apartamento dela, quando ia para gravar conversas com seu marido, costumava usar jeans e camisetas pretas, mas, nesta ocasião, tinha colocado um terno. Um terno! Paletó e calça cinza, camisa branca, uma gravata com listras transversais e, inclusive, um lenço escuro no bolso. Só faltava o chapéu. Ao mesmo tempo, no entanto, ela se fixou em dois detalhes desagradáveis. Seus olhos, com olheiras fundas, revelavam um cansaço extremo. E, quando se beijaram, ela notou que o hálito de Joan era de espinafre e milho. Pensou que fosse imaginação sua: vestido como estava não fazia sentido que não tivesse escovado os dentes. Apesar disso, aqueles detalhes iniciais combinam com tudo que viu depois.

– Continue.

No começo, não. No começo foram a seu escritório, que tinha cheiro de incenso. Havia incenso, supõe agora, para dissimular o resto dos cheiros. Que romântico, a fumaça da barra de incenso iluminada pela claridade amarelada de uma lâmpada pendurada no teto. Um escritório de escritor, com pilhas de livros por todos os lados. Muitos livros no chão, onde formavam, segundo disse Joan, um colchão imaginário onde fariam amor. Pobres livros, tinha dito ela; acabariam molhados de fluídos. Aproveitava esse momento para dizer que já tinha a calcinha úmida. Joan não prestou atenção àquele comentário e continuou mostrando o escritório, com suas maneiras agradáveis. Tinha estantes com mais livros, os livros importantes, de narrativa e poesia. E um sofá, um sofá de couro que tinha aquela espécie de comodidade das poltronas afundadas, com a marca das muitas horas que suportaram um corpo. Estava também a mesa onde trabalhava, com marcas pretas de tinta; frequentemente escrevia com caneta estilográfica. Havia muitas canetas e lápis e papéis e clipes, mas para ela, no começo, aquela desordem não a surpreendeu. Joan, até então, tinha parecido a ela um homem com a cabeça bem dotada.

– Continue.

Agora ele contaria seus planos a ela. Leria poemas, uns poemas eróticos de um tal Gimferrer, antes de jantar. Poemas sobre bombons. Ela o interrompeu para dizer que antes de jantar tinha necessidade de outra coisa. “Mostre-me como superou as inseguranças”, disse. “Vamos para a cama.” “Para a cama, não”, disse ele, “para o colchão de livros.”

Não, ela queria a cama, os livros cortavam seu tesão. Por favor, podiam ir para

a cama agora mesmo? Onde estava o quarto?, perguntou ela, brincando. E, em seguida, encostou-o contra a parede e tirou seu cinto, e depois o empurrou para o corredor, onde devia estar o quarto. Estava tão excitada que não se deu conta de que ele estava ficando angustiado. Gemia que não, que, por favor, voltassem ao escritório, que tinha tudo preparado ali. Ela insistia, empurrando-o para o fundo. Pensava que ele estava fazendo charme, querendo rogar, e o obrigou. Ela tinha mais força e o arrastou até o quarto, sempre com a intenção de brincar. E foi então, ao chegarem ao quarto, que tudo veio abaixo.

– Entendo o que deve ter passado.

Não, nada a ver com o sexo. Foi o que viu no quarto que a deixou atônita. Não era só a desordem, a roupa jogada por todos os lados, de qualquer maneira. No chão havia pilhas de lençóis enrugados, calças, casacos, cuecas como um bolo. No escritório, os livros uns em cima dos outros tinham seu encanto. Lá, a roupa, não; ao contrário: aquele quarto era uma toca. Também havia outros objetos; não tinha certeza, só viu que eram objetos oxidados. Cheio de trastes. Não era só o acúmulo que a deixou boquiaberta. Tem um nome esta doença de acumular, não é mesmo? Acúmulo de roupa que devia fazer muito tempo que não usava, ou melhor, que havia usado muitas vezes sem lavar, dado que exalavam um cheiro rançoso, de suor. Camisetas que devia fazer meses que ninguém lavava. Ela não era fresca no que se referia ao suor, estava acostumada ao fedor do suor da academia e das corridas. Mas aquilo era repugnante. Sentiu náuseas e saiu correndo para ir ao banheiro, mas se equivocou de porta e em vez de entrar no banheiro, entrou na cozinha.

– E?

O chão da cozinha estava cheio de sacos de lixo que fazia muito tempo que deveriam ter sido levados para a rua. Um em cima do outro. Cheiravam a podre e aquele cheiro se somava ao mofo de um pão seco que havia sobre a mesa de fórmica rosa. Um autêntico lixão. Ela vomitou ali mesmo, em cima do pão seco. Joan Viladrich, que estava atrás dela, tinha empalidecido, o rosto atravessado por linhas de suor. Podia explicar isso, disse. Mas ela sentia repugnância, queria sair imediatamente daquela caverna. Quando estava indo, secando os restos de vômito com um lenço, Joan falou de uma doença, a agorafobia, e ela respondeu que aquela doença não era sinônimo de deixar o apartamento tão asqueroso. Aquele apartamento nojento deveria ser isolado pela prefeitura. Aquele apartamento não cumpria com as mínimas normas de higiene. Joan emitiu um gemido suplicante que teria partido seu coração em outro contexto, não neste. Naquele momento era incapaz de produzir um único pensamento coerente.

– Continue.

Naquela noite não dormiu: depois de superado o nojo, sentia-se comovida pela santa inocência daquele rapaz: o que estava achando? Que ela não sairia do escritório toda a noite? Pelo menos devia ter o banheiro em boas condições. Pelo menos deve ter achado que ela iria ao banheiro. No dia seguinte, ligou para se desculpar e para se oferecer para pagar uma equipe especializada para limpar a fundo o apartamento e tentar eliminar o cheiro. Mas ele não retornou as ligações. Ela ligou várias vezes. Ele tinha desligado o celular. E agora, em parte, respirava tranquila ao poder conversar com alguém. Sim, também estava preocupada. Supunha que ela, como psicóloga, estava sabendo de tudo.

– De quê?

Da doença. Da sujeira.

– Não, da sujeira não.

E das marcas?

– Que marcas?

As que tinha nas mãos. É um detalhe que antes ela não tinha notado. Achava que as duas sabiam. Depois de entrar no apartamento, enquanto mostrava as pilhas de livros, ela tinha olhado suas mãos. Quando entrevistava seu marido, tinha pensado que seria sumamente agradável acariciá-las, com aquela pele tão suave. Ao contrário, agora tinha uns riscos vermelhos. Pareciam feitas com as unhas. Mas tinha se fixado bem e percebido que eram mais profundas, tinham sido feitas com uma faca ou um estilete. Algumas feridas eram recentes, não tinham cicatrizado. “O que você fez?”, tinha perguntado. E ele tinha respondido que tivera um pequeno acidente com a moto, nada importante. Claro, neste ponto ela ainda não sabia que aquilo era impossível. Impossível que pegasse a moto se não podia sair de casa. Era verdade que ela, como psicóloga, não sabia nada daquelas feridas?

– Não.

Condutas autolíticas, era como se chamavam, não? Não estava sabendo da sujeira extrema do apartamento, nem da acumulação, nem de suas condutas autolíticas? É mesmo? Então, que tipo de psicóloga era ela? Que horror! Esperava que não houvesse ocorrido nada de ruim a Joan Viladrich, porque, neste caso, a responsabilidade não seria obviamente do pobre Joan, doente, mas de sua psicóloga, cega e incompetente.

Gosta da doçura letárgica deste apartamento de aluguel e gosta deste beco do bairro de Gràcia. A garota da agência imobiliária disse que se esperasse mais umas semanas poderia alugar o apartamento de cima, o quinto, que estava acabando de reformar. As janelonas eram maiores, e entrava mais claridade, já que não eram tampadas pelo hotel. Mas Eugenia tinha pressa. Como seus movimentos eram tranquilos, um observador imparcial teria dito que dispunha de todo o tempo do mundo. Na realidade, tinha pressa para terminar a visita com a garota da agência imobiliária, encantada por conversar com ela sobre "todas as possibilidades" do apartamento de cima, o quinto, do qual, se subissem agora mesmo, veriam o terraço do hotel. E, como aquele dia não estava nublado, no horizonte avistariam o mar.

Muito obrigada, tinha dito Eugenia, mas não precisava subir. Se tinha levado o contrato, já assinaria e amanhã faria a transferência bancária para a fiança. Tinha pressa. E em relação à vista, pensou, não estava mal ter tão perto os quartos do hotel, porque assim veria movimento de gente. Muita gente? Não, os turistas. Eles estariam perto e suficientemente distantes, ao mesmo tempo. Como agora tem perto e suficientemente distantes os pais que vêm trazer e recolher os filhos de duas creches, uma em seu edifício, Tomavistas, e a outra na esquina da rua Sant Pere Màrtir, chamada Patronat Domènech. Gosta de ouvir o alvoroço das crianças. A alegria que ela, hoje em dia, está longe de experimentar.

Está fazendo o que tantas vezes recomendou a seus pacientes: escrever. Em terceira pessoa, para conseguir uma certa distância. Na verdade, durante os próximos meses, esta será uma de suas escassas atividades. Escrever para colocar ordem no passado recente. Escrever e ler. Aqui trouxe seus livros mais apreciados, uma centena. O resto deixou no apartamento de Borja. Se tinha algo que ela não queria neste apartamento, depois do caso do paciente Viladrich, era ter muitos objetos. Queria que fosse um apartamento minimalista, que a simplicidade exterior terminasse sendo interior. Outras das muitas coisas que a separavam de Borja era a austeridade como valor. Ela reivindicava a austeridade já fazia muito tempo, antes de que se convertesse em uma imposição social, e Borja continua levando um ritmo de vida desenfreado. Para ela, todas as posses materiais que fossem além das necessidades básicas eram um obstáculo para a

vida autêntica. Uma pessoa era rica, dizia a Borja quando ainda conversavam, em função da quantidade de coisas das quais se podia permitir prescindir. Ele soltava uma risada sarcástica: era como se falassem idiomas diferentes. Como podia ter se juntado àquele homem? Por que tinha chegado a achá-lo "interessante"? A paixão, sem dúvida, fora a culpada. A paixão, um estado de alienação mental transitória. Mas isso faz parte do passado e se agora lembra disso é só para deixar escrito e encerrado. O importante é se fixar no presente, no dia a dia, nos pequenos hábitos cotidianos que deve ir incorporando para recuperar a conexão com seu centro.

A solidão, embora não seja escolhida, ajuda. Só rompe a solidão para se ocupar de um paciente ator (conheceu-o durante o primeiro plantão de emergência e, como foi um plantão fracassado, está em dívida com ele) e para receber Laia Bové. Laia vem vê-la com frequência. Está funcionando como sua psicóloga, sua amiga, sua irmã mais velha. Fora Laia que a animara a fazer os plantões de emergência quando ela decidira que abandonaria o consultório. Tinha uma necessidade visceral de mudar de ares. Não era suficiente retirar-se, mesmo sendo um retiro longo, como seria. Foi Laia Bové que enviou pela internet os links da imobiliária com as fotos da rua de Gràcia e com um e-mail no qual dizia que aquela era sua rua ideal: situada no começo de um bairro cheio de gente, com bares e terraços e muita vida, e que, ao mesmo tempo, como era tão pequena, dava a sensação de isolamento. Mais à frente, quando Eugenia se atrevesse a sair à rua, poderia caminhar uns metros até a esquina da rua Gran de Gràcia. Pegaria um táxi e se deslocaria até qualquer ponto de Barcelona. Mais para a frente. E de maneira progressiva. Por enquanto, faria o que teria recomendado a qualquer paciente: caminhar uns metros, até a igreja.

– Pelo menos caminhe até o farol da esquina – tinha sugerido Laia. – Tente. Pelo menos, tente.

Tinha sido Laia que, uma manhã, fora até a Ikea e comprara os móveis que ela antes havia escolhido do catálogo. Móveis simples, pouca coisa. Isso não significava que tivesse o apartamento de qualquer maneira, ao contrário. Uma das tarefas que Eugenia se impôs e que está cumprindo é limpá-lo todo dia. Mantê-lo organizado e limpo não apenas fornece ordem externa e interna, mas ajuda a se distrair. Não pode deixar a mente livre por muito tempo, isso sempre complica tudo. De maneira que, a cada manhã, às oito toca o despertador e meia hora depois já está fazendo abdominais e correndo na esteira do quarto que montou como uma pequena academia. No outro dia, Laia trouxe um presente: uma malha e uma camiseta de corrida.

– Onde já se viu, correr de pijama? – disse rindo.

Tinha razão. Até agora tinha corrido com um pijama branco, de algodão, velho. E sabe que deve evitar o desleixo. A roupa que tinha para ir correr, de lycra, de marca, tinha sido presente do Borja. Ela havia doado para Cáritas, como boa parte do seu guarda-roupa. Acreditava que, nesta nova vida, não precisaria de roupa para correr. Até que Laia tinha mostrado que era conveniente ter uma esteira em casa, não podia estar todo o dia sem se mover. Claro que nesse momento nem Laia nem ela contava com o fato de que toda noite iria andando até o teatro Romea, como uma parte "da terapia" que faz com o paciente ator.

***

Depois de correr, fazer alongamento e tomar uma ducha, passa uma hora com o ator. Eugenia não queria mais nenhum paciente, somente queria fazer plantões de emergência de vez em quando, usando o dinheiro que havia guardado para viver. Nos últimos anos, não tendo que pagar aluguel com Borja, tinha poupado. E agora não queria a cumplicidade dos pacientes, nem o consultório, nem nada disso. Tinha terminado aquela etapa como psicóloga. Continuaria sendo psicóloga, mas não exerceria no consultório. Primeiro se isolaria em um apartamento – não podia fazer nada além disso – e, no longo prazo, quando pudesse sair de casa e estar entre as pessoas, aceitaria alguma das ofertas que nos últimos anos tinha recebido para dar aula na Faculdade de Psicologia. Não, não queria mais pacientes de longo prazo.

– Pois faça plantões de emergência – disse Laia. – Vai ganhar dinheiro e isso a obrigará a sair de casa.

Laia fazia plantões; no consultório se entediava e precisava de adrenalina. Puro nervo, Laia. Tem a coragem de reivindicar exatamente o que é: uma psicóloga inquieta. Tem um não sei o que de franqueza, diz sempre o que sai de dentro. É menos contida que ela. Laia seria incapaz de passar meia consulta repetindo "continue".

Faz parte da Junta do Colégio de Psicólogos e há uns anos foi uma das impulsionadoras dos plantões de emergência. Esteve a cargo dos cursos de formação de cem horas, imprescindíveis para todos os psicólogos que quisessem fazer plantões, além dos três anos de experiência em psicologia clínica. Como no curso de cem horas não tinham se inscrito muitos psicólogos, Laia pediu que Eugenia participasse. Ela se candidatou para fazer um favor, para "fazer

número", já que sabia que não faria plantões. Tinha muitos pacientes e no consultório não podia se permitir fazer um parênteses, nem pausas. Não podia deixar um paciente pendurado porque tinha que ir fazer um plantão. Desde então, deve ter sido há uns cinco ou seis anos, nem tinha pensado mais nisso, nos plantões. De vez em quando, Laia contava alguma história, relacionada à falta de sensibilidade da polícia e dos médicos sobre a importância de administrar o impacto psicológico que ocorria de acordo com os acontecimentos.

Mas agora, de repente, aquela era uma saída profissional, e pessoal, que Laia estava propondo. Aproveitar o curso de cem horas. Teoricamente, Eugenia estava capacitada para acudir ao lugar dos fatos. (Só teoricamente.)

– O quê? Plantões de emergência? Está louca. – Foi sua primeira reação.

Diante de um paciente nunca teria ocorrido usar a palavra *louca*. Tínhamos que tomar cuidado com a linguagem e deixar de estigmatizar os transtornos mentais. Mas com Laia podia ser politicamente incorreta. Aquele dia estavam sentadas na sala de jantar de onde ela escreve agora estas linhas, ao lado da janela (de esguelha observa os turistas do hotel; não tem cortinas com o objetivo de poder ver movimento de gente; não queria, como o malogrado paciente Viladrich, terminar baixando as persianas). "Está louca", tinha repetido a Laia, que continuava dizendo que sim, que ela tinha claro que os plantões de emergência eram a solução. Quanto às formalidades, afirmou Laia, não tinha que se preocupar com nada. Ela se ocuparia de toda a papelada para que Eugenia não tivesse que ir até o Colégio de Psicólogos. Os plantões seriam uma terapia ocupacional. Uma maneira de ter que sair de casa à força, querendo ou não. Evidentemente, tomaria um sedativo antes de ir à rua. "Está louca", tinha voltado a dizer Eugenia, cada vez com menos convencimento.

Até que se decidiu. Repassou os apontamentos relacionados com o estresse pós-traumático: como parar o golpe quando não era mais possível parar. Memorizou os protocolos: levaria os tranquilizantes com ela, na mochila, para que pudessem ser injetados a qualquer momento. Acompanharia as vítimas que não estivessem feridas fisicamente até um canto, com segurança, um lugar no qual tivessem certeza de que não voltariam a ver nada parecido ao que tinham acabado de presenciar. O importante não seria o que havia passado, mas como havia vivido a vítima, como respirava, o que dizia. Diminuir sua ansiedade, gerar confiança, pegá-la pela mão, dar um abraço. E falar de maneira racional sobre os fatos, nunca sobre as emoções. Falar de emoções pioraria a situação. O mais importante era que a vítima estivesse consciente do que acabava de acontecer. Que, a longo prazo, pudesse se lembrar, para poder curá-la.

A especialidade era relativamente nova. O TEP, transtorno por estresse pós-traumático, não existia antes. Dizia-se que os soldados que chegavam da guerra sofriam de “neurose de guerra”. E, na Espanha, depois da Guerra Civil, nem sequer isso. Muitos soldados eram isolados, tratados como casos perdidos. Quanto aos psicólogos de emergência, em Barcelona tinham começado a funcionar organizados – graças ao impulso de psicólogos como Laia – sob o guarda-chuva do 061, no ano de 2005, depois do desabamento no bairro de Carmel. Eram necessários especialistas. Não podia ser que, em um acidente, uma catástrofe, acudissem a ajuda de psicólogos sem preparação. Este fato também se tornou evidente no 11-M, em Madrid. Foi preciso acabar atendendo aos próprios psicólogos, que desmaiavam quando tinham que acompanhar um familiar para reconhecer um cadáver.

– Tem certeza de que conseguirei fazer isso? – perguntou a Laia na vigília do primeiro plantão.

Eugenia não estava totalmente segura. Podia esperar uns dias, não tinha problemas. Podia ligar para o supervisor e pedir que avisasse outro psicólogo.

Laia a tranquilizou. Disse que as noites dos fins de semana eram “facinhas”. Jovens que tinham bebido demais, algum pequeno acidente de moto. Dava no mesmo, estava preparada, e um dia ou outro tinha que começar.

– Vai me acompanhar?

– Vamos, vamos, não seja cagona! Consegue fazer perfeitamente sozinha.

Segundo Laia não só conseguia como também precisava fazer sozinha. Um dia desses tinha que sair de seu edifício e andar até a rua Gran de Gràcia e pegar um táxi. Quando o supervisor ligasse (obviamente, o supervisor não tinha que saber nada de seu estado atual), tomaria um Diazepam. Já no táxi, começaria a notar os efeitos.

– Me dá um pouco de angústia apresentar-me em um plantão de táxi – tinha dito Eugenia para Laia, rindo. – Vou parecer uma riquinha, como o Borja. Você vai de moto, não?

– Sim. Às vezes uma ambulância passa para me buscar. Mas nos fins de semana, não costuma ter engarrafamento e cada um vai para os plantões como quiser, desde que não seja de ônibus ou metrô. De táxi você chega rápido. Além do mais, pode ficar calma que, em um plantão, ninguém vai ficar olhando como você chega ou deixa de chegar. Os policiais e os bombeiros têm outras coisas com que se preocupar. Durante os plantões, você é o menos importante. Será o menos importante. Vá se acostumando.

Eugenia gostou daquilo. Era o que ela queria: ser a pessoa menos importante.

Sim, foi um plantão fracassado. Um dos objetivos do psicólogo de emergência deve ser que a vítima entenda o que acaba de acontecer. Uma explosão de gás, um acidente, um atentado, um assassinato. Que seja consciente do instante preciso no qual se originou o trauma. Caso contrário, a longo prazo custará muito curá-lo. Cabe assinalar que algumas vezes isso não é possível. Quando um fato nos supera, fechamos os olhos. A última coisa que queremos é registrar os detalhes. Há psicólogos que, sem querer, ajudam a vítima a se esquecer. Eugenia tinha estudado o caso de uma mulher que tinha perdido o filho: nunca chegou a passar pelo luto, porque os psicólogos naquele dia fatídico a sedaram muito. Nunca chegou a lembrar o atropelamento de seu filho, apesar de ter estado presente.

Na noite do plantão, não foi preciso dar sedativos a Héctor Amat. O problema não foi esse. Contudo, o resultado foi o mesmo: atualmente o paciente Amat não se lembra da garota que morreu em seus braços. Por esse motivo, estes dias Eugenia tenta ajudá-lo a evocar aquela lembrança. Ele a tem no inconsciente. Antes de desmaiar, devia ter percebido. Ah, claro que devia ter percebido! Eugenia deveria ter ficado a seu lado quando recuperava o conhecimento e ter feito com que abrisse bem os olhos. Que visse como havia morrido a garota. Por mais duro que fosse.

Mas Eugenia não estava.

E isso porque tinha chegado ao estacionamento antes do pessoal de emergências médicas. Eram mais do que duas da madrugada. Lembra a primeira impressão que teve do estacionamento: pequeno, recém-pintado. Lembra o desenho do mercado de La Boquería na parede branca da entrada e o pacote de Ducados que o vigilante tinha na mão. Um vigilante alterado: certamente depois de um tempo seria ele que precisaria de atenção psicológica. Disse a Eugenia, ofegando, que “os dois mortos” estavam embaixo, no andar -1 e indicou como chegar, pela escada perto do corredor. Ele ficaria na entrada, esperando a polícia.

Então, ela tinha descido sozinha e chegara ao andar -1 antes da polícia, antes da ambulância, antes do médico legista. Vantagens do táxi, quem poderia saber. Aquela noite nas Ramblas tinha havido feridos leves – uns incidentes relacionados à vitória do Barça – e as equipes de emergência estavam colapsadas. Se não tivesse ocorrido o caso dos disparos no estacionamento de Ciutat Vella, o supervisor a teria feito ir até as Ramblas. Mas o supervisor estabelecera uma prioridade, chamara Eugenia em seguida, tinha colocado na frente o caso das mortes no estacionamento. E ela tinha sido a primeira a chegar.

E tinha visto os dois corpos, apoiados um contra o outro. Um homem de meia-idade e uma garota. A cabeça da garota repousava nos joelhos do homem. Muito sangue, uma poça de sangue. Aquilo era muito para Eugenia. Teve uma reação instintiva: sair correndo. Não conseguiu evitar, um mecanismo do sistema nervoso primitivo. Uma reação natural: correr, fugir.

Depois de dois dias contou a um policial. Tinha sido chamada para declarar, na delegacia da rua Nou de la Rambla. Uma declaração rotineira. Depois de um assassinato, chamam inclusive os psicólogos de emergência para declarar.

– Pode ser, senhora Llort, que aquela noite tenha se ausentado uns minutos da cena do crime? – perguntou o policial (as câmeras de segurança tinham registrado sua fuga).

– Sim – respondeu ela. Correr, fugir: uma reação natural; estava comovida. Como o policial devia saber, aquilo costumava acontecer durante os primeiros plantões de emergência. Inclusive ocorria com os médicos. Sim, era seu primeiro plantão e tinha imaginado uma noite tranquila: uma briga em uma discoteca, um acidente de moto, uma explosão de gás sem feridos. Não havia dito ao policial que na verdade não estava preparada para um assassinato, não porque se tratasse de seu primeiro plantão, mas porque estava doente, sim, uma psicóloga doente fazendo um plantão, como pode?, que irresponsabilidade, devia ter ficado de fora. E não só isso: tampouco estava preparada para ver mais cadáveres.

No estacionamento foi correndo até a escada, até o banheiro. Se alguém tivesse perguntado por que estava indo embora, teria respondido que ali não tinha nada a fazer, que o trabalho era da polícia e do médico legista. Fechou-se no banheiro e, sentada em cima da privada, no meio do cheiro de água sanitária e urina, tomou outro Diazepam. Esperaria ali uns minutos, até que se sentisse melhor.

Não estava preparada para ver mais cadáveres. Ainda não tinham cicatrizado, e demorariam, as feridas psíquicas causadas pela morte do paciente Viladrich.

Na quinta que esteve no consultório osteopático, depois de falar com Lara Turbau chamara os Mossos d’Esquadra. Contou tudo e depois de menos de uma hora, dois policiais estavam arrebentando a porta do apartamento da rua Balmes. O apartamento do menino culto e sensível, o apartamento ao qual ela deveria ter acudido dias antes, semanas antes. O apartamento de onde ela deveria ter saído, toda terça e quinta, segurando Viladrich pela mão. Um dia chegariam até o patamar da escada e no outro até o seguinte patamar e assim aos poucos. Até que pudesse sair sozinho e recuperasse a autoestima.

Depois que os Mossos arrebentaram a porta, quando estava dentro do apartamento, o que Eugenia encontrou ali foi escabroso. O quarto abarrotado de livros, o fedor de comida podre e de roupa suja, e o fedor da decomposição do cadáver. O rosto de Joan Viladrich inchado: uma overdose de soníferos e tranquilizantes, segundo confirmou mais tarde o médico legista. Realmente, como havia dito Lara Turbau, tinha feridas nas mãos. E ela não tinha percebido. O maldito Skype. Se ela tivesse visto as condutas autolíticas, teria entrado em ação imediatamente. Um paciente tinha se suicidado. *Era culpa dela?* Não, *ele tinha se* suicidado. Mas ela tinha sido incapaz de evitar. Não intuíra que estava tão mal. Ela, a psicóloga empática.

Permaneceu naquela toca fedida o tempo em que o juiz demorou para fazer a diligência de levantamento de cadáver. Durante aquele tempo, a única coisa que Eugenia quis ver foi o dormitório. Realmente, era um depósito de lixo. Como pôde não ver tudo *aquilo*? Os indícios eram muitos, tal como havia dito Lara Turbau. Um paciente abre sua mente, você olha lá dentro e se desliga até a próxima consulta. E acaba não vendo que aquela mente estava no limite. Como pode não se sentir responsável pela morte do paciente? Como se fosse pouco, os Mossos não acharam nenhuma carta, nenhum bilhete. Um suicida incomum: Joan Viladrich não havia esclarecido os motivos de sua decisão. Devia ter pensado que não era preciso, que a psicóloga já sabia tudo. A psicóloga que deveria tê-lo salvado de si mesmo.

No dia seguinte, foi a mente dela que chegou ao limite. Lembra que aquele dia Borja quis consolá-la, permanecendo em silêncio. As boas maneiras. Já era muito que pelo menos se calasse. Que pelo menos respeitasse em silêncio seu fracasso terapêutico, que não tentasse animá-la. Aquela manhã Eugenia cancelou as consultas, ele cancelou reuniões com uns executivos de La Caixa e ficou ao seu lado. Acompanhou-a ao supermercado. Ela não tinha nada melhor para fazer: ir ao supermercado, olhar produtos, marcas, distrair-se. Consumir, aquilo de que Borja gostava tanto, apesar de ele não ir nunca ao supermercado. Iam só os pobres mortais que levavam marmita para o trabalho. Mas naquela manhã foram os dois, como um casal unido, e foi na fila da caixa registradora onde começou tudo: o “contágio”, a doença atual dela.

Tinha comprado verduras, massa, especiarias, molho de tomate e um sorvete, nada mais, apenas quatro coisas para comer e salmão para o jantar. Estavam na fila da caixa registradora. Havia muitos clientes. Ela estava ensimesmada, a mente em branco, quando de repente notou uma mão nas suas costas. A mão de

Borja, pensou. E sem pensar nada mais notou que tudo ao seu redor desaparecia, a fila ficava borrada, deixava de sentir. Os sons dos alto-falantes desapareceram, como se, subitamente, tivesse ficado surda. O coração ia a mil por hora. Sabia muito bem que estava tendo um ataque de pânico. Na fila do supermercado. Ficou quieta. Não suportava que Borja a tocasse. Era a única coisa em que pensava: não o suporto, não o suporto, não o suporto. E, repetindo isso, se acalmou. A mão voltou a tocar suas costas. Eugenia se virou com a intenção de dizer a Borja que a deixasse em paz, que não voltasse a tocá-la nunca mais em sua vida. Mas Borja estava três ou quatro metros atrás, ao fundo, olhando seu celular. Era a mão de um desconhecido que a tocava. Um homem sorridente e amável. Só queria avisá-la de que seu porta-moedas tinha caído.

Naquela mesma tarde não conseguiu mais sair de casa. A agorafobia costuma começar assim: um ataque de pânico quando menos se espera. Não era preciso que nenhum colega diagnosticasse, nem que começassem a fuçar em seu passado para descobrir a causa. Da mesma maneira que, há vários anos, depois de atender ao senhor H., que chegava pouco asseado à consulta, ela tinha ficado dois dias sem tomar banho; da mesma maneira que do paciente D., com TOC, tinha se contagiado com a obsessão pelos rituais e ela a cada manhã olhava sua bolsa seis vezes para comprovar que não tinha deixado as chaves nem o porta-moedas; da mesma maneira que, depois de atender à paciente com hiperidrose, as mãos de Eugenia suavam quando ficava nervosa; da mesma maneira que, agora, por um excesso de empatia – excesso de empatia por um paciente morto –, era ela a agorafóbica.

Ficou uma semana fechada em casa. Até que decidiu se separar de Borja e partiu para se encerrar em outra casa. Reclusa e livre.

Reclusa no novo apartamento da rua de Gràcia. Até que, empurrada por Laia Bové, tinha decidido fazer este plantão de emergência. Tinha terminado o plantão? Não. Ela tinha saído correndo, uma pausa. Ainda estava no banheiro do estacionamento Ciutat Vella. Não tinha se equivocado com ninguém: as vítimas estavam mortas. Não precisavam mais que ninguém as ajudasse a parar o golpe no momento em que não se podia parar. Um homem e uma garota, acabava de ver os cadáveres. E ela não estava preparada para ver mais. Tinha sido inevitável fazer uma associação de ideias com o cadáver do paciente Viladrich.

Mas o caso do paciente Viladrich – pensava ainda trancada no banheiro, enquanto esperava que fizesse efeito o segundo Diazepam – eram águas passadas. Não precisava se flagelar mais. Já chorava bastante no apartamento da

rua de Gràcia. Descarregava bastante a raiva golpeando a almofada vermelha. Já tinha mudado de vida, fazia tudo o que estava em suas mãos para superar o mau momento e a agorafobia. Tinha se inscrito nos plantões de emergência, aquele era seu primeiro plantão, o mundo não iria acabar por ter se ausentado uns minutos do lugar dos fatos. Além do mais, segundo lembrava de ter estudado durante o curso de cem horas, aquela era uma reação típica: sair correndo do cenário. O sistema nervoso primitivo tomava conta, pernas para que te quero. Devia voltar ao lugar dos fatos, para estar presente. Agora já notava os efeitos do segundo Diazepam. Devia sair do banheiro e voltar à vaga 33c. Talvez, com a pressa, não tinha se dado conta de que alguém precisava de ajuda psicológica. Pelo menos o vigilante precisaria dela.

Voltou, pois, ao andar -1. Já tinha chegado quase todo mundo. Três ou quatro policiais e os efetivos de emergências médicas. Não havia dois mortos: esta era a notícia. O homem não só tinha sobrevivido, como nem sequer estava ferido. Quarenta e quatro anos. Héctor Amat. Poucos minutos antes ela tinha achado que ele estava morto. E agora estava sentado no chão, no canto do elevador, longe da cena do crime.

Eugenia dera seu apoio durante um bom tempo. Havia tentado que ele se lembrasse o que uma enfermeira tinha acabado de contar a ela: que a garota tinha morrido em seu colo. Mas Eugenia tinha chegado tarde. Héctor Amat deveria ter recuperado o conhecimento com a garota ao lado. Eugenia devia tê-lo ajudado a recuperar a consciência pouco a pouco. Deveria ter conseguido que se fixasse bem na garota morta em seus braços, por mais crua que tivesse sido a imagem. Mas não tinha sido possível. Eugenia tinha saído correndo e se trancara no banheiro. Tinha sido uma temeridade fazer o plantão de emergência. Não estava em condições psicológicas nem físicas de fazer nada, nem sequer sair de sua casa.

E se, no dia seguinte, aceitou fazer um acompanhamento de Héctor Amat, mesmo não querendo mais pacientes, foi porque, de certo modo, sentia-se em dívida com ele.

Na manhã seguinte, fez uma ligação de acompanhamento. À tarde foi ele que ligou: estava em um telefone público em Canaletas e pedia sua ajuda. Ela não tinha previsto sair do apartamento da rua de Gràcia. Nenhum dia tinha previsto sair do apartamento, só durante os plantões de emergência. Por isso tinha decidido fazê-los (apesar de que demoraria semanas para se atrever a fazer outro). Mas aquele homem pedia sua ajuda, e ela não podia negar.

Tomou um Diazepam, misturou com uma taça de vinho para acelerar o efeito e, enquanto notava o calor que o vinho espalhava por suas veias, desceu de táxi até Canaletas, onde o viu de novo. Héctor Amat. Era ator e estava aturdido por um simples ataque de ansiedade. Bom, os primeiros ataques de ansiedade nunca são simples. Uma irrealidade, uma aquarela molhada, como dizia o ator. Para ele parecia ser o fim do mundo. Titubeava, como se não encontrasse as palavras. Não se via com forças para ir ao teatro Romea, nem tampouco para atuar.

Mas se era ela que não tinha ânimo para nada! Era ela a incapacitada. Não deveria estar ali, no meio da confusão de gente das Ramblas, como na noite anterior não deveria ter feito o plantão nem deveria ter ido ao estacionamento Ciutat Vella. Agora Eugenia fazia um esforço sobre-humano. Respirava fundo para se sobrepor ao pânico, o dela. Olhava fixamente para o ator, escutava-o. Assim, se ficasse concentrada nele, evitaria males maiores. Evitaria olhar as pessoas que passavam ao lado. Era horrível, as pessoas tão perto. Se desviasse o olhar para a multidão, existia o perigo de que voltasse a sair correndo. O coração batia como um tambor, seus pulmões estavam a ponto de explodir. Ela sentia falta de ar.

Quando começaram a se mover, teve que pegar a mão daquele ator. Por sorte, o homem tinha uma estrutura corporal forte. Sem sua mão, Eugenia não teria sido capaz de andar no meio da multidão. Falava com aquele homem para tentar se acalmar. Tentava não se fixar nas silhuetas, nem nas sandálias, nem nas cores dos semáforos, nem nas vozes amplificadas que gritavam por cima da algazarra ambiental. Tudo aquilo era horroroso. Eugenia falava enquanto notava com uma angustiada nitidez as irregularidades das batidas de seu coração.

De mãos dadas com o ator, entrou no teatro Romea, foi ao bar. Continuou falando com ele, sem nem perceber o que estava dizendo. Foram ao camarim,

um pequeno quarto com um ventilador no teto. Não havia ar-condicionado, fazia muito calor. Em cima da mesa, um secador de cabelos do ano de María Castaña. O resto era como nos filmes: espelhos, lâmpadas brancas, pincéis, recipientes de maquiagem. “Você mesmo se maquia?”, perguntou ao ator, enquanto começava a recuperar, lentamente, vacilante, uma sensação de calma. O ator dizia e repetia que estava tonto. Mas ela notava a mão dele, seu corpo, como um pilar sólido no qual se sustentar. E o pobre estava convencido de que era ela que o estava ajudando! O mundo ao contrário.

Depois de um tempo, sentiu-se com forças para explicar os passos que continuariam para que ele perdesse os medos. O mundo ao contrário. Os mesmos passos que apenas umas semanas antes deveria ter seguido com o paciente Viladrich. Pegá-lo pela mão, sair de casa, caminhar pela rua Balmes, passear um trecho e no dia seguinte, outro trecho. Se ele tivesse medo de voar, disse ao ator, os dois iriam pouco a pouco até o aeroporto do Prat e passeariam por dentro de um avião que não tivesse que decolar. Depois pegariam juntos um voo, dois, três, quantos fossem necessários. O ator a escutava com uma expressão vazia, como a de alguém que espera uma tradução. Só estava assustado. Só tinha que recuperar a segurança perdida. Devia dramatizar muito as coisas. Devia ser um exagerado, como todos os atores. Mas acreditava no que dizia. Não estava mentindo. Que confusão, por um triste ataque de ansiedade. Parecia mentira que ninguém tivesse lhe ensinado que aquilo podia acontecer, que aquilo acontecia. Que diabos ensinavam no Instituto de Teatro?

A prova de fogo foi o espetáculo. Prova de fogo não para ele, mas para ela. O ator teria conseguido realizar a interpretação perfeitamente sem que Eugenia estivesse sentada na primeira fileira. Ainda assim, ela propôs porque achava que faria bem a ele, e também a ela. Nada de terapia cognitivo-condutiva para ela: terapia de choque diretamente. Tinha testado com algum paciente fazia anos, quando era mais temerária. Recordava-se do paciente J., obcecado pela ordem e que não tinha nem um objeto fora de lugar. Pois bem, Eugenia se apresentou um dia em sua casa e, sem duvidar, a desordenou. Tudo de pernas para cima. Começou pela cozinha: tirou os talheres das gavetas, colocou os copos sobre a mesa do escritório e esvaziou uma jarra de água sobre a mesa cheia de papéis (eram notas fiscais). Tirou os objetos das estantes dos móveis e os enfiou na pia e no bidê. A perplexidade do paciente J. era incrível. Tinha ficado muito bravo, tinha descarregado a raiva contra ela, até mesmo tinha batido nela. Não importava. Eugenia conseguira seu objetivo: cortara pela raiz a obsessão do

paciente pela ordem.

Não tinha repetido outras vezes terapias de choque como aquela, porque não queria que a agredissem e porque o diretor do centro, Antoni Bolinches, não via isso com bons olhos. Desde então, tinha feito tudo progressivamente: a terapia cognitivo-condutiva. Mas agora mesmo, na plateia do teatro Romea, a ponto de estar rodeada por centenas de pessoas, o que era um de seus piores pesadelos como agorafóbica (também do malogrado paciente Viladrich), agora mesmo era ela que estava fazendo a terapia de choque. Como reagiria quando o público entrasse na plateia? Também sairia correndo, como no estacionamento? Antes que abrissem as portas, tomou outro Diazepam. Por via das dúvidas, prometeu que, acontecesse o que acontecesse, não giraria a cabeça para trás. Em nenhum caso olharia a multidão sentada (uma decisão que manteve até hoje). Ela se concentraria no ator, como tinha feito nas Ramblas. Teoricamente, era o ator que estava se sentindo mal.

Apesar de que isso não ficou evidente em nenhum momento. Héctor Amat entusiasmou ao público durante a hora e meia que durou a peça. Uma hora e meia que pareceu eterna para Eugenia. Não pela obra, mas porque somente tinha vontade de se levantar e voltar para casa. Mas tinha que fingir que estava ali pelo ator, e foi o que fez. Houve um momento em que até riu. Riu pela primeira vez em três semanas. Certamente, pensou, a cura passava pelo riso. Aquele ator que imitava um homem bêbado, com andar vacilante, fazia qualquer um rir, quisesse ou não. Eugenia ainda não sabia que as tonturas não eram de propósito. No final, aplaudiu como todo mundo. E foi embora tão rápido que ainda não tinham acabado os aplausos. Assim, como as luzes não estavam acesas, ela não veria os rostos da plateia. Saiu pela porta lateral, a da esquerda, que dá para a chapelaria.

Portanto, salvou os papéis. Os dela e os dele. Tinha conseguido manter o pânico sob controle. E precisa reconhecer que se no dia seguinte falou ao ator que voltaria ao teatro Romea – “irei por via das dúvidas” – foi por puro egoísmo. Para ajudar, em primeiro lugar, a si mesma. Depois de tantos anos ocupando-se dos demais, já era hora de que ela se pusesse em primeiro lugar na lista de prioridades. Que ela se salvasse. Se um dia havia funcionado, se um dia tinha sido obrigada a estar fora de casa e entre a multidão do teatro, por que não podia tentar mais dias? Obrigar-se a sair de casa e a permanecer uma hora e meia entre centenas de espectadores seria, sem dúvida, a melhor terapia. Pouco a pouco deixaria de ser uma terapia de choque, uma terapia temerária das suas. Pouco a pouco, poderia ir reduzindo a dose de sedativos.

Sim, aquela atitude foi – e continua sendo – de puro egoísmo. Estes dias lembrou umas palavras que ouviu do psicoterapeuta alemão Bert Hellinger em um seminário que assistiu anos antes. As palavras dele ficaram gravadas porque faziam referência à empatia. Disse Hellinger: "Os psicoterapeutas absorvem a energia vital de seus clientes e se nutrem como vampiros. Isso é o que chamamos *empatia.* Naturalmente – prosseguiu –, também o cliente absorve do terapeuta. Ambos vão se esvaziando mutuamente." Naquele momento, Eugenia não concordou com aquela afirmação, por mais que Hellinger fosse uma autoridade mundial. Agora assume aquelas palavras de forma absoluta.

De manhã, Héctor Amat chega à consulta às onze. Para ela, o fato de saber que tem um paciente às onze a obriga a levantar cedo, a não cair no desleixo nem na prostração de Viladrich. A cada manhã, Eugenia tem que se esforçar e não se deixar vencer pela preguiça ou pelo esgotamento. Antes de chegar o paciente Amat, precisa ter a mente limpa e o esporte ajuda. Depois de uma noite, com frequência, de insônia, no qual chorou e descarregou a raiva contra a almofada vermelha, às vezes até que a primeira luz do dia cintile através da janela; depois disso, o que lhe apeteceria seria ficar dormindo. Receber a visita do paciente Héctor Amat a obriga a encontrar forças, a se vestir bem, a cheirar bem. Costuma usar casacos escuros e blusas de seda. Se Eugenia pudesse visitá-lo a cada manhã, Viladrich não teria terminado sendo prisioneiro de si mesmo e agora estaria vivo.

Há pontos em comum entre os pacientes Viladrich e Amat. Não no referente ao diagnóstico, obviamente. O paciente Amat não está tão mal. De fato, não está nada mal: as tonturas são uma consequência lógica da ansiedade. Apesar de que ele exagera, sem querer nem ser consciente disso, porque ganha algo com isso. Graças às tonturas, interpreta bem o papel. Os problemas de Héctor Amat tampouco são sexuais, coisa que para Eugenia é um descanso: não ter que falar de disfunções nem de ereções. Apesar disso, o homem tem pontos em comum com o paciente Viladrich: a mesma sensibilidade e a mesma maneira de se diminuir. Parece mentira que homens tão válidos vivam tão diminuídos. Ao extremo de que Héctor Amat, que é um ator excelente, segundo os críticos (há unanimidade entre eles; estes dias Eugenia leu muitas críticas pela internet e todos os críticos reconhecem que é o melhor ator catalão do momento e alguns, inclusive, o qualificam de "gênio"), acredita que não tem talento para ser ator e quer jogar a toalha.

É incrível, nascemos com todas as potencialidades, nascemos sendo deuses, e a sociedade nos diminui e nos esmaga várias vezes contra a mediocridade. As

ideologias, a educação, as religiões: unicamente diminuem o individual. E homens como Viladrich ou Héctor Amat, com um enorme potencial, e no caso de Héctor Amat, com muito espírito de superação – era um menino tímido –, duvidam de si mesmos até extremos doentios.

A ponto de acreditar, como é seu caso, que não poderá atuar sem ela sentada na primeira fila. É um pensamento mágico: o convencimento de que se a qualquer momento ele sofrer um ataque de ansiedade no palco, ela o ajudará. O paciente tem muito presente a história de outro ator, Daniel Day-Lewis, que um bom dia, no ano de 1989, enquanto interpretava *Hamlet* no National Theatre de Londres, sofreu um ataque de pânico, foi embora correndo e deixou a representação pela metade. Héctor Amat está convencido de que se ele tiver um ataque de ansiedade, ela subirá ao palco pela porta lateral, ficará oculta nos bastidores e depois o ajudará a recuperar a serenidade. Como se fosse tão fácil. Como se ela pudesse levantar-se no meio da peça, na frente de toda aquela multidão. Ela é que teria um ataque.

Em qualquer caso, essa suposição faz parte de sua imaginação, a dele. E as coisas não seriam assim. Se ele tivesse um ataque em pleno espetáculo, deixaria que passasse, e seguiria em frente! Eugenia tem dois ou três ataques por dia e deixa que passem, como aquela vez no supermercado. Talvez Héctor Amat permanecesse calado, coisa que os espectadores atribuiriam à embriaguez do personagem. E depois de uns segundos ou um minuto, recuperaria a serenidade perdida. Parece mentira que Héctor continue tendo este temor, quando em pleno espetáculo não sofreu nem um único ataque de ansiedade. Apesar disso, esta é sua crença limitadora: que não poderá atuar sem ela sentada na primeira fila. Uma crença que permite que continue e que “salve”, assim chama, as apresentações.

E Eugenia, como diria Bert Hellinger, se aproveita disso. Aproveita-se do pensamento mágico deste paciente, um pensamento mágico que a cada noite a obriga a sair de casa e descer pelo passeio de Gràcia até as Ramblas, até a rua do Hospital. Claro, antes de sair de casa se assegura de estar bem medicada. Uma pílula de Diazepam e, em algumas ocasiões, 25mg de Tofranil. Além disso, claro, do Escitalopram de manutenção que tomou durante todo o dia. Na bolsa leva as caixas dos três remédios: isso lhe dá tranquilidade. E também proporciona tranquilidade o fato de levar o celular com a bateria carregada, caso tenha que ligar para Laia Bové no meio do passeio de Gràcia. A princípio, Laia a acompanhava. Laia a levava pelo braço. Até que percebeu que era capaz de

descer sozinha. Ainda assim, há dias em que é toda uma proeza descer andando entre tantos corpos que se roçam, que se evitam, que se tocam entre si. Eugenia avança às cegas, consciente de que, quanto mais noites repetir isso, mais fácil acabará sendo. Mas só será mais fácil se for repetindo todos os dias. Se ficasse uns dias sem sair de casa, então não iria querer sair nunca mais.

Quando está no teatro Romea, procura não olhar para as pessoas. Cumprimenta o funcionário e, à sua maneira sonâmbula, chega ao bar, onde pede uma garrafa d'água. Sabe que, enquanto anda, está sendo observada pelo paciente Amat. Organizou-se para poder vê-la através de um pequeno monitor de televisão no camarim: diz que isso o tranquiliza. "O efeito santuário." São estranhos, estes atores. Um dia dizem uma coisa como uma piada, e convertem isso em uma rotina.

Digamos, o efeito santuário existe, Eugenia não inventou. Mas que faça efeito no ator olhando-a através do monitor é outra coisa. Faz parte de seu pensamento mágico. Um pensamento mágico que ela não apenas respeita, mas estimula. Precisa reconhecer que gosta de se sentir observada. Sentir-se observada enquanto entra no teatro Romea, enquanto faz hora olhando as fotos históricas do saguão, ou fingindo que olha, já que está totalmente sedada; sentir-se observada a obriga a manter a moderação e a não fazer o que lhe apeteceria: sentar-se no sofá do saguão e fechar os olhos. Nos fins de semana, que é quando há mais gente e o ambiente é mais festivo, aproveita para tomar uma taça de cava.

Quando começa *Suave é a noite*, por fim se esquece de si mesma. Como diria o ator: que cansativa é a própria personalidade! Bem antes de começar a peça, Eugenia superou a prova de fogo: a entrada do público na plateia. Os espectadores entram atropelando-se, de repente, como as senhoras que a cada ano, no dia em que começam os descontos, esperam a abertura das portas de grandes lojas da praça Catalunha. Mas ela já entrou antes. É uma das primeiras. Durante o espetáculo, só vê com clareza os dois ou três espectadores que estão sentados a seu lado, que costumam ser peixes gordos ou autoridades que acudiram com convite. Costuma ser gente soberba e isso é bom para Eugenia: não se vê capaz de manter uma conversa. Ela só faz o papel de espectadora.

Sabe que, seguindo a obra atentamente, com entusiasmo, ajuda os atores. Porque quando ri forte e com vontade, o resto do público se une. Também é um riso egoísta, o seu. Se sua risada é contagiante, se o público se diverte, se sai com a convicção de que a obra é magistral, e é, e os atores também, sobretudo

Héctor, se o público sai contente recomendará a peça e o boca a boca fará com que o teatro Romea continue cheio. Portanto, *Suave é a noite* continuará em cartaz por uma boa temporada. E isso convém a ela. Convém que o ator Héctor Amat continue precisando dela. Convém continuar vindo.

Quando acaba a peça, da mesma forma que no primeiro dia, aplaude brevemente e sai antes que o público se levante. A plateia ainda está às escuras, não vê as caras. O efeito do sedativo foi diminuindo e não suportaria ver tanta gente. De modo que, como faz Héctor Amat quando comete um erro grave, escapa pela porta lateral e vai embora para evitar se encontrar com a multidão. Volta para casa de táxi, lembrando alguns momentos da peça para comentar na manhã seguinte, na consulta, com Héctor.

Sua cena favorita é a do jantar. Uma cena na qual ela experimenta uma estranha melancolia. Mostra os protagonistas jantando em Villa Diana, com um monte de convidados. O cenário está na penumbra, há muitos candelabros. Eugenia gosta da alegria cordial que se estabelece ao redor da mesa. Atualmente, para ela, jantar com gente é algo impossível.

Gente, além do mais, que representa que está se divertindo. Durante o jantar, o doutor Diver, quer dizer, Héctor, se torna cálido, luminoso, expansivo. Nada a ver com o homem carente de mistério que ela viu no consultório. No palco, Héctor se transforma e subjuga todo mundo. Subjuga ela, para começar. Eugenia sente admiração por seu talento, não pode evitar; cada vez gosta mais deste homem; admiração é o que nunca tinha sentido por Borja. Mas Héctor, naturalmente, não a subjuga apenas. Também subjuga o público. E inclusive subjuga o resto dos atores: ao final do jantar, os rostos dos outros atores se viram para ele. E todos ficam babando, porque sabem que ele é o melhor. Como diz a voz em *off* do vídeo que fecha a cena – uma voz em *off* que acompanha o texto de Scott Fitzgerald –, os rostos dos convidados olhando para ele são “como os rostos das crianças pobres olhando uma árvore de Natal”.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
PRIMEIRA PARTE
SEGUNDA PARTE
RUA DE GRÀCIA, 1, 4º